



volume 7

ninguém faz melhor

gossip girl

Cecily von Ziegesar

"*Sex and the City* para jovens." - TEEN PEOPLE

"*Gossip girl* seria mais uma história de amor e intrigas entre adolescentes não fosse a dose cavalgar de sarcasmo que contém." - O ESTADO DE S. PAULO

"Os livros são gostosos de ler, divertidos e ao mesmo tempo cruéis." - JORNAL DO BRASIL

"O próprio livro tem o efeito de uma fofoca - uma vez que você comece a ler, é difícil de largar." - PUBLISHERS WEEKLY

"Vai resistir?" – CAPRICHIO

Bem-vindos a Nova York, onde eu e meus amigos moramos em apartamentos enormes e fabulosos, vestimos roupas fashion dos melhores estilistas e estudamos em exclusivas escolas particulares. Nós nem sempre somos as pessoas mais legais do mundo, mas compensamos no gosto e na aparência.

Entre no mundo de Gossip Girl – um mundo de jovens fabulosos; um mundo de ciúmes, traições e comportamentos ousados.

www.gossipgirl.net

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Só faltam duas semanas para a gente decidir para qual universidade vai - para aqueles de nós que têm opção. Enquanto isso, estamos ocupados dominando a arte de não levar bomba em nosso *ultimíssimo* ano do Ensino Médio, enquanto passamos o menor tempo possível realmente na escola ou fazendo o dever de casa. Se você encontrar um grupo de meninas perfeitamente penteadas, com os uniformes listrados de azul e branco da escola espalhados, deitadas no Sheep Meadow do Central Park com seus biquínis lindinhos Malia Mills, somos nós. E se você encontrar um grupo de meninos sem camisa, com as calças cáqui enroladas e descalços, os relógios platinados Cartier reluzindo nos braços bronzeados e malhados do lacrosse, são nossos namorados. E tudo bem, tá legal, são só onze da manhã de uma sexta-feira e devíamos estar na educação física ou na aula de francês, mas estamos chegando perto do final do ano mais difícil de nossas vidas e temos muita energia sobrando pra gastar, então dá uma folga pra gente, tá legal?

Melhor ainda, junte-se a *nós*.

No caso de você ter ficado escondido debaixo de uma pedra em algum lugar e ainda não nos conhecer - existe alguém assim? -, somos as beldades do pedaço, as princesas e príncipes do Upper East Side de Nova York. Na maior parte do tempo, vivemos em apartamentos de cobertura naqueles prédios com porteiros pomposos na Parkou na Quinta Avenida, ou em casas na cidade que tomam meio quarteirão. No resto do tempo estamos em uma de nossas casas "de campo", cujo tamanho e localização variam de condomínios em Connecticut ou nos Hamptons a castelos medievais na Irlanda e *villas* à beira-mar, em St. Barts. Nos dias úteis, temos aula - *eca* - em uma das escolas particulares exclusivas, pequenas e que exigem uniforme em Manhattan. Nos fins de semana, pegamos *pesado*, em especial agora que o clima está ótimo e nossos pais estão viajando de iate, de jatinho ou de carro com motorista, deixando que nós, os filhos loucos, façamos o que quisermos.

E o que mais queremos exatamente agora é uma de nossas palavras preferidas de quatro letras. Você pode não fazer, mas definitivamente fala nisso. *Todo mundo* fala nisso. E alguns de nós fazemos. Em especial...

O CASAL QUE PODE MUITO BEM SE CASAR

Eles dormem juntos, comem juntos e começaram a usar as roupas um do outro, como se não dessem a mínima para a pilha de roupas amarrotadas dele-e-dela ao lado da cama e

se limitassem a enfiar o que estivesse mais próximo, sabendo que logo tirariam de novo. Nenhum dos dois consegue ir a lugar nenhum sozinho sem que as pessoas perguntem, "Cadê...?", como se fosse totalmente inacreditável que eles passassem mais de trinta segundos separados. Eu sei, já posso ouvir suas sacanagens. Tipo assim: que tédio que é ter só um namorado. Mas vamos encarar a realidade, eles definitivamente fazem mais do que só *falar* naquela palavra de quatro letras, o que é mais do que podemos dizer do restante de nós.

Seu e-mail

P: CaraGG,

Meu pai é produtor de cinema independente e está em Cannes agora para o festival. Todo mundo está falando do documentário sobre "adolescentes privilegiados de Nova York", mas ninguém sabe quem fez. Primeiro, você está no filme? Segundo, foi você que fez?
- LAgirl

R: Cara LAgirl,

Não posso responder à sua primeira pergunta porque ainda nem vi o filme, mas me parece estranhamente familiar... Uma certa garota de cabeça raspada estava seguindo todo mundo por aí com uma câmera semanas atrás... Quanto a sua segunda pergunta... Eu mal consigo tirar fotos com meu celular!
- GG

Flagras

S depois da meia-noite, indo na ponta dos pés para a caixa de correio na calçada de seu prédio na **Quinta Avenida** com os braços cheios de grandes envelopes com o timbre de várias universidades. Ela usava uma camisola azul-bebê Cosabella que mal cobria sua famosa e linda bunda (para deleite dos porteiros e de todos os taxistas presos no trânsito), mas voltou de mansinho para dentro sem colocar nada na caixa. Deve ser difícil tomar uma decisão sobre o ano que vem quando ela entrou para todas as universidades a que se candidatou, e talvez até algumas que ela nem conhecia! **C** levando suas botas pretas militares medonhas para o **Tod's** para uma faxinazinha. Ele vai ser o primeiro cadete do mundo a usar botas com pompom cor-de-rosa. **D** e **J** brigando no espelho da **H&M**. Olha como apareceu uma rivalidadezinha entre irmãos, agora que os dois são famosos. **V** em um cybercafé em **Williamsburg** trocando mensagens instantâneas com uns estranhos. Essa garota não sabe o que é medo. **K** e **I** se regalando e tramando alguma no Jackson Hole. Ai, meu Deus, o que é agora? Nenhum sinal de **N** nem de **B**... Mas que coisa, eles não enjoam um do outro? E se tiverem de se separar no ano que vem?

Decisões, decisões... Onde estaremos todos daqui a exatamente um ano? Será que podemos sobreviver uns sem os outros? Procure não pirar - ainda. Você sabe onde me encontrar, caso precise de ajuda, ou de companhia, ou se quiser me convidar para uma daquelas festas surpresas que os veteranos costumam dar no terraço no final do ano.

Você sabe que eu te adoro,

gossip girl

o quarto de n é 100% puro amor

- Acorda! - Blair Waldorf arrancou o edredom xadrez Black Watch e o deixou cair no chão ao lado da cama antiga. Nate Archibald estava esparramado no colchão, de bruços, nu e muito relaxado. Blair se sentou ao lado dele e quicou na cama com a maior força que pôde. Nate continuou de olhos fechados enquanto o movimento implacável de Blair balançava o cabelo castanho-claro dele. Por que o s-e-x-o a deixava tão *ligada* e Nate tão *desligado*?

- Tô acordado - murmurou. Ele abriu um dos olhos verdes brilhantes e de imediato se sentiu mais acordado do que estava há um segundo. Blair também estava nua, todo o metro e sessenta de Blair, dos dedos dos pés com as unhas pintadas de coral aos cachos castanhos do cabelo de duende que estava crescendo. Blair tinha o tipo de corpo que ficava ainda melhor nu do que vestido. Macio sem ser gordo, e mais delicado do que deixavam ver as roupas que ela costumava usar, jeans elegantemente vincados e cardigãs de cashmere ou vestidos curtos, pretos e apertados. Ela ainda era um pé no saco para ele, mas eles se apaixonaram e desapaixonaram muitas vezes desde os 11 anos de idade, e ele queria ficar nu com ela por mais tempo. Era bem típico de Blair levar seis anos e meio para parar de lutar contra ele e finalmente transar.

E, depois que eles transaram, não conseguiam *parar* de transar.

Nate estendeu a mão e a puxou para cima dele, beijando-a ao acaso e com ferocidade porque ela finalmente era *dele*, toda dele.

- Ei! - Blair deu uma risadinha. As cortinas Roman de seda azul estavam erguidas e as janelas, abertas, mas ela não se importava que alguém os visse ou ouvisse. Eles estavam apaixonados, eles eram bonitos e loucos por sexo. Se alguém ficasse olhando, era só porque tinha uma inveja braba.

Além disso, Blair gostava de atenção, mesmo que de pervertidos do tipo *A vítima do medo* que por acaso os estivessem espionando pelos vidros laminados de dourado das janelas das casas vizinhas.

Eles se beijaram por um tempo, mas Nate estava cansado demais para fazer mais alguma coisa. Blair rolou de cima dele e acendeu um cigarro, dando uns tragos a Nate de vez em quando, como os atores de *Acossado*, o filme em preto-e-branco supercool que ela vira naquele dia na aula de francês. A protagonista loura estava sempre tão chique e linda e nunca estava sem batom. Só o que as pessoas no filme faziam o dia todo era andar de Vespa, transar, se sentar em cafeterias e fumar. É claro que sempre estavam lindos. Mas Blair tinha de manter as notas altas se quisesse sair da lista de espera de Yale, e com a escola, o dever de casa e o sexo com Nate todo dia depois da aula, mal havia tempo para se produzir. O cabelo castanho e ondulado de Blair estava embaraçado e suado, os lábios, rachados dos beijos prolongados e da aplicação pouco freqüente de brilho, e ela não arrumava a sobrancelha há dois dias inteiros. Não que ela realmente ligasse para isso. Sacrificar um pouco dos cuidados pessoais para transar valia totalmente a pena. Além de tudo, ela leu em algum lugar que uma hora de sexo queimava 360 calorias, então, mesmo que ela estivesse meio desgrenhada, pelo menos estava magra!

Ela estendeu a mão e sentiu os fios crescendo entre as sobrancelhas escuras e primorosamente arqueadas. Tudo bem, então talvez ela ligasse só um *pouquinho*, mas ela podia pegar um táxi a qualquer hora e ir até a Elizabeth Arden para depilar a sobrancelha. Tirando esses fiozinhos, Blair nunca se sentiu tão feliz. Depois de finalmente transar com Nate quase duas semanas antes, ela era uma mulher completamente renovada. A única nuvem escura em seu céu cor-de-rosa era o fato irritante de que ela ainda estava na lista de espera de Yale. Como exatamente Blair e Nate iriam ficar juntos toda tarde se ela tivesse que ir para Georgetown, em Washington - a única universidade que realmente a aceitara- e ele fosse para Yale em New Haven, em Connecticut, ou para a Brown, em Providence, Rhode Island, ou em uma das outras ótimas universidades em que ele conseguira entrar de forma tão injusta? Não que ela fosse amargurada,mas Nate apareceu chapado nos testes de aptidão do SAT, não fez nenhum curso avançado e mal conseguiu uma média B, enquanto ela fez todos os cursos avançados oferecidos pela Constance Billard, tinha conseguido 1490 no teste SAT e sua média era quase A+.

Tá legal, então talvez ela estivesse *ligeiramente* amargurada.

- Se eu entrasse para o Corpo da Paz e passasse alguns anos abrindo esgotos e fazendo sanduíches para crianças famintas, tipo assim, no Rio de Janeiro, então Yale *teria* de me aceitar, não teria? - perguntou ela em voz alta.

Nate sorriu. Essa era uma coisa em Blair que ele adorava. Ela era mimada, mas não preguiçosa. Ela sabia o que queria e, como acreditava completamente que podia ter *tudo* o que quisesse se tentasse com bastante afinco, ela nunca parava de tentar.

- Eu soube que todo mundo fica doente no Corpo da Paz. E você tem que falar a língua dos nativos.

- Então eu vou para a França. - Blair soprou a fumaça do cigarro no teto. - Ou para um daqueles países africanos onde falam francês. - Ela tentou se imaginar conversando com os nativos em uma aldeia africana árida enquanto equilibrava na cabeça um pote de barro com leite de cabra fresco e vestia um caftã elaboradamente tingido que podia ser sumamente sensual se estivesse amarrado nos lugares certos. Ela teria um bronzado de matar e nada além de ossos e músculos de todo o trabalho pesado e as doenças intestinais terríveis. As crianças clamariam aos joelhos dela pelos chocolates Godiva que ela encomendaria para eles, e ela lhes sorriria serenamente como uma Madre Teresa linda e sem rugas. Quando voltasse aos Estados Unidos, ganharia um prêmio de melhor voluntária do Corpo da Paz, ou até o prêmio Nobel da Paz. Ela jantaria com o presidente, que lhe escreveria uma recomendação a Yale, e depois toda Yale se apaixonaria perdidamente por ela.

Nate tinha certeza absoluta de que o Corpo da Paz só prestava auxílio em países do Terceiro Mundo, e não em lugares economicamente desenvolvidos como a França, e de jeito nenhum Blair duraria mais de meia hora em uma aldeia africana remota onde não tinham nem Sephora nem descarga na privada. Pobre Blair. Era totalmente injusto que ele tenha entrado para Yale sem sequer tentar, enquanto ela, que queria ir para Yale desde que tinha 2 anos de idade, ficara na lista de espera. E, depois, Nate estava acostumado a conseguir as coisas sem precisar se esforçar.

Ele apoiou a cabeça na mão e afagou ternamente o cabelo escuro de Blair, tirando-o da testa.

- Se você não souber logo que vai para Yale, eu prometo que não vou para lá - jurou ele. - Eu fico feliz na Brown ou qualquer outra.

- É mesmo? - Blair esmagou o cigarro no cinzeiro de mármore em forma de veleiro ao lado da cama de Nate e passou os braços em volta do pescoço dele. Nate era de longe o melhor namorado que uma garota podia pedir. Ela não conseguia entender por que terminou com ele, não uma só, mas várias vezes.

Porque ele a traiu várias vezes?

Só o que Blair sabia agora era que ela jamais quis sair do lado de Nate. Ela pousou o rosto em seu peito forte e nu. Agora que pensava no assunto, mudar-se para a casa dos Archibald não era uma idéia tão ruim, uma vez que no momento a casa dela não era exatamente um episódio de *Seventh Heaven*. A mãe de Blair tinha dado à luz sua irmãzinha há pouco mais de duas semanas e agora estava sofrendo de uma grave depressão pós-parto. Bem nesta manhã, Blair tinha deixado a mãe chorando com um DVD mandado por uma fazenda de alpaca peruana. Ao que parecia, se você adotasse um rebanho de filhotes de alpaca, podia tecer cobertores e suéteres com a lã dos animais de seu rebanho. A irmãzinha de Blair logo seria a nova proprietária orgulhosa de um cobertor de alpaca branco e peludo que seria completamente inútil em todo o longo verão e provavelmente pelo resto da vida dela, a não ser que quando adolescente ela entrasse num barato hippie de que coisas chiques são feitas a mão, fizesse um buraco no cobertor para a cabeça e o usasse como poncho.

Quando ainda estava grávida, a mãe pediu a Blair para dar o nome ao bebê e, por devoção à sua universidade preferida, Blair escolheu o nome Yale. Agora a bebê Yale servia como um lembrete vivo, respirante e barulhento de que, mesmo com o histórico atordoante de Blair, a universidade a havia rejeitado. Pior ainda, a neném tinha se apoderado do quarto de Blair e ela foi obrigada a dormir no quarto do meio-irmão Aaron até que fosse para a faculdade no outono. Aaron era um rastafári vegetariano que adorava cachorros, então o quarto dele tinha sido decorado de uma parede a outra com produtos orgânicos e ecologicamente corretos em tons de berinjela e salva. Para dar um toque de insulto à injúria, o gato de Blair, Kitty Minky, passou a fazer xixi nas almofadas encapeladas de cevada e vomitar nos tapetes de alga marinha, como tentativa de livrar o quarto do cheiro do cachorro de Aaron, um boxer babão chamado Mookie.

Totalmente nojento.

Mude-se para a casa de Nate. Blair não sabia por que não tinha pensado nisso antes. Uma mãe maluca, um quarto ensopado de xixi de gato e uma irmãzinha recém-nascida chamada Yale não contribuíam exatamente para os estudos ou para ter s-e-x-o. Era simplesmente natural procurar outras acomodações. É claro que sempre havia a casa de Serena, mas elas tentaram isso antes e acabaram brigando. Além disso, Serena não podia oferecer grande coisa no quesito s-e-x-o.

A não ser que aqueles velhos boatos fossem mesmo verdade...

Nate passou as mãos preguiçosamente pelas costas nuas de Blair.

- Já pensou em fazer uma tatuagem? - perguntou ele do nada, enquanto acompanhava as linhas das omoplatas da namorada.

A não ser por um breve período na reabilitação no início do ano, Nate ficava chapado a maior parte do dia, todo dia, desde que tinha 11 anos, e Blair estava acostumada com as perguntas que ele fazia ao acaso. Ela franziu o nariz ligeiramente arrebitado para a idéia de ter uma cicatriz grande e cheia de tinta preta.

Que nojo - respondeu ela. - Isso é pra atrizes que parecem fedorentas, como Angelina Jolie.

Nate deu de ombros. Ele sempre achou loucamente sensuais as tatuagens pequeninhas e cuidadosamente escolhidas nos lugares certos. Um gatinho preto entre as omoplatas de Blair, por exemplo, combinaria totalmente com ela. Mas antes que ele tivesse a oportunidade de levar a idéia um pouco mais adiante, Blair mudou de assunto de repente.

- Nate? - Ela aninhou o rosto na clavícula perfeita e máscula dele. - Você acha que seus pais se importariam se eu ficasse...? - Antes que pudesse terminar a frase, a campainha tocou lá embaixo.

A ala pessoal de Nate na casa ocupava todo o andar de cima, e tinha sua própria campainha.

Ele se afastou de Blair rolando e se colocou de pé.

- Oi - disse ele, apertando o botão do interfone.

- Entregador! - gritou Jeremy Scott Tompkinson com a voz rouca de doidão dele. - Rápido, enquanto ainda está quente!

Nate ouviu risos e outras vozes ao fundo. Blair esperou que Nate dissesse a todos que fossem embora. Em vez disso, ele apertou o botão para destrancar a porta e deixá-los entrar.

- Eu devia me vestir - observou Blair, ríspida. Ela escorregou para fora da cama e marchou para o banheiro da suíte de Nate. Como ele podia ser inteligente o bastante para entrar para Yale e tão burro para entender que convidar os amigos chapados a subir a seu ninho de amor vaporoso estragaria totalmente o clima?

Não que Yale tenha aceitado Nate pela inteligência dele: a universidade precisava de alguns bons jogadores de lacrosse. E ponto.

Pelo menos Blair tinha uma desculpa para usar o delicioso sabonete líquido de sândalo L'Occitane que a empregada mantinha no banheiro de Nate. Ela se secou em uma espessa toalha azul-marinho Ralph Loren, vestiu a minúscula calcinha de seda rosa Cosabella, fechou a saia do uniforme de primavera listrado de azul e branco da Constance Billard School e fechou dois dos seis botões da blusa de linho branco Calvin Klein de manga três quartos. Sem sutiã e descalça, era o visual perfeito de minha-namorada-acaba-de-sair-do-banheiro-e-poderiam-por-favor-ir-em-bora? Com alguma sorte, os amigos de Nate entenderiam a dica e dariam o fora. Ela penteou os cabelos molhados com os dedos e abriu a porta do banheiro.

- *Bonjour!* - Uma garota peituda, de cabelo preto e perna comprida da L'École recebeu Blair da cama de Nate. Blair já vira a garota antes nas festas. O nome dela era Lexus, Lexique ou outra coisa igualmente irritante, uma menina de 16 anos do primeiro ano que trabalhou um pouco como modelo quando era criança, em Paris, e agora estava tentando aperfeiçoar o visual francês puta-hippie. Lexique, cujo nome na verdade era Lexie, estava com um vestido de algodão drapeado lavanda e amarelo-mostarda tingido a mão que parecia feito em casa, mas na verdade foi comprado na Kirna Zanete por 450 dólares, e aquelas sandálias horrorosas de pastor de ovelha paquistanês sem saltos da Barneys que todo mundo, menos Blair, parecia achar bacana esse ano. O rosto de Lexie estava sem maquiagem e ela aninhava um violão nos braços esqueléticos. Na cama, ao lado dela, havia um Ziploc cheio de maconha.

Mas que rebelde. A maioria das meninas da L'École nunca ia a lugar nenhum sem um maço de Gitanes, batom vermelho e saltos.

- Os meninos estão fumando um no telhado - explicou Lexie. Ela passou o polegar pelas cordas do violão. - *Alors*, quer improvisar comigo até eles voltarem?

Improvisar?

Blair franziu o nariz com mais ênfase ainda do que quando pensou em fazer uma tatuagem. Ela estava *tão* fora da galera doidona, tocando-violão-e-rindo-das-observações-chapada-stotalmente-idiotas-dos-amigos, e não queria mesmo ficar com essa garota, Lexique, que obviamente pensava que era a francesa mais cool de Nova York. Ela queria mesmo era ver as reprises de *Oprah* no Oxygen em seu quarto cheio de xixi de gato enquanto a mãe delirante chorava com os bebês de alpaca.

Alguém tinha enfiado um incenso de âmbar aceso no salto de cortiça das novas sandálias de tecido verde-menta Christian Dior de Blair. Ela pegou o incenso e o colocou em uma das vigias dos amados modelos de veleiro de Nate na mesa dele. Depois fechou as sandálias e mais alguns botões da blusa e pegou a bolsa Gucci de bambu.

- Diga ao Nathaniel que fui para casa, por favor – instruiu ela rispidamente.

- Paz! - Lexie saudou Blair com uma alegria de doidona. - *Au revoir!* - Uma tatuagem de sol, lua e estrelas estava estampada na omoplata de Lexie.

Foi daí que veio o súbito interesse de Nate por tatuagens?

Blair marchou escada abaixo e saiu para a rua 82. Já parecia verão. O sol ainda levaria duas horas para se pôr, e o ar tinha cheiro de grama recém-aparada do Central Park ali perto, e dê loção de bronzear de todas as meninas seminuas que corriam para seus apartamentos na Park Avenue. Um bando de candidatos a Nate-e-Jeremy do 1º ano do St. Jude adejava perto da campainha na calçada em frente à casa de Nate. Um deles tinha um violão pendurado no ombro.

- *Bien sûr*. Sobe aí! - Blair ouviu Lexie dizer a eles pelo interfone, como se morasse ali.

A casa de Nate parecia atrair toda a galera chapada do Upper East Side como uma espécie de magneto espiritual. E Blair jurou que não ia ligar - na verdade, ela não ligava -, desde que não tivesse que ficar sentada por ali vendo todo mundo *improvisar*. Depois de tudo pelo que ela e Nate passaram UTI, Blair sabia que desta vez ia ser diferente. Eles estavam juntos espiritualmente, e agora também fisicamente, o que significava que ela podia deixá-lo só, sentindo-se perfeitamente confiante em que ele nem sequer sonharia em traí-la.

Ela desceu a 82 na direção da Quinta Avenida, verificando os recados de Nate no celular em cada esquina. Obviamente ele agora ligava a cada segundo. Como todas as mulheres possessivas, agressivas e obsessivas, ela preferia pensar que Nate não viveria sem ela. Mas, se ele vivesse, ela ia ficar totalmente maluca.

a pequena diva dá um bom conselho à grande diva

- Deram cinco páginas duplas pra gente - explicou Serena van der Woodsen quando folheava a recém-saída edição de junho da revista *W*. - São dez páginas inteiras! - O mundialmente famoso estilista de moda Les Best acabara de mandar a revista ao apartamento dela por um mensageiro, com um bilhete que dizia: "*Como sempre, você é fabulosa, querida. E a sua amiga gostosinha de cabelo escuro também!*"

A suposta gostosinha de cabelo escuro, a menina de 14 anos Jenny Humphrey, tentava desesperadamente não fazer xixi nas calças. Serena, a garota mais cool da Constance Billard e modelo totalmente famosa e linda do Upper East Side, na verdade tinha pedido a *ela* para ir lá depois da aula de hoje. Agora ela estava sentada no quarto enorme e espantosamente antiquado de Serena - o santuário particular dela - *na cama dela*,

folheando a mais recente edição da revista mais cool do mundo, procurando por páginas que mostrassem *as duas* de modelo tipo de estilista de roupas maravilhosas que Jenny sempre olhou desejosa nas lojas, mas nunca sonhou que realmente usaria. Era tão irreal que ela mal conseguia respirar.

- Olha aqui! - guinchou Serena, cutucando a página com o dedo longo e magro. - Não parecemos umas safadas?!

Jenny se curvou mais para perto para ver, sentindo feliz o cheiro doce do óleo essencial de patchouli feito sob encomenda para Serena. No colo perfeito de Serena estavam duas páginas das duas meninas vestidas da cabeça aos pés em roupas Les Best, andando pela praia num buggy, a roda-gigante de Coney Island avultando atrás delas, toda iluminada. O estilo da foto era tipicamente Jonathan Joyce - o überfamoso fotógrafo de moda que tinha feito as fotos -, totalmente natural e sem pose, como se ele tivesse pego por acaso as duas meninas andando de buggy e se divertindo na praia ao pôr-do-sol. Na verdade, elas pareciam safadas naquelas leggings malucas turquesa e pretas, colete turquesa sobre sutiãs de biquíni branco e botas *go-go* brancas até os joelhos com saltinhos. Os cabelos voavam para trás, as unhas estavam pintadas de branco, os lábios num rosa algodão-doce, e havia penas de pavão penduradas nas orelhas. Era tudo totalmente retrô anos oitenta/futurista/vanguarda, e absurdamente cool.

Jenny não conseguia tirar os olhos da revista. Ali estava ela, *em uma revista*, e pela primeira vez na vida seu peito enorme não era o foco da imagem. Na realidade, as duas pareciam tão frescas e puras que a foto era quase *saudável*. Estava além do que Jenny podia esperar. Era celestial.

- Adoro a cara que você fez - observou Serena. - É como se você tivesse acabado de beijar ou coisa assim.

Jenny riu, sentindo mesmo como se *tivesse* sido beijada.

- Você também está linda.

Epa, olha só quem tem uma quedinha pela Serena - de todas as pessoas do universo! Mas a quedinha de Jenny era a mais profunda de todas: ela na verdade queria *ser* Serena. E o que Serena tinha e faltava a ela era um passado questionável - aquele ar sedutor de mistério.

- Parece que faz séculos que você foi expulsa do internato - aventurou-se Jenny com ousadia, os olhos fixos na revista.

- Eu estava preocupada de nunca conseguir entrar para nenhuma faculdade por causa disso tudo - suspirou Serena. Se eu soubesse que ia conseguir entrar para todas, nunca teria me candidatado a tantas universidades.

Coitadinha. Se todos nós tivéssemos esse problema...

Você gostou do internato? - insistiu Jenny, virando-se para ver Serena com os grandes olhos castanhos. - Quer dizer, mais do que ir a uma escola na cidade?

Serena se deitou de costas na cama de baldaquino e olhou o dossel branco no alto. Ela tinha 8 anos de idade quando ganhou a cama e se achava uma princesinha toda noite quando ia dormir. Na realidade, ela ainda se achava uma princesa, só que maior.

Adorei sentir como se fosse dona da minha vida, longe dos meus pais e dos amigos que eu conhecia praticamente desde que nasci. Gostei de ir à escola com meninos e de comer com eles no salão de jantar. Gostei de ter uma turma inteira de irmãos. Mas senti falta do meu quarto e da cidade, e dos fins de semana de balada. - Ela tirou as meias de algodão

branco e as atirou pelo quarto. - E eu sei que parece coisa de garotinha mimada, mas senti falta de ter uma empregada.

Jenny assentiu. Ela gostava da idéia de comer em um salão de jantar com um bando de meninos. Gostava muito. E ela nunca teve empregada, então não tinha como sentir falta disso.

- Acho que foi uma boa preparação para a faculdade disse Serena, pensativa. - Quer dizer, se eu realmente decidir *ir* para uma faculdade.

Jenny fechou a revista e a segurou no peito.

- Pensei que você fosse para a Brown.

Serena puxou da cara um travesseiro de penas e o colocou novamente. Era mesmo necessário responder a tantas perguntas? De repente ela, meio que queria não ter convidado Jenny.

- Não sei para onde eu vou. Posso nem ir. Sei lá – murmurou ela, atirando o travesseiro no chão, perto das meias. Seus cabelos cor de linho formavam um leque perfeito em volta do rosto impecavelmente cinzelado, enquanto ela olhava para o céu com seus enormes olhos azuis. Ela era tão adorável que Jenny meio que esperava que um bando de pombas brancas voassem de sob a cama.

Serena pegou o controle remoto do aparelho de som na mesa-de-cabeceira e ligou um CD antigo dos Raves que ela andava ouvindo muito ultimamente. O CD tinha sido lançado no verão passado e a fazia lembrar de uma época em que ela estava completamente despreocupada. Ainda não tinha sido expulsa do internato. Não tinha pensado em se candidatar a uma universidade. Nem mesmo tinha começado a trabalhar como modelo.

- O que tem de tão bom na Brown? - perguntou ela em voz alta, embora seu irmão Erik estivesse lá e fosse se chatear muito se ela decidisse não ir. Além disso, ela conhecia um pintor latino muito gato na Brown que ainda era totalmente apaixonado por ela. Mas e Harvard, e aquele guia sensível e míope que também era apaixonado por ela? Ou Yale e os Whiffenpoofs, que compuseram uma música para ela? E sempre havia Princeton, que ela ainda nem visitara. Afinal, ficava mais perto da cidade. - Talvez eu deva adiar por um ou dois anos, ter meu próprio apartamento. Trabalhar um pouco como modelo e talvez tentar atuar.

- Ou podia fazer as duas coisas. Como a Claire Danes - sugeriu Jenny. - Quer dizer, depois que você parar de estudar, provavelmente vai ser bem difícil voltar.

Como se você soubesse, Madaminha Prestativa.

Serena rolou da cama e ficou de frente para o espelho de corpo inteiro pendurado atrás da porta do armário. Ela amarfanhou a blusa turquesa Marni e o uniforme listrado azul e branco da Constance Billard ficou pendurado de lado nos quadris. Nesta manhã ela estava atrasada, como sempre, e foi correndo para a escola, soltando os tamancos Miu Miu com salto de camurça e caindo de cara na calçada. Agora o esmalte brilhante no dedão do pé esquerdo estava lascado e um hematoma roxo e amarelo se instalara no joelho direito.

Que confusão - reclamou ela.

Jenny não sabia como Serena conseguia se postar diante do espelho todo dia sem desmaiar de tão maravilhada com a própria perfeição. Que alguém tão perfeito como Serena pudesse ter *problemas* era totalmente impensável.

- Tenho certeza de que você vai se decidir - disse ela à menina mais velha, de repente se distraíndo com uma foto de Erik van der Woodsen, o irmão mais velho e gato de Serena,

apoiada na mesa-de-cabeceira em um porta-retrato de prata da Tiffany. Alto e desengonçado, com o mesmo cabelo louro-claro, em mechas desgrenhadas emoldurando o rosto, Erik era a versão masculina de Serena. Os mesmos olhos azuis enormes, a mesma boca cheia que formava uma covinha nos cantos, os mesmos dentes brancos e perfeitos e o queixo aristocrático. Na foto, ele estava de pé em uma praia rochosa, bronzeado e sem camisa. Jenny aproximou os joelhos. Aqueles músculos do peito, aquela barriga, aqueles braços - ah! Se o internato estava cheio de meninos com metade da beleza de Erik van der Woodsen, ela podia se matricular!

Calminha aí, vaqueira.

O iMac rosa de Serena bipou, indicando que ela acabara de receber um e-mail.

- Deve ser de um dos nossos fãs - brincou Serena, embora Jenny achasse que ela estava falando a sério. Serena foi até a escrivaninha antiga, mexeu o mouse e clicou no e-mail mais recente.

Para: SvW@vanderwoodsens.com

De: Sheri@PrincetonTriDs.org

Cara Serena,

Nossa irmandade venera totalmente Les Best e algumas de nós vamos ao desfile dele em Nova York nesta primavera, então você pode imaginar como ficamos completamente emocionadas quando soubemos que você está pensando em vir para Princeton neste outono. Se vier, terá de se tornar uma Tri Delta. Já temos todas aquelas idéias maravilhosas para levantar fundos para este ano, inclusive um desfile de Les Best em benefício do Wild Horses de Chincoteague, em que nós, as Tri Deltas, seremos modelos! A melhor parte é que você precisa fazer a solicitação. Meus parabéns, Serena, você já é da irmandade! Só o que tem que fazer agora é conseguir colocar seu traseiro em Princeton no início de agosto para poder ter um quarto na nossa casa. Estamos esperando total. Beijão,

Sua irmã,
Sheri

Serena leu a mensagem novamente e depois desconectou, encarando chocada a tela apagada. Meninas de irmandade insistentes eram simplesmente as últimas pessoas que ela queria conhecer na vida e, depois, Princeton não devia ser meio *intellectual*? Ela pegou o telefone para ligar para Blair e depois baixou o fone, percebendo que tinha se esquecido completamente de que Jenny ainda estava ali. Jenny era doce, adorável e tudo - mas não tinha, tipo assim, um dever de casa para fazer, nem um cinema para ir, nem nada disso?

Tá vendo, até as deusas perfeitas têm um lado meio piranha.

Jenny deslizou para fora da cama e puxou o sutiã extra-grande com alças reforçadas, adivinhando que estava prestes a ser dispensada.

- Sabe de uma coisa, meu irmão Dan agora está cantando com os Raves - anunciou ela. - O primeiro show com eles vai ser amanhã à noite. Eu podia te colocar na lista de convidados especiais, se quiser ir.

Jenny nem tinha certeza se havia uma lista de convidados especiais. Só o que ela sabia era que ia entrar de graça porque era irmã de Dan. Ele achava que era muito famoso, agora que era membro de uma banda com um disco número um na Costa Leste, mas se ela aparecesse no show com Serena - duas lindas modelos andando pela cidade com roupas Les Best iguais -, ela seria mais famosa do que ele.

Serena franziu o nariz. Ela queria ir ao show dos Raves, queria de verdade, mas ela e os pais já haviam respondido afirmativamente ao convite para a festa dos novos alunos de Yale na noite seguinte. Ela não podia exatamente deixar que os pais fossem sozinhos.

- Acho eu não vou poder - explicou ela, se desculpando. - Vai ter aquela parada de Yale e eu tenho que ir. Mas vou tentar ir se terminar cedo.

Jenny assentiu e enfiou a edição da *W* na bolsa Gap, decepcionada. Ela imaginara uma entrada triunfal no club do Lower East Side com Serena. Pouco importam os Raves - eles eram astros do rock, grande coisa. Ela e Serena eram supermodelos - pelo menos Serena era. Com toda certeza todo mundo ia ficar louco.

E pensar que ela vai ter que se contentar em ser a irmã do vocalista da banda. Como se isso não fosse o bastante.

e vem me falar de crise de identidade

- Me quebra feito um ovo!

Daniel Humphrey se olhava no espelho do quarto e deu um trago longo no Camel meio fumado. Um fiapo com voz estropiada, veludo cote lê surrado e tingido de cáqui e uma camiseta Gap marrom. Não era bem rock'n'roll.

- Me quebra feito um ovo! - gemeu ele novamente, tentando parecer ao mesmo tempo cheio de angústia, rebelde e doentamente cool. O problema era que a voz sempre falhava quando ele passava às notas mais agudas, saindo como um sussurro exalado, e seu rosto parecia suave, jovem e nada ameaçador.

Dan esfregou o queixo ossudo e pensou em deixar crescer um cavanhaque. Vanessa sempre teve uma forte aversão a pêlos faciais, mas o que ela pensava não tinha mais importância, agora que eles não eram mais namorados.

Quase duas semanas antes, na festa de aniversário de 18 anos de Vanessa, no apartamento dela em Williamsburg, no Brooklyn, Dan foi descoberto pela megapopular banda indie Raves. Ou melhor, os *poemas* dele foram descobertos. Pensando que os dois iriam para a Universidade de Nova York no ano seguinte e viveriam felizes para sempre, Dan tinha se mudado para a casa de Vanessa alguns dias antes. Mas seu relacionamento rapidamente se deteriorou. Mais deprimido do que o de costume, Dan ficou sentado num canto durante a festa, derramando vodca Grey Goose direto da garrafa. Enquanto isso, os Raves apareceram na festa, e seu guitarrista e líder, Damian Polk, esbarrou numa pilha de cadernos pretos cheios dos poemas de Dan. Damian e os integrantes da banda ficaram loucos com os poemas, insistindo que eles davam ótimas letras. O vocalista tinha acabado de ir embora misteriosamente - *alguém falou em reabilitação?* - e eles decidiram pedir a Dan para fazer os vocais. Mas Dan estava de porre e achou toda aquela coisa totalmente hilária. Atirando-se à tarefa com um fervor de bebado, ele roubou o show; eletrizando os convidados bêbados da festa com sua apresentação descarada.

Ele achou que era um episódio isolado, uma forma de se distrair do fato de ter acabado de terminar com a garota que sempre o amou. No dia seguinte, Dan descobriu que era integrante fixo da banda e que estava por cima.

Durante os ensaios, Dan percebeu que seu ser normalmente sóbrio era fisicamente incapaz de investir a mesma energia incansável que ele teve na festa e, comparado com os outros integrantes da banda, todos na casados 20 anos e usando roupas feitas sob medida por estilistas de vanguarda como Pistolcock e Better Than Naked, ele se sentia um magricela meio nerd. Ele chegou a perguntar a Damian Polk por que diabos os Raves o queriam como vocalista. Damian respondeu simplesmente, "Está tudo nas palavras, cara".

Bom, só porque ele sabia escrever não queria dizer que sabia *cantar*. Mas talvez, se ele *desse mais a impressão* de que sabia cantar, pudesse convencer as pessoas de que merecia ficar na banda.

Dan remexeu nas gavetas bagunçadas da cômoda procurando pelo barbeador portátil que comprara no ano anterior, numa semana em que fizera experimentos com o tamanho das costeletas. Ele foi para o quarto da irmã mais nova Jenny e finalmente o encontrou debaixo da cama dela, inexplicavelmente enrolado em uma toalha de banho cor-de-rosa. Lição número um para a irmã mais nova: se quiser preservar suas porcarias, ponha um cadeado na porta.

Sem se incomodar em voltar ao próprio quarto, ele foi até o espelho atrás da porta do armário de Jenny e lutou com um corte de cabelo grande demais de Sr. Artista Moderninho que fizera logo depois que um de seus poemas foi publicado na *New Yorker*. Agora que tinha passado de poeta boêmio a astro do rock resoluto, era hora de mudar. Ai! Será possível que *ninguém* deixa de experimentar um novo na véspera de um grande evento?

O barbeador zumbiu e Dan começou a raspar a nuca, observando os fios de cabelo castanho-claro caindo em chumaços finos no carpete chocolate desbotado. Depois ele parou, de repente todo preocupado que um barbeador não fosse o tipo de lâmina certa para raspar toda a cabeça. Podia deixar estranhas marcas vermelhas em todo o couro cabeludo, ou raspar de forma desigual, dando a impressão de que o cabelo foi *devorado* em vez de cortado.

É claro que ele queria um visual hardcore, mas não uma cabeça mastigada hardcore. Ele se debateu entre continuar ou não. Se parasse agora, as partes raspadas ficariam completamente escondidas pelo resto do cabelo até que ele se curvasse e - *voilà* - uma nuca raspada. Era meio legal saber que a parte raspada ficava ali, sem que ninguém pudesse ver. Mas um corte de cabelo imperceptível não era exatamente o visual que ele procurava.

Ele baixou o barbeador, enfiou um Camel na boca e pegou o telefone de Jenny. Se havia uma pessoa que sabia tudo sobre cabeças raspadas, era Vanessa. Ela mantinha a cabeça raspada desde a sa série e, evitando os salões caros como o Frederic Fekkai e o Elizabeth Arden's Red Door, que as colegas de escola freqüentavam, insistia em raspar ela mesma. No fundo, ele sempre achou que ela ficava mais bonita com um pouco mais de cabelo, mas como Vanessa obviamente se julgava ótima meio careca, ele nunca chegou a dizer nada.

- Se tem a ver com sua parte do apartamento, vou te ligar depois de receber sua solicitação por e-mail – disse Vanessa como um robô quando atendeu.

- Oi, sou eu, o Dan - disse Dan todo animado. - E aí?

Vanessa não respondeu de imediato. Ela queria dar espaço para Dan se desenvolver e se tornar o próximo Kurt Cobain ou John Keats ou a merda que ele quisesse ser, mas terminar tudo e expulsá-lo de sua casa não tinha sido exatamente fácil para ela. O tom casual de apenas-bons-amigos na voz de Dan fez com que ela se sentisse um balão murcho.

- Ando meio ocupada ultimamente. - Ela digitou um monte de absurdos no computador para dar a impressão de que estava drasticamente preocupada. -Tenho um monte de solicitações para repassar... Para a nova colega de apartamento... Sabe?

- Ah. - Dan não sabia que Vanessa procurava por uma colega de apartamento. Mas com a irmã mais velha Ruby viajando com a banda, seria meio solitário e entediante viver totalmente só, especialmente sem ele para fazer companhia.

Por uma fração de segundo Dan ficou tão sobrecarregado de arrependimento que teve vontade de pegar uma caneta e escrever um poema trágico de rompimento usando as palavras *corte* ou *raspada*, mas depois sua nova nuca pelada começou a arder e a coçar e ele se lembrou do motivo para ter ligado para Vanessa.

- É só uma perguntinha rápida. - Ele deu várias baforadas curtas no cigarro e o largou distraído em um vaso de margaridas que murchavam na mesa de Jenny. - Sabe quando você raspa a cabeça? Tem um tipo certo de barbeador que você usa? Com alguma lâmina específica?

O primeiro impulso de Vanessa foi alertá-lo que, com uma cabeça raspada, ele ia parecer um doente de leucemia de 7 anos que abara de sair da quimio, mas ela estava cansada de tentar protegê-lo dos próprios erros, em especial agora que eles eram "só amigos".

Lâmina Wahl número dez. Olha, tenho que ir.

Dan pegou o barbeador. Era da CVS e não tinha o tamanho da lâmina. Talvez fosse melhor ir a uma barbearia.

- Tá legal. Eu te vejo no meu show amanhã à noite, né?

- Talvez- respondeu Vanessa lepidamente. - Se conseguir resolver essa história de dividir o apartamento. Tenho que ir, tchau!

Dan desligou e pegou o barbeador mais uma vez.

- Me quebra feito um ovo! - gritou ele, segurando-o diante do queixo como um microfone. Ele tirou a camiseta e projetou a barriga branca e magra, tentando parecer insolentemente entediado e rebelde, como um Jim Morrison mais baixo, mais magro e nem tão fodido. - Me quebra feito um ovo! - gemeu ele, caindo de joelhos.

O pai, Rufus, apareceu de repente na soleira da porta vestido numa camiseta Old Navy cinza queimada de cigarro e a bandana felpuda rosa que Jenny usava para prender o cabelo quando lavava o rosto.

- Que bom que sua irmã está ocupada demais para ficar com a gente depois da aula. É possível que ela não ficasse muito emocionada ao te descobrir fazendo strip-tease no quarto dela - comentou ele.

- Estou ensaiando. - Dan se levantou com a maior dignidade que conseguiu reunir. - Com licença?

- Vá em frente. - Rufus ficou à porta, coçando o peito e mexendo no Camel sem filtro enfiado atrás da orelha. Ele era um pai solteiro que ficava em casa, editor de poetas beat e

escritores esotéricos de que ninguém ouvira falar.- Acho que se você puser a ênfase na *outra* palavra, pode ser mais eficaz. Dan tombou a cabeçade lado e entregou o barbeador a Rufus.

- Me mostra.

Rufus sorriu.

- Tudo bem, mas não vou tirar a camisa.

Ele segurou o barbeador longe do rosto, como se estivesse preocupado que pudesse ligar sozinho e sumir com sua famosa barba desleixada.

- *Me quebra feito um ovo!* - uivou ele, os olhos castanhos brilhando. Ele devolveu o barbeador. - Experimente.

É claro que o pai de Dan fez exatamente o que Dan queria fazer. Ele atirou o barbeador na cama de Jenny e vestiu a camisa.

- Tenho que fazer o dever de casa - grunhiu ele.

Rufus deu de ombros.

- Tudo bem, vou te deixar em paz. - Ele deu uma piscadela para o filho. - Já decidi para onde quer ir no ano que vem?

- Não - respondeu Dan sem emoção e se arrastou para fora do quarto de Jenny, indo para o próprio quarto. O pai estava tão animadinho com toda a história da universidade que era realmente irritante.

A Columbia fica mais perto! - disse Rufus nas costas dele. - Você pode morar em casa!

Como se ele já não tivesse dito isso umas mil vezes.

Sozinho no quarto, Dan encontrou um elástico na gaveta de mesa e prendeu o cabelo num rabo-de-cavalo espigado, deixando exposta a parte raspada. Ele pegou o barbeador novamente.

- *Me quebra feito um ovo!* - sussurrou, imitando o pai o melhor que pôde. Dan fez uma careta. Simplesmente não havia dureza em sua voz para ficar convincente.

Trocando o barbeador por uma pilha de catálogos de universidades que ele vinha folheando nos últimos três meses, ele se jogou na cama. Só mais uma semana para escolher entre a NYU, Brown, Colby ou Evergreen. Ele virou a página para uma foto de um aluno da Brown de tweed que parecia um intelectual, as costas apoiadas no tronco de um elmo enorme, escrevendo em um caderno como um jovem Keats. Estava exatamente como Dan imaginara que ele mesmo seria no ano seguinte - antes de ter sido descoberto pelos Raves e antes de ter raspado a própria nuca.

Ele passou os dedos pela parte raspada da cabeça e baixou os olhos para as roupas. Tinha que fazer compras, porque nenhuma de suas roupas combinava com o cabelo novo.

E a gente achando que essa era uma preocupação só de mulherzinha.

Se ao menos Jenny estivesse ali para ajudar, pensou Dan taciturno. Mas a irmã mais nova estava ocupada demais sendo uma supermodelo para vasculhar o armário de Dan com ele e dizer o que era brega e o que era aceitável. Dan pegou uma xícara de café instantâneo Folgers que esfriava no chão desde a manhã e tomou um gole. Fez uma careta para seu reflexo no espelho e por um momento quase pôde se imaginar no palco, fazendo a mesma careta irritada e aborrecida para o público. Talvez, só *talvez* ele conseguisse resolver essa, sem a ajuda da irmã.

Ou talvez não.

v quer dividir o apartamento

Comefogo: tenho um horário meio doido, tipo durmo o dia todo e trabalho à noite.

Hairlesskat: o que vc faz?

Comefogo: ué, eu me apresento

Hairlesskat: vc engole fogo mesmo?

Comefogo: estou trabalhando nisso. eu danço mais é com as minhas cobras.

Hairlesskat: cobras?

Comefogo: é, eu tenho quatro cobras.

Comefogo: td bem ter meus bichinhos?

Comefogo: vc ainda está aí?

Comefogo: oiêêê!

- Boa tentativa, mané! - Vanessa Abrams desconectou e foi até o armário. Duas horas antes, tinha tirado o uniforme de inverno horroroso, quente e de lã marrom da Constance Billard School - o único que tinha - e não se incomodara em vestir outra coisa. Embora de manhã a garota que Vanessa devia entrevistar em três minutos parecesse legal por e-mail, ela provavelmente não ia ficar muito animada se Vanessa a recebesse na porta de calcinha e sutiã de algodão preto Hanes. Vanessa pegou uma calça da prateleira do alto no armário do quarto sem sequer ver. Tudo em seu armário era preto, e ela acreditava fortemente em comprar tudo em duplicata. Se você tivesse seis calças Levis stretch pretas, nunca precisaria pensar no que ia vestir e só teria de lavar a roupa uma vez por semana. Ela puxou o jeans pelos quadris brancos e meio rechonchudos, puxou o suéter preto de manga comprida e gola em V por cima da calça e passou as mãos na cabeça escura e raspada. Ela podia parecer estranha a todas as garotas ditas "normais" que iam à escola com ela, mas a menina que ia conhecer foi mais interessante do que elas sonhariam ser - bom, pelo menos online.

A campainha lá de baixo tocou, exatamente quando ela esperava. Vanessa foi até a janela e puxou a cortina, que na verdade era um lençol preto Martha Stewart Everyday que ela e a irmã Ruby compraram na Kmart no Halloween passado. Na rua, dois andares abaixo, um sem-teto bêbado gritava para carros estacionados e vazios. Um menininho com cabelo verde espigado e sem camisa disparava pela calçada numa mountain bike grande demais para ele. O bloco de cimento esfarelado que servia de degrau da frente do prédio de Vanessa estava vazio. A potencial colega de apartamento já estava subindo.

- Por favor, seja normal - murmurou Vanessa. Não que ela realmente gostasse de garotas normais. As garotas normais, como as meninas de sua turma na Constance, usavam brilho labial rosa, versões diferentes do mesmíssimo par de sapatos e viam coisas como luzes no cabelo e saltos altos como uma religião. Em sua solicitação por e-mail, a garota, Beverly,

tinha dito que era estudante de artes na Pratt, então era mais velha, pelo menos, e provavelmente era meio alternativa. Vanessa esperava que fosse tão legal quanto parecia. Vanessa abriu a porta do apartamento no exato momento em que Beverly aparecia no alto da escada. E, para total surpresa de Vanessa, Beverly não era ela, era *ele*.

Vanessa meio que se esquecera de especificar que estava procurando por uma *garota* como colega de apartamento no anúncio que colocou na Web.

Um erro deliberado?

- Aposto que pensou que eu era mulher, né? – perguntou Beverly, estendendo a mão para que Vanessa apertasse. – O nome é totalmente antiquado e enganador. Não se preocupe, estou acostumado com isso.

Vanessa tentou não aparentar surpresa, o que não era difícil para ela. Ela dominava a arte do olhar inexpressivo há muito tempo, enquanto comia sozinha dia após dia no refeitório da Constance Billard School, desligando-se da tagarelice insensata de suas lindas colegas piranhudas. Ela enfiou os dedos nos bolsos de trás da calça e o conduziu com indiferença para dentro do apartamento.

- Eu estava conversando pela internet com uma garota esquisita que dança com cobras. Você não tem cobras, tem?

- Não. - Beverly juntou as palmas das mãos em oração e deu uma olhada crítica no apartamento aridamente decorado. As paredes eram brancas e o piso de madeira estava nu. A cozinha era minúscula e se abria para a sala de estar/segundo quarto, mobiliado com um futon e uma tevê. Os únicos objetos de decoração eram fotos emolduradas de imagens sombrias e escuras que Vanessa notoriamente fazia nas horas de folga.

- Obra de quem? - perguntou Beverly, gesticulando para uma foto em preto-e-branco de um pombo bicando uma camisinha usada no Madison Square Park.

Vanessa descobriu que estava encarando a bunda firme e redonda de Beverly e rapidamente desviou os olhos.

- Minha - respondeu ela asperamente. - É de um filme que fiz no começo do ano. Beverly assentiu, mantendo as palmas das mãos juntas enquanto examinava as outras fotos. Vanessa adorou que ele não comesse a tagarelar que a casa era excêntrica ou deprimente, como as pessoas costumavam fazer. Só o jeito de ele dizer, "Obra de quem?", a fez se sentir uma artista de verdade.

- Quer uma cerveja? - perguntou ela. A geladeira estava cheia de cerveja, o que não era típico, de sua festa insana de 18 anos duas semanas antes, e ela aproveitava qualquer oportunidade para se livrar da bebida. - Desculpe, não tenho mais do que isso, a não ser água.

- Água está ótimo - respondeu Beverly, e Vanessa se viu gostando mais ainda dele. Pergunte a qualquer aluno do ensino médio se quer uma cerveja e ele vai entornar um pacote de seis em três segundos. Só do que Beverly precisava era uma agüinha para umedecer o palato e um lugar para morar, por exemplo, *com ela*.

Caraca... Pega leve, Vanessinha! E a entrevista?

Vanessa foi até a pequena cozinha aberta e pegou um copo do Scooby-Doo, um pouco de gelo e água filtrada na geladeira. Ela encheu o copo devagar, analisando Beverly disfarçadamente, como gostava de fazer. Os olhos pequenos e intensos eram azul-claros e o cabelo cortado à escovinha era quase preto. As palmas das mãos e as unhas estavam manchadas de preto, de um tipo de tinta que ele deveria estar usando no ateliê, e a camiseta verde pardacenta estava respingada do que parecia serragem. As calças pretas

eram exatamente o tipo de calças de algodão preto e solto que ela usaria todo dia se fosse homem e nos pés havia um par daqueles chinelos de borracha laranja que podem ser comprados na drugstore por 99 cents. Ele era tão diferente das pessoas que ela via na escola que Vanessa não conseguiu deixar de ficar meio excitada.

Será que teria alguma coisa a ver com o fato de ele ser homem?

Ela foi até o balcão e passou a água a Beverly, já imaginando como seria ficarem acordados até tarde, vendo filmes juntos. Ela podia levar água para ele e ele olharia para ela daquele jeito sensual e pensativo dele. E depois eles começariam a dissecar a obra de Stanley Kubrick, filme por filme... *nus*.

Vanessa se sentou no futon e Beverly sentou-se ao lado dela.

- Bom, eu meio que estou em trânsito agora – explicou ele. Eu estava em um alojamento e agora estou num arranjo coletivo de trabalho/moradia com um bando de artistas, num antigo depósito no Brooklyn Navy Yard. Mas às vezes a gente pode enlouquecer por ali. - Ele riu. - Eu só preciso de um lugar para desabar, onde eu não tenha que me preocupar que meus dedos sejam decepados enquanto estou dormindo... Sabe como é, para alguma escultura de "partes corporais" ou coisa assim.

Vanessa assentiu satisfeita. Ela sabia exatamente como ele se sentia.

É mesmo?

É claro que ela nunca esperara dividir um apartamento com um *cara* - a não ser Dan -, mas ela agora tinha 18 anos, uma adulta, capaz de tomar suas próprias decisões e madura o bastante para ter um homem como colega de apartamento sem ter a intenção de voar para cima dele.

Então tá.

- A questão - continuou Beverly - é que seria meio esquisito morar com alguém. Eu nunca respirei o mesmo ar de alguém antes, entendeu?

Os grandes olhos castanhos de Vanessa se arregalaram. Então ele *não* queria morar com ela?

- Acho que sim - respondeu ela, carrancuda.

- Eu imaginei que talvez a gente pudesse sair primeiro por umas semanas. Fazer coisas. Se conhecer. Ver se podemos dar certo - acrescentou ele.

Vanessa se sentou em cima das mãos, sentindo-se constrangedoramente como uma daquelas garotas ditas normais, que ela odiava, diante de um gato que a convidara para um baile ou sei lá como chamavam aquelas ridículas festas a rigor a que sempre iam para terem a oportunidade de comprar um vestido novo. Ele só queria conhecê-la primeiro. Que coisa refrescante e excitante, finalmente conhecer alguém tão inteligente, criativo, legal - e *gato!*

- Bom, *ainda* estou entrevistando outras pessoas - respondeu ela, sem querer parecer ansiosa demais. - Mas parece uma boa idéia. Quer dizer, você tem razão. É importante conhecer a pessoa com quem você está prestes a morar.

- Exatamente. - Beverly terminou a água, levantou-se e levou o copo para a pia.

Cara, ele até limpa a própria sujeira.

Ele voltou para a sala batendo os chinelos.

- A gente podia fazer alguma coisa no fim de semana, ou...

De repente Vanessa teve uma idéia. Que melhor maneira de mostrar a Dan que ela mudara e agora tinha uma vida só dela, sem ele e seu eu egoísta, do que levar um homem ao primeiro show dele?

- Na verdade, um velho amigo meu vai cantar com os Raves amanhã à noite. Quer ir? Por sorte Beverly era suficientemente maduro para não quicar nem pitar com o fato de ela conhecer alguém que cantava com os Raves. Ele juntou as palmas das mãos com força e assentiu daquele jeito sexy de monge que tinha.

- Claro. Eu te ligo amanhã para a gente combinar.

Vanessa o acompanhou até a porta e depois correu para a janela, seguindo a linda bunda de Beverly com os olhos enquanto ele arrastava os chinelos pela rua e desaparecia no labirinto de armazéns industriais que compunham a paisagem de Williamsburg. Nas manhãs de sábado, ela e Beverly ficariam sentados junto àquela mesma janela, fazendo uso da luz do sul para produzir arte. Ele trabalharia em silêncio em suas elas, sujando as mãos de tinta preta enquanto ela o filmaria. E os dois estariam... *nus*.

Mas é claro.

Que empolgante era morar com um artista. Claro que Dan era poeta, mas isso era diferente. Só o que ele fazia era rabiscar em cadernos o dia todo, beber um café horrível e ficar mais trêmulo e mais neurótico a cada hora.

Evidentemente, ela continuaria a entrevistar outras pessoas - pelo menos por mensagem instantânea - até que tudo estivesse resolvido. Mas Vanessa já estava absolutamente certa de que tinha encontrado à que procurava, o companheiro perfeito.

Peraí. Ela não queria só *dividir* o apartamento?!

b não consegue deixar de sumir de casa

- Com licença. O que vocês estão fazendo? - quis saber Blair. Eleanor Waldorf e o meio-irmão de Blair, Aaron Rose, estavam de pé na cama do quarto temporário de Blair pregando uma espécie de mapa grande na parede. Blair parou de braços cruzados à porta, esperando por uma explicação.

- Não conte - sussurrou a mãe, animada para Aaron. Eleanor vestia uma roupa Versace bizarra que trazia em toda ela a inscrição *liquidação ruim*. A roupa consistia em um top laranja e preto de listras verticais presos a uma calça Capri de listras horizontais verdes e pretas por uma confusão de correntes e botões dourados. A calça Capri exibia até uma franja dourada.

Por que a população de mães sempre é atraída aos maiores erros dos estilistas?

Não só a roupa de Eleanor era feia, como em outra crise de depressão pós-parto ela fez uma coisa medonha no cabelo. Esta manhã, era louro e na altura dos ombros. Agora estava tingido de vermelho-escuro e tosado rente à cabeça, como o de Sharon Osbourne. É desnecessário dizer que era meio difícil para Blair olhar para ela.

Aaron colocou a última tachinha no canto do mapa e pulou da cama, as minitrancinhas de candidato a rastafári batendo alegremente no rosto encovado de vegetariano.

- Odeio te interromper, mãe, mas isso vai exigir um pequeno esclarecimento. - Ele olhou para Blair como quem se desculpa. - Desculpe, mana, a gente queria te fazer uma surpresa.

Blair gostava do meio-irmão Aaron - muito mais do que gostava do mané gordo do pai dele, Cyrus Rose -, mas ficava totalmente furiosa quando ele chamava Eleanor de *mãe* ou a ela de *mana*. Afinal, o pai dele e a mãe dela só tinham se casado no Dia de Ação de Graças, então Eleanor definitivamente não era mãe e ela definitivamente não era irmã dele. Apesar da existência do irmão mais novo de Blair, Tyler, que era um menino, e

Yale, que era só um bebê, Blair sempre se identificou como filha única, a não ser por aquelas raras ocasiões em que ela e Serena ficavam juntas para se sentirem como irmãs. Eleanor saiu da cama, pegou a mão de Blair e a arrastou para a parede cor de salva para ver o mapa. Era um detalhe da Austrália e do Oceano Pacífico, e havia quatro círculos vermelhos em torno de quatro alfinetes no mar, entre Vanuatu e Fiji. Debaixo dos círculos, escrito em tinta preta na letra cheia de voltas de Eleanor, estavam os nomes *Yale, Tyler, Aaron e Blair*.

Pardonnez-moi?

Blair girou o anel de rubi repetidamente no dedo.

- Que porra é essa, mãe? - quis saber ela, impaciente.

Eleanor ainda segurava a mão de Blair e apertou os dedos da filha com um prazer de maníaca.

- Comprei uma *ilha* para você, querida, e batizei com o seu nome. Cada um de meus quatro queridinhos tem sua própria ilha no Pacífico! E no ano que vem, quando imprimirem os novos mapas, seus nomes aparecerão bem ali, ao lado de Fiji! Não é incrível?

Blair encarou o mapa. Fiji sempre parecia meio exótico para ela, mas a Ilha de Blair provavelmente consistia em um arbusto heterogêneo no cocuruto de um trecho de recife crivado de ouriços-do-mar espinhudos e algas.

- Tyler já está planejando nossa grande viagem de Natal pelo Pacífico Sul no ano que vem - matraqueou Eleanor. - Ele está pesquisando qual de nossas ilhas tem o melhor surfe.

- E sua mãe está comprando uma prancha para cada um de nós - informou-lhe Aaron. - Menos para Yale.

Blair percebeu que as unhas dos pés de Aaron estavam pintadas de preto.

- É coisa da banda - explicou ele, vendo que ela estava notando. - Estamos juntos no fato de que, no momento, nenhum de nós tem namorada.

Mas que surpresa, pensou Blair. Se não tivesse cuidado, Aaron ia se transformar num daqueles velhos pálidos, magrelos, assexuados e vegetarianos como Morrissey, desaparecendo no éter sem ninguém para se lembrar de que um dia ele esteve ali. Aaron e Serena tinham ficado e até foram apaixonados por uma época fugaz no inverno, mas Aaron não era empolgante o suficiente para manter a atenção de Serena por mais de cinco minutos.

Mas quem era?

Blair na verdade não estava tão interessada no que Aaron e seus colegas manés da banda Bronxdale Prep faziam para se divertir, nem na necessidade insana da mãe de comprar coisas díspares e totalmente sem sentido como ilhas, alpacas e pranchas de surfe, mas ela queria saber o que Kitty Minky, seu gato Russian Blue, estava fazendo ali, cavando numa pilha suntuosa de almofadas e travesseiros revestidos de seda apoiados na cabeceira da cama.

- Miau-miau? - Blair dirigiu-se ao gato imitando a língua dos gatos que ela usava com Kitty Minky desde que tinha nove anos de idade.

De repente Kitty Minky soltou um jorro de xixi de gato de cheiro revoltante.

- Não! - gritou Blair, jogando nele uma sandália Manolo de couro. Kitty Minky saltou da cama, mas era tarde demais: a colcha de seda rosa e os travesseiros de Blair estavam totalmente ensopados.

- Ah, meu Deus! - exclamou Eleanor, crispando as mãos e dando a impressão de que estava prestes a chorar. Ah, minha querida, que bagunça - acrescentou ela desesperadamente, seu humor mudando abruptamente de bom para mau.

- Não se preocupe, Blair. Pode dormir comigo e com o Tyler no nosso quarto até que Esther limpe esse lugar – ofereceu Aaron.

O quarto de Tyler e Aaron cheirava a cerveja, chulé, cachorro-quente de tofu e aqueles cigarros naturais que Aaron sempre fumava. Blair franziu o nariz.

- Prefiro dormir no chão do quarto de Yale – respondeu ela, infeliz.

Eleanor crispou as mãos.

- Ah, mas a pequena Yale está de quarentena pelos próximos dias. Ela pegou uma espécie de brotoeja horrível no rosto quando foi fazer o check-up ontem no consultório do pediatra. Ao que parece é muito contagioso.

Eca.

Os pequenos olhos azuis de Blair se estreitaram. Ela adorava a irmãzinha, mas não ia se arriscar a pegar brotoeja, especialmente no *rosto*. O que deixava uma determinada pergunta sem resposta: exatamente onde ia dormir, porra?!

A cobertura estava claramente inabitável e, embora a casa dos Archibald parecesse uma alternativa óbvia há apenas uma hora, tinha se transformado em um programa pós-aula para os chapados de 16 anos que veneravam Nate. A porta de Serena estava sempre aberta, mas os pais dela eram meio antiquados e provavelmente não iam gostar se Blair ficasse com um homem no quarto, de porta fechada ou o que fosse.

Até parece que Serena nunca teve um homem no quarto dela com a porta fechada!

Além disso, Blair já havia morado com Serena por alguns dias naquela primavera e elas brigavam o tempo todo. É claro que foi quando Blair estava tentando seduzir o irmão de Serena, Erik, para afastar Nate daquela herdeira de madeireira dopada que ele conhecera na reabilitação. Ainda assim, agora que ela e Serena eram amigas novamente, era melhor não arriscar.

Como se elas não fossem encontrar *outro motivo* para brigar.

Blair abriu a gaveta de cima da cômoda de mogno ecologicamente correta. Tinha um cartão de crédito e havia um monte de bons hotéis nas redondezas. Ela pegou uma calcinha branca de algodão Hanro e um top. A única vantagem de usar uniforme na escola era a bagagem leve. E a vantagem de ter bagagem leve era que, sem dúvida, ela ia precisar de alguma coisa que não tinha, portanto teria de comprar nos três Bs: Bendel's, Bergdorf's ou Barneys.

- Quer ver o que o Tyler descobriu sobre as nossas ilhas? - propôs Aaron. - Ele está baixando um monte de coisas agora.

- O homem com quem eu falei disse que a temperatura nas ilhas fica entre 23 e 29 graus o ano todo – acrescentou Eleanor alegremente. Ela olhou o relógio Cartier de correia de ouro. - Droga. Estou cinco minutos atrasada para minha maquiagem na Red Door. - Ela deu uma risadinha de quem conspira e bateu palmas como uma garotinha. - Cyrus vai me levar no Four Seasons hoje à noite. Estou louca para surpreendê-lo com o presente *dele*.

Blair nem quis conjecturar o que a mãe podia ter imaginado comprar para Cyrus. Um país inteiro?

- Devo voltar para pegar umas coisas - informou ela à mãe. - E definitivamente vamos precisar de um tapete, travesseiros e lençóis novos para este quarto. Mas não tenho certeza se eu vou voltar, sabe como é, para *morar*.

Eleanor pestanejou confusa para a filha. Depois de 17 anos e meio sendo mãe de Blair, ela ainda não sabia o que fazer com ela.

- Só para o caso de haver uma guerra civil na ilha ou se chegar sua nova encomenda de calcinhas francesas, onde exatamente você pode ser encontrada? - perguntou Aaron com um sorrisinho irritante de babaca.

Blair retribuiu o sorriso.

- No Plaza.

E de preferência numa boa suíte.

n é levado facilmente para o mar

O terraço da casa de quatro andares de Nate na cidade não era alto o bastante para uma vista de verdade, ainda assim era legal ficar sentado ali e dar uns tapas no enorme cachimbo de vidro verde de Jeremy e lembrar todas as birutices que eles aprontaram quando eram novos e despreocupados – antes de terem de pensar em universidades e no futuro.

Como se eles genuinamente pensassem nisso.

- Cara. Lembra daquela vez na aula de latim que você estava chapado e achou que era de francês? - disse Charlie Dern com a voz arrastada, soltando fumaça de uma abertura minúscula pelo lado de sua enorme boca de palhaço. - Você ficou ali tagarelando em francês como um maluco de merda e aí o Sr. Herman She-Man pegou e disse assim, "Queira me desculpar, Sr. Archibald. Embora todas as línguas românicas tenham sua raiz no latim, eu nunca ensinei francês".

Anthony Avuldsen e Jeremy Scott Thompkinson começaram a gargalhar ao se lembrar do dia lendário.

- Eu também estava falando uma porra de um francês *perfeito* - observou Nate. - Acho que por um momento pensei que *era mesmo* francês. Como um nativo.

- Ah, é - concordou Charlie sarcasticamente. - Cara, você mal conseguia *falar*.

Lexie flutuou com o vestido tingido, descalça e agitando as mãos na frente do rosto. Tinha desenhado flores nos dedos das mãos e dos pés com uma caneta que brilha no escuro que descobriu na mesa de Nate, e as unhas reluziam em verde néon no crepúsculo. Malcolm estava tocando violão e cantando uma antiga música de James Taylor.

You just call out my naaaame

And you know where ever I aaaam

I'll come runnin' to see you again.

- Eu queria que a gente estivesse na praia. – Jeremy suspirou e contornou o aro do cachimbo com o dedo indicador. - Tudo seria perfeito se a gente estivesse na praia. Nate balançou a cabeça loura, concordando.

- A gente vai logo. O cruzeiro de birita dos meus pais nos Hamptons vai ser daqui a algumas semanas. O barco já está ancorado em Battery Park. Vocês vão, né?

Os meninos mais novos no terraço olharam para cima, perguntando-se, cheios de esperança, se Nate estava falando com eles.

Sem chances.

- *Todo mundo* vai - respondeu Anthony Avuldsen, fazendo com que os calouros se sentissem ainda mais imbecis. - É tipo o pontapé inicial de todo o verão.

- A turma da Blair vai fazer o dia de matar aula das veteranas amanhã - disse Nate, meditativo. Ele percebeu vagamente que Blair não aparecera no terraço. Talvez ela ainda estivesse no banho, ou será que ela lhe deu um beijo de despedida e foi para casa? Ele sinceramente não conseguia se lembrar. Se ela estivesse no banho, ele podia descer de mansinho e surpreendê-la. A idéia de Blair molhada e nua o fez sorrir deliciado. Charlie pegou um Ziploc cheio de marijuana do bolso traseiro das calças cáqui e começou a encher o cachimbo.

- Você disse que o barco está no porto?

Antes que Nate tivesse chance de responder, o celular tocou. Piscou BLAIR no visor do telefone.

Falando no diabo...

Nate apertou "answer" e pôs o telefone na orelha sem dizer nada.

- Adivinha onde eu estou? - despejou Blair, feliz. - No *Plaza*. Então, tira sua bunda daí e vem pra cá agora. Pejguei uma suíte.

O Plaza só ficava a umas 12 quadras de distância. Nate olhou na direção do centro.

Parecia muito longe, mas seria legal deitar em uma cama grande de hotel, ver montes de filmes e pedir serviço de quarto. Ele estava faminto.

Não era bem isso o que Blair tinha em mente.

- Traz só sua escova de dentes. Já pensei em todo o resto acrescentou ela, tímida.

O que significava os três Cs: champanhe, caviar e camisinhas.

- Parece bom - respondeu Nate com disposição. - Te vejo daqui a pouco. - Ele desligou e Jeremy passou o cachimbo para ele.

- Mas aí, tô pensando no seguinte - disse ele a Nate, com a expressão intensa de uma pessoa seriamente doidona. Ele beliscou o jacaré verde da camisa Lacoste preta e ele ficou pendurado no peito como uma crosta parcialmente removida. - Todos nós vamos para o barco dos seus pais. Vai ter um estoque de birita, e a tripulação provavelmente vai fazer aquela coisa de turismo pela cidade e nem vai perceber se a gente sair para dar uma volta, né? Você veleja como um mestre. Por que não sair em uma excursão pré-Hampton's a, digamos...

- Bermudas! - piou Charlie.

- É foda, isso aí - concordou Anthony.

Os três meninos olharam para Nate. Eles sabiam que estavam pedindo para fazer uma coisa completamente ultrajante, mas sabiam, pelo brilho de interesse nos olhos de Nate, que ele meio que estava dentro.

A mente de Nate disparava em um borrão sinuoso de doidão. Velejar para as Bermudas? Claro, por que não? Eles eram veteranos - podiam fazer o que quisessem. Blair podia ir também, e os dois iam beber mimosas e transar na praia sob o sol quente. Ela sempre falava de eles viajarem juntos.

Lexie apareceu e se sentou no colo de Nate. Ela cheirava a incenso de âmbar e patê de fois gras. A ponta do rabo-de-cavalo preto roçava no sol, na lua e nas estrelas da tatuagem na omoplata.

- *Alors, e agora?* - disse ela com um bocejo, pegando o cachimbo de Nate.

Nate esperou até que ela tivesse acabado o tapa antes de empurrá-la do colo e se colocar de pé. Ele bateu palmas como um instrutor de acampamento chapado.

- Vem, todo mundo, vamos ter uma aventura.

Os calouros começaram a murmurar de excitação. Não só tinham conseguido ir para a casa de Nate Archibald, como ele os estava *levando* a algum lugar - provavelmente um lugar mais legal do que qualquer outro onde já estiveram antes.

- Quem vomita em barcos deve ficar para trás! – alertou Jeremy.

- De jeito nenhum - sussurrou um calouro da St. Jude cujo nome, por acaso, era Nate Lyons e que imitava seu homônimo até na cor das meias Brooks Brothers, azul-marinho. Houve uma confusão para sair dali. Nate Archibald, o veterano mais cool do Upper East Side, estava levando a todos para seu barco. Ia ser um dia fantástico!

Nate seguiu o resto dos meninos escada abaixo de bom humor, esquecendo-se totalmente do que estava prestes a fazer antes de vir à tona o assunto de velejar para as Bermudas. Atrás dele, o celular tocava esquecido no terraço, a telinha verde piscando o nome BLAIR ao tocar a cada dois minutos na meia hora seguinte.

*Winter, spring, summer, or fa-waaall
All you have to do is ca-waaall
And I'll beee there!*

Ah é, então tá.

outra calcinha la perla desperdiçada

- O Nate está vindo aí - anunciou Blair, presunçosa, a Serena pelo telefone. Ela ligou para Serena só para se vangloriar de que estava no Plaza, sentindo-se culpada enquanto discava, mas superando a culpa quando o telefone começou a tocar. Ela se curvou para o imenso espelho de moldura dourada do banheiro e aplicou outra camada de batom Chanel Vamp. Era vermelho-escuro e ela em geral só usava no inverno, mas, quando se está trancada em uma suíte suntuosa de hotel com seu namorado, transando sem parar, quem liga para a estação do ano?

- Não fique chateada - pediu Blair à melhor amiga. – A gente pode ficar na minha suíte amanhã à tarde ou coisa assim, tá legal? - Ela abriu um sorriso sexy e astuto para seu reflexo. - *Depois* que eu e Nate acordarmos.

- Vocês dois são tão ridículos - debochou Serena sem o menor tom de ciúme. Blair confessara ter finalmente perdido a virgindade com Nate na manhã seguinte ao acontecimento, mas não quis entrar em muitos detalhes, e Serena não quis fazer muitas perguntas. Afinal, Serena e Nate tinham perdido a virgindade *deles* juntos, então sexo com Nate era um tema meio esquisito.

- Vou ter que ir naquela festa dos alunos de Yale – respondeu Serena. Não que eu vá para Yale - corrigiu-se apressadamente. Sua aceitação a Yale era um assunto ainda mais delicado. - Meus pais nos colocaram na lista e eu tenho que ir.

- Ah. - Blair fez biquinho e se virou para examinar a bunda na nova calcinha preta de seda La Perla. É claro que ela não estava exatamente em Yale *ainda*, mas ela *estava* na porra da lista de espera; eles ainda podiam tê-la convidado.

- Eu estava esperando que você fosse comigo – acrescentou Serena. -Já que é muito mais provável que você vá para Yale, e não eu.

Blair reajustou as alças do sutiã. Nate também entrou para Yale mas ele não falou de nenhuma festa. E, se, ele não fosse, certamente ela não poderia ir. Eles podiam ficar... envolvidos de outra forma.

Arrã.

- Vai ser só às sete - disse Serena. - A essa hora vocês devem estar prontos para se aventurar do lado de fora.

- Posso te ligar amanhã? - perguntou Blair, em dúvida.

- Tanto faz. - Serena não ligava de ir a festas sozinha, uma vez que ela nunca ficava sozinha por muito tempo. Os rapazes zumbiam e adejavam em volta dela como moscas em um piquenique. - Divirta-se hoje à noite. Tchau, amiga.

Blair desligou assim que o camareiro chegou com uma garrafa de Dom Pérignon e o prato de caviar e torradinhas finas que ela pedira ao serviço de quarto. Ela vestiu um dos roupões brancos e atalhados do Plaza e abriu a porta.

- Na cama - ordenou ela, adorando como parecia uma Joan Crawford cansada. Depois ela deixou o roupão aberto, jogou-se de lado na enorme cama king size California e pegou o controle remoto. Segundos depois achou o AMC – American Movie Classics, o canal que regularmente exibia seus filmes favoritos, como *Bonequinha de luxo*, e *My fair lady*, ambos com Audrey Hepburn.

Para decepção dela, estava passando *Ritmo Quente*. Desde quando uma coisa feita depois de 1980 era um *clássico* de verdade?, perguntou-se Blair. De repente ela se sentiu velha. Mas isso parecia meio adequado, considerando o fato de que ela estava prestes a ter uma relação quentíssima com o amante em uma suíte suntuosa de hotel. Aliás, onde estava o Nate? Um táxi da casa dele até o Plaza levava só uns sete minutos. Ela ligou para o celular dele sem sequer olhar os botões do telefone, mas não houve resposta. Talvez ele estivesse no banho, colocando as sensuais cuecas samba-canção Calvin Klein, preparando-se para o *rendez-vous*, pensou ela.

Ou talvez não.

Blair se levantou, tirou o roupão e diminuiu as luzes. Depois espalhou um pouco de caviar em uma torradinha e ficou em pé, se vendo no espelho gigantesco emoldurado em ouro, enquanto comia. Na TV atrás dela, "Baby" tentava parecer inocente depois de passar a noite toda tendo um baita sexo suarento com Patrick Swayze, o professor de dança do resort de verão onde a família dela estava de férias. O pai de Baby ficou tão irritado com ela, que Blair se perguntou fugazmente como o pai dela se sentiria seoubesse que ela havia se mudado para um quarto de hotel para poder ter alguma privacidade com Nate. Não que o pai gay, que mora num chateau francês e usa meias pastel e óculos de sol Gucci azul-bebê, e o pai médico e responsável de Baby de *Ritmo Quente* tivessem alguma coisa em comum. Blair discou o número de Nate de novo e, como ele não atendeu, ela preparou outra torradinha com caviar e ligou para o pai no sul da França, onde ele morava desde que ele e Eleanor se separaram devido à gayzisse dele dois anos antes.

- Ursinha? Está tudo bem? Já teve alguma resposta daqueles otários de Yale?Você entrou? - o pai quis saber assim que ouviu a voz dela.

Blair podia imaginá-lo perfeitamente, nu, a não ser por uma samba-canção azul-real de seda, o amante dormindo François ou Eduard ou sei lá que nome -, ressonando

suavemente ao lado dele. Harold Waldorf era sócio-administrativo de uma importante firma de advocacia, casado com a socialite Eleanor e morava em uma cobertura com os dois filhos adoráveis, Blair e Tyler. Agora ele engarrafava o próprio vinho dos vinhedos que cercavam o château, comprava em lojas francesas que vendiam exclusivamente para gays bronzeados e dava braçadas na piscina enquanto seus amantes gays e bronzeados lhe entregavam toalhas secas e taças de conhaque. Era na verdade uma vida luxuosa.

- Adivinha onde estou? - Blair irrompeu no mesmo tom que usara para falar com Serena. Na verdade, falar com o pai era exatamente como falar com uma das amigas. Ele nem se importava que fosse quase duas da manhã na França e ela o tivesse acordado totalmente.

Paris? - perguntou o pai, com esperança. - Vou mandar um carro para te pegar. Você chegará aqui em uma hora.

- Não, pai - gemeu Blair, embora sinceramente ela não se importasse de estar em Paris... desde que pudesse levar Nate e sua suíte no Plaza com ela. - Estou no Plaza. Agora estou morando aqui. Em uma suíte.

- Aí, hein, garota! - exclamou o pai. - Parece que a cobertura ficou meio lotada, com o novo bebê e tudo.

Ao fundo, Blair ouviu o som do pai servindo alguma coisa num copo. Ele estava tão encantado com o último lote de vinho branco, que devia manter uma garrafa gelada ao lado da cama exatamente para ocasiões como esta.

Na terra de *Ritmo Quente*, a irmã piranhuda de Baby estava se apresentando em um show idiota de talentos, usando um sutiã de biquíni que era meio pequeno demais para ela. Blair colocou a TV no mudo, passou outro naco de caviar em uma torradinha, acendeu um cigarro e suspirou dramaticamente.

- É só que estou quase me formando e preciso de espaço... Sabe como é, para fazer o dever de casa e pensar no ano que vem e...

De repente ela teve uma imagem muito clara dela mesma feito uma espécie de Greta Garbo reclusa que raras vezes saía do quarto de hotel, comunicando-se com o mundo pelos papéis que decidia interpretar. Os empregados do hotel vasculhariam seu lixo e roubariam suas roupas, e os turistas ficariam no Central Park South, do outro lado do hotel, só esperando para ter um vislumbre dela. Ela seria o assunto da cidade.

Como se já não fosse.

- Ah, aposto que você está *trabalhando* - zombou o pai entre goles do que quer que estivesse bebendo. - Aposto que aquele seu namorado gato está massageando seus pés enquanto conversamos.

Se ao menos fosse assim.

Blair riu e comeu outra torrada com caviar entre tragos do Merit Ultra Light.

- Na verdade, Nate está vindo - admitiu ela. Ela olhou a garrafa de champanhe que tinha pedido, ainda gelada no balde de prata. Nate não ia se importar se ela abrisse a garrafa e tomasse uma tacinha antes dele chegar, ia?

É claro que não.

- Acho que é demais - respondeu o pai com astúcia. - Mas você merece, querida. Você merece ter tudo isso.

Como se ela já não soubesse.

Blair pegou a garrafa de champanhe e a segurou entre os joelhos nus, abrindo como uma especialista o arame da rolha e empurrando-a do gargalo devagar... devagar... até que...

Pop!

- Ah, Meu Deus. Você está fazendo uma superfesta! - exclamou o pai. - Numa *semana de aula?* - acrescentou ele, fingindo ficar apavorado, como se fosse um pai rigoroso que realmente se importasse com coisas assim. - Me deixa falar com esse seu namorado gato *agora mesmo*.

Blair encheu a flûte de champanhe, bebeu todo o conteúdo e a encheu novamente. Na tela, Patrick Swayze estava cara a cara com o pai de Baby. "Ninguém força a barra com a minha filha", Blair dublou as palavras, embora a TV estivesse muda. Era o filme mais brega do mundo, mas ela ainda fantasiava com Nate defendendo-a de uma forma igualmente determinada e raivosa. Nate ficava seriamente gostoso quando estava irritado, o que acontecia... nunca.

Era difícil ficar aborrecido quando se está o tempo todo chapado.

- Eu te disse, pai - corrigiu Blair. - Nate ainda não chegou. - Ela trincou os dentes e tomou outro gole de champanhe. Mas quem sabia o que o estava fazendo se atrasar tanto?

- De qualquer forma - ela fez beicinho para o espelho ou a câmera ou quem quer que a estivesse espionando por um telescópio do alto das árvores do Central Park -, se eu mereço ter tudo, então como é que os idiotas de Yale ainda não me deixaram entrar?

- Ah, ursinha - o pai suspirou naquela voz masculina porém-maternal que levava homens e mulheres a se apaixonarem por ele imediatamente. Ao telefone, ela ouviu alguém murmurar alguma coisa em um francês sonolento.

- Olha, ursinha, é tarde. Tenho que ir. - O pai falou junto com o murmúrio. - Você está bem, não é? Então divirta-se.

Blair olhou desconfiada para a garrafa meio vazia de champanhe e os farelos de caviar espalhados no prato de porcelana branco. *Ritmo Quente* tinha terminado.

- Boa noite, pai - respondeu ela, sentindo-se meio triste. Ela desligou e tentou o celular de Nate de novo. Nenhuma resposta. Ela ligou para a casa dele. Nenhuma resposta, só o nervoso do pai almirante na secretária eletrônica, lendo as instruções que vinham com a máquina e que nenhuma pessoa normal jamais usava: "Você ligou para a residência dos Archibald. Por favor, deixe uma breve mensagem e retornaremos sua chamada assim que for possível."

la começar *Um bonde chamado desejo*, com Marlon Brando e Vivien Leigh. Outro de seus filmes antigos favoritos. Blair colocou o roupão branco novamente e afofou os travesseiros da cama gigantesca. Depois ligou para o serviço de quarto de novo.

- Um sundae com calda quente, por favor. E um maço de Merit Ultra Light.

Ela afundou nos travesseiros e fechou os olhos. Quando saiu da casa dele, Nate estava numa farrá com um bando de doidões, inclusive uma hippie irritante e francesa chamada Lexique. Aquele *babaca* idiota e preguiçoso que não merece ir para Yale nem deve ter percebido que Blair tinha saído. Lágrimas escorreram de suas pálpebras fechadas. Nate não tinha mudado. Nada mudou - a não ser o status de sua virgindade. Ela mordeu o lábio e lutou com um choro irritado. *Bom, e daí?* N ate não merecia ter sexo. Além disso, comer um sundae com calda em uma cama do Plaza enquanto tramava sua vingança contra o babaca-do-mané-que-logo-seria-ex-namorado era ainda melhor do que sexo. Muito melhor.

k e i levam seu trabalho muito a sério

Prezados veteranos,

Estamos muito animadas com a próxima sexta-feira que, como vocês sabem, é o Dia de Matar Aula, agora conhecido como o primeiro dia do FIM DE SEMANA DE SPA DOS VETERANOS!!!! Sim, é um dia de aula. Infelizmente, estaremos ocupadas demais nos preparando para nossas massagens faciais com pedra quente e banhos de algas marinhas para nos lembrarmos de aparecer! Por favor, não se preocupem com os problemas que podem ter - não que vocês realmente terão algum. O Dia de Matar Aula é uma antiga tradição da Constance Billard School, e ninguém nunca foi expulso nem castigado por isso.

Então, aqui está o que vai acontecer:

Na quinta-feira, às 18h30, vamos embarcar no grande veleiro da família Archibald, que está ancorado em Battery Park City. Os Archibald vão fazer seu cruzeiro anual aos Hamptons e gentilmente ofereceram uma carona. Assim que ancorarmos em Sag Harbor, seremos pegos por uma frota de limusines, que nos levarão para a casa de praia totalmente maravilhosa de Isabel Coates, onde vai acontecer a maior e melhor festa de pijama só para meninas. É PROIBIDA A ENTRADA DE MENINOS. De manhã, tomaremos o café na piscina, servido pela... (estamos tentando conseguir o chef que ajudou Julia Roberts a perder todo aquele peso depois de ter gêmeos). Depois disso, um dia de tratamento que a Origins vai levar para nós. E todo mundo vai receber uma bolsa de brinde da Origins, avaliada em 300 dólares, para levar para casa, com o novo eu totalmente revitalizado e renovado!

Traje: resort casual. Serão fornecidos toalhas, secadores de cabelo, roupa de banho e produtos de beleza. Nada de cães, por favor, mesmo que sejam pequenos. E NADA DE MENINOS!

Vamos nessa para um fim de semana maravilhoso de união com as mulheres!

Beijão!

Suas colegas de turma Kati Farkas e Isabel Coates

P.S.: Colocamos uma caixa de sugestões na área de estar das veteranas, assim suas idéias são bem-vindas, apesar de já termos planejado o dia mais perfeito do mundo!

P.P.S.: Só mais um mês até nossa formatura!!!

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

ALGUMAS OBSERVAÇÕES RECENTES

Os naufragos

Sinceramente não sei o que deu num certo grupo de pessoas ultimamente. Quer dizer, será que está tudo bem em só, tipo assim, sumir??? Ao que parece, um bando de meninos que todos conhecemos e adoramos (pelo menos na *maior parte* do tempo) raptou um veleiro muito grande e bem equipado e saiu pelo Atlântico. Pode ser só outra brincadeira de veteranos, só que metade dos meninos no barco era de calouros. É uma hora meio estranha para sumir, em especial quando todas nós, meninas, podemos nos divertir um pouco. Quem eles pensam que são? Cristóvão Colombo?

Foi aqui que você soube

Elas têm sua preferência por homens, mas, por um motivo qualquer, as modelos não se cansam de homens com guitarras. Há boatos de que o casal mais recente do momento é uma certa veterana loura que mora na Quinta Avenida e o guitarrista dos Raves. Como, quando e onde eles se conheceram é um mistério completo, mas isso que é casal perfeito!

De Gap ou não de Gap?

Nem tente fingir que era outra pessoa: eu vi você entrando de fininho na Gap da rua 86 com a Madison e realmente experimentar um casaco de capuz atalhado imitação de Juicy Couture e cor de ameixa na seção infantil. lá legal, eu sou uma cretina bisbilhoteira. Mas o motivo de eu ficar na sua cola é que eu experimentei o mesmíssimo casaco e, ao contrário de você (embora eu saiba que você queria), comprei três deles! Por que não? Eles são *bonitinhos*, e vamos precisar de muita coisa atalhada para vestir *après la* piscina neste verão. Além disso, provavelmente vamos derramar Campari ou *crème de menthe* ou alguma coisa igualmente devastadora na gente, então vamos precisar de mais de um. E, depois, atalhados são atalhados, e que melhor maneira de mostrar nosso novo biquíni branco de Jacquard Gucci do que com um casaco de capuz cor de ameixa? Pense nisso como um cartão de libertação da cadeia: você ainda não pode comprar seus jeans lá Deus me livre -, mas agora tem minha permissão para comprar alguns objetos necessários na Gap.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Vai contar pra gente para que faculdade vc vai no ano que vem? Já se decidiu?

- qrs

R: Cara qrs,

Isso é coisa que eu sei e você deve descobrir. Mas me deixa te fazer uma pergunta - eu pareço ser do tipo indeciso?

- GG

P: Cara GG,

Eu soube que o Damian Polk, dos Raves, morava no mesmo prédio daquela modelo loura de quem você está sempre falando. Eles se conhecem desde que eram bebês e costumavam se agarrar no elevador no meio da noite, enquanto o porteiro estava dormindo.

- ob-v-us

R: Cara ob-v-us,

É uma ótima história, mas eu soube que a família de Damian morava na Irlanda até ele ter 13 anos. Daí o sotaque engraçado dele e o motivo para ele sempre parecer meio de porre.

- GG

P: Cara GG,

Controlo a tripulação de um veleiro que pertence a uma proeminente família de Nova York. O filho, que eu soube que já se meteu em um monte de problemas antes, pegou o veleiro ontem à noite e não voltou. Acho que o bicho vai pegar quando ele voltar, porque o pai dele é meio durão.

- capitão

R: Caro capitão,

O bicho já está pegando para ele, por mais motivos do que isso!

- GG

Flagras

S e um gato louro não identificado - talvez o irmão dela ou possivelmente o guitarrista dos **Raves** - no **Zoológico do Central Park**, dando a sobra de sushi do almoço no **Nicole's** para os leões marinhos. **B** comprando duas camisolas **La Perla** na **Barneys**. Ela parece ter criado um vício em lingerie, mas que outra coisa se pode usar sozinha em uma suíte do **Plaza Hotel**, esperando que o namorado apareça? **D** na **Yellow Rat Bastard** na baixa Broadway, experimentando todos os bonés da loja. **V** comprando uma nova argola para o lábio - ai! - em uma loja de piercing em **Williamsburg**. **J** na **Barneys Co-op** experimentando cada par de **Jeans Seven** da loja e ignorando a sugestão da vendedora de que ela teria mais sorte se comprasse jeans no departamento infantil da **Bloomingdale's**. **K** e **I** no Jackson **Hole** de novo, tramando de novo. **N** - não. Onde diabos **N** está, afinal?

Não se preocupem. Eu o encontrarei.

Pra você que me ama,
gossip girl

as modelos que namoram astros do rock

- Como é possível que, não importa o que eu vista, sempre fique parecendo um personagem de desenho animado? – reclamou Jenny à amiga e colega de turma da Constance Billard School, Elise Wells. Era sábado à noite e elas estavam se arrumando

para o show de Dan com os Raves na Funktion, uma nova casa de música em um antigo quartel dos bombeiros reformado, na Orchard Street. Jenny olhou para Elise. – E você sempre fica tão normal.

As duas meninas olharam seus reflexos no espelho de corpo inteiro atrás da porta do armário de Jenny. Ela vestia um top vermelho stretch com manguinhas curtas e uma blusa com gola em U que deixava seus peitos gargantuescos. Ela mal tinha um metro e meio de altura, e seu primeiro par de jeans Seven tinha ficado muito comprido quando ela os comprou na Bloomingdale's, então ela pediu à mulher da lavagem a seco na Broadway com a 98 para encurtá-lo uns 25 centímetros. Agora ela percebeu que as manchas pretensamente "antigas" em cada perna, onde deviam estar seus joelhos, estavam no meio da canela. A única parte aceitável do corpo de Jenny era a cabeça. Ela gostava dos grandes olhos castanhos e bem separados, a pele branca, os lábios vermelhos e o cabelo cacheado castanho com uma franja reta na testa. Como Serena disse-lhe uma vez, ela parecia uma modelo da Prada – com próteses gigantes nos peitos e uns tocos de perna, embora Serena nunca tenha falado nessa parte.

O corpo de Elise era o extremo oposto. Ela era vinte centímetros mais alta do que Jenny, tinha pernas longas e magras, braços compridos e magros e um peito achatado. Nada ficava apertado demais nela, a não ser, talvez, na região da barriga, que tinha uma espécie de donut em volta. Mas isso se escondia facilmente por baixo de uma blusa. Não havia realmente nada em que Jenny pudesse esconder os peitos. E Elise era coberta de sardas - havia sardas até nas pálpebras - e tinha um cabelo ruivo na altura do queixo que era tão grosso e tão espesso que ela mal conseguia prender com um elástico.

Bom, ninguém é perfeito. A não ser, quem sabe, algumas das eleitas entre nós.

- Vamos trocar de top - sugeriu Elise. Ela tirou a camiseta preta de gola em V e passou a Jenny.

- Tudo bem - respondeu Jenny na dúvida, e tirou o top vermelho. A blusa de Elise era da Express e a de Jenny era da Anthropologie, que era ligeiramente mais legal, mas Jenny não queria ferir os sentimentos de Elise fazendo qualquer comentário. Além disso, o resultado foi espetacular. O peito de Jenny parecia quase modesto no top preto, e o top vermelho fez o cabelo de Elise brilhar com luzes cor de morango que nenhuma das duas sabia que existiam.

Aposto que Serena van der Woodsen nem se olha antes de sair - declarou Jenny. Ela se ajoelhou e começou a engatinhar pelo quarto. -Ela nem deve precisar vestir nada, a não ser os sapatos.

Elise pôs a mão na boca.

- O que está fazendo?

- Surrando os joelhos da minha calça – respondeu Jenny, ainda engatinhando. - Já soube de Serena e Damian dos Raves?

Elise assentiu. Todo mundo já sabia.

Jenny engatinhou pelo carpete rosa até o armário para escolher um par de sapatos. É claro que Serena nunca precisava engatinhar como um cachorro para tentar fazer com que seus jeans parecessem normais.

- Não sei como Serena consegue. - Ela pegou suas novas sandálias Michael Kors douradas e as calçou. O pai dela disse que as sandálias pareciam com as de uma dançarina do ventre, mas ela as conseguiu de graça na sessão de fotos da W e eram os sapatos mais bonitos que tinha.

Que estranho que ela tivesse esse momentozinho de estrelato - aquela seção de fotos com Serena - e agora estivesse de volta à velha *ela mesma*, uma menina de 14-para-15-anos com grandes ambições e um peito ainda maior. Não é que sua ambição na vida fosse largar a escola aos 14 anos e se tornar supermodelo, mas teria sido meio legal se alguém lhe tivesse feito essa proposta.

Jenny se levantou e esfregou os joelhos dos jeans. Estavam total e decepcionantemente *nada* desbotados e, a não ser pelo local errado da parte maltratada do brim, completamente desinteressantes - como tudo no armário dela. As roupas de Serena sempre eram tão perfeitamente puídas, desbotadas e surradas, desmentindo a história colorida e misteriosa de sua dona. Jenny não pôde deixar de se perguntar se suas próprias roupas também desbotariam e passariam a ter estilo se ela fosse expulsa da Constance e mandada para um internato.

- Já pensou em ir para um colégio interno? - perguntou-se Jenny em voz alta.

Elise fez uma careta.

- Comer comida de escola nas três refeições e morar com os professores? De jeito nenhum.

Jenny franziu a testa. Não era assim que ela imaginava o internato. Em sua mente, internato significava liberdade: do irmão, o Sr. Poeta Deus do Rock maníaco-depressivo, do pai superprotetor e constrangedoramente desleixado, dos uniformes horrorosos da Constance Billard, de seu velho quarto poeirento e do tédio diário de fazer a mesma coisa sempre, agora e pelos próximos três anos. Também significava oportunidade: de viver e ir para a escola com meninos, meninos, meninos, e de ser a garota que ela sempre aspirou a ser aquela de que ninguém consegue parar de falar.

Rufus enfiou a cabeça pela porta, sem sequer considerar que Jenny não tinha mais cinco anos e podia estar completamente nua ou coisa assim. Seu cabelo desordenado estava preso em um rabo-de-cavalo com um pedaço do saco plástico azul-vivo no qual entregavam o *New York Times* toda manhã.

- Querem que eu peça um táxi para vocês? - perguntou ele com uma preocupação animada.

Jenny podia dizer que o pai estava morrendo de vontade de ir ao show de Dan com elas, mas esta noite haveria o workshop mensal de escritores anarquistas - a única coisa que ele levava com a mesma seriedade de criar os filhos, embora nenhum de seus escritos tenha sido publicado na vida.

- Está tudo bem, pai - Jenny sorriu com doçura, desafiando-o a dizer alguma grosseria sobre suas sandálias douradas e sensuais. - Pronta? - perguntou a Elise.

Elise passava uma camada a mais do brilho labial preferido de Jenny, MAC Ice, nos lábios já brilhantes.

- Pronta - respondeu ela.

- Vocês duas estão tão... - Rufus futucou a barba espigada, procurando pelo adjetivo certo.

- Adultas - disse ele por fim.

É, mas não somos exatamente matéria-prima para modelos-que-namoram-astros-do-rock, pensou Jenny enquanto as duas se olhavam no espelho. Elise estava com brilho labial demais e Jenny meio que queria que as sandálias Kors não fossem totalmente planas, assim ela pelo menos ia *parecer* mais alta. Afinal, ela não queria ir ao show para ver Dan. Ela queria conhecer Damian Polk e o resto da banda e queria impressionar. Jenny ficou na ponta dos pés e depois relaxou os calcanhares nos sapatos novamente.

- Que sorte que estamos na lista de convidados – suspirou ela -, ou nunca deixariam a gente entrar.

Na verdade, com um peito daqueles, ela devia entrar em qualquer lugar. Mas é melhor deixar que ela descubra isso sozinha.

v às vezes pode ser uma mulherzinha

- Que porra é essa? - perguntou Vanessa. Ela não fazia idéia de como não os vira todos esses anos. Vanessa girou a cabeça e olhou seu reflexo no espelho do banheiro novamente. Lá estavam eles, quatro grandes sinais marrons, todos alinhados no pescoço, por trás da orelha, como uma espécie de constelação horrorosa. Ela se sentiu como uma mulher em um comercial de Clearasil, entrando em pânico porque tinha uma espinha pouco antes de ir a um encontro. Mas as espinhas eram temporárias. Os sinais estavam ali para ficar. Quem em seu juízo perfeito manteria a cabeça raspada com sinais como aqueles no pescoço?

Ela escancarou a gaveta embaixo da pia do banheiro, procurando, para cobrir os sinais, por alguma porcaria de cor da pele que a irmã Ruby passava embaixo dos olhos quando ficava acordada a noite toda. Encontrou um tubo de uma coisa chamada Peekaboo, que era um pouco mais rosado que seu tom de pele natural, mas servia. Ela deu uma pincelada sobre os sinais, esfregou e examinou o resultado. Agora parecia que estava com intoxicação por hera venenosa, ou com o pescoço envenenado. Ela pensou em colocar um Band-Aid, mas não tinha um grande o bastante para cobrir os quatro sinais, e um Band-Aid só chamaria a atenção para o problema. Ela limpou o creme e vasculhou a gaveta, procurando por algo que pudesse distrair Beverly das horrendas deformidades em seu pescoço.

Como se o *piercing* no lábio superior que ainda estava cicatrizando já não fosse distração suficiente. Beverly foi educado o bastante para não mencionar isso antes, mas agora que eles iam se conhecer, ele podia perguntar se a crosta de ferida embaixo da argola de prata em D realmente doía.

E por que Beverly ia querer olhar o pescoço dela? Eles só iam juntos ao show dos Raves - só sair para ver se podiam coabitar, como *colegas de apartamento*, e não como amantes que olham para o pescoço um do outro. Além disso, Beverly era um artista. Ele podia achar os sinais legais.

Um frasco de amostra de um perfume chamado Certainty rolou pelo fundo da gaveta de maquiagem bagunçada. Parecia nome de tampão ou de teste de gravidez, mas assim mesmo Vanessa abriu o frasco e passou um pouco do perfume nos pulsos e nas têmporas. Certainty tinha um cheiro forte de almíscar e podia distrair tanto que Beverly nem perceberia a configuração revoltante dos sinais no pescoço; talvez até funcionasse como uma espécie de magia. Ela entraria no clube onde Dan e os Raves estavam tocando; Dan ficaria roxo de um misto de desejo, arrependimento e ciúme louco; e Beverly teria uma certeza imediata de querer morar com ela. Como amigo, é claro. É claro.

é um saco quando seu estado de espírito e suas roupas não combinam

- Tem certeza de que você está bem, cara? – perguntou Damian, pela segunda vez, através da porta fechada do banheiro.

- Tenho - gritou Dan do outro lado da porta, rezando para que Damian e o resto da banda pensassem que era só seu comportamento habitual pré-show e voltassem a jogar pôquer e beber Stoli ou sei lá o que fizessem nos bastidores.

- Tá legal, então. A gente se vê daqui a pouco - respondeu Damian. - Cadarço legal do tênis - acrescentou, antes de sair do banheiro.

Empoleirado na tampa da privada, Dan encarava aflito os tênis novos e as pernas absurdamente largas da calça que quase os cobriam. Ontem ele vagou pela 555 Soul on Broadway no SoHo e deixou que o vendedor o convencesse a ter um guarda-roupa de show totalmente novo. Camiseta grandona amarela e preta, calça baggy insanamente larga, cinza e parando nos quadris, coberta de ilhoses, pinos e bolsos, tênis de lona preta All Star com cadarços amarelos e um boné cáqui de caminhoneiro com a inscrição YIELD em amarelo. O boné mantinha sob controle o cabelo desgrenhado e revelava a nuca raspada, deixando-o mais ameaçador do que ele achou possível. Na realidade, com as roupas novas, ele meio que parecia um Eminem mais baixo e mais magro. O que não era bem o visual que ele queria.

Nenhum dos rapazes da banda comentou as roupas quando ele apareceu. Mas ele não lhes deu tempo nenhum. Uma olhada na fila enorme que se formava na calçada do clube e nos instrumentos e microfones montados no palco fez com que ele disparasse para dentro do banheiro para vomitar até as tripas. Ele estava trancado no reservado desde então.

Se ao menos tivesse um talismã, como uma fivela de cinto de prata feita à mão ou um colar de dente de tubarão, que os vocalistas mais lendários do rock provavelmente tinham. Ele colocaria seu sei-lá-o-quê da sorte, o nervosismo desapareceria e ele se apresentaria com total naturalidade, levando a multidão à loucura. Em vez disso, ele só ficou sentado na privada verde-pêra do banheiro masculino do clube e fumou seus Camels da sorte - uns quarenta - sentindo-se cada vez mais doente.

De repente a porta do banheiro dos homens se abriu e a ponta das botas pretas e rotas de Damian apareceram mais uma vez por baixo da porta do reservado.

- Bebe isso aqui e você vai ficar bem - aconselhou ele, passando uma garrafa fechada de Stoli por baixo da porta.

Dan pegou a garrafa. Se ia se apresentar esta noite, ele precisava se sentir tão leve como a roupa que vestia. Ele abriu a garrafa e tomou um gole. Sua barriga parecia sem fundo e interminável, era como despejar uma colher de vodca em um poço vazio. Ele tomou outro gole e limpou a boca nas costas da mão.

- Te vejo daqui a pouco, tá legal? - disse Damian novamente. - Mas acho que você vai querer perder o boné - acrescentou ele com gentileza antes de sair do banheiro masculino.

Os Raves praticamente não tinham visual nenhum, e nem tentavam ter. A maioria ainda usava as roupas que as mães compravam para eles na escola preparatória - camisas pólo Lacoste, cáquis da Brooks Brothers - combinadas com alguma coisa legal e absurdamente cara, como um casaco de pelica feito sob medida de Dolce & Gabbana. Mas a mãe de Dan fugira para a República Tcheca com um conde careca e cheio de fogo antes de Dan entrar no ensino médio, então ele não tinha nenhuma camisa pólo nem cáquis, só as roupas que ele escolhia e ele mesmo pagava com a mesada inadequada que Rufus lhe dava para comprar roupas. Ele podia sentir o pânico crescendo. Quem ia querer ouvir um

estudante do ensino médio magricela e doentio de nuca raspada que usava uns sapatos amarelos e pretos que eram um desastre da moda?

Você ia se surpreender.

you are beautiful and your mother gives you some nice clothes

Saia, blusa, sutiã, sapatos, relógio, gargantilha de pérolas, brinco de pérolas - Serena olhou as roupas que a mãe colocara na ponta da cama de baldaquino. Tudo que a mãe escolheu era cinza ou azul-marinho, que por acaso eram as cores da Universidade de Yale.

Ô, monguice! Será que ela precisa mesmo que a mãe escolha as roupas para ela? Que idade ela tem, afinal... 5?

Os pais de Serena estavam na ala de dormir, arrumando-se para a festa Yale Ama Nova York, da Universidade de Yale, para os futuros calouros de Nova York no apartamento de Stanford Parris III, na Park Avenue com a rua 84. Para eles, era só outro coquetel - uma oportunidade de se entrosar com os pais e os filhos que tinham ido à escola, aulas de tênis e preparação para o teste SAT durante a maior parte da vida. Ninguém se conhecia intimamente, mas todo mundo conhecia todo mundo. Pessoas como os Van der Woodsen achavam que todos de seu círculo eram amigos íntimos, mas que intimidade realmente se pode querer ter com alguém como Stanford Parris III?

- Já está quase pronta, querida? - Serena ouviu a mãe perguntar a ela.

- Já - gritou ela em resposta, sentindo-se teimosa, amuada e irritada. Afinal, ela podia estar no show dos Raves agora, em vez de ir a outra festa chata e inútil com seus *pais*. Ignorando a roupa que a mãe escolhera, Serena sentou-se diante do iMac e ligou o computador. Muitos dos e-mails eram de casas de moda, como a Burberry e a Missoni, anunciando liquidações de mostruário ou festas para lançar uma fragrância ou sapato assinado, mas uma nova mensagem de alguém da Brown encimava a lista, seguida de uma mensagem de Harvard e outra de Princeton.

Para: SvW@vanderWoodsen.com

De: apainter@brown.edu

Carina Serena

Antigamente eu pintava anjos sem rosto e mãos sem corpo. Antigamente eu estava morto. Agora minha arte tem um rosto, e ter você aqui na Brown no ano que vem - oh, morando, respirando, musa! - seria minha ressurreição.

Ajoelho-me a seus pés.

Christian

P. S.: Há um boato de que você está namorando o guitarrista maluco dos Raves. Meu amor, rezo para que seja só um boato.

Para: SvW@vanderWoodsen.com

De: bboy@harvarduniversity.edu

Querida Serena,

Sei que você e eu somos feitos de moldes diferentes, por assim dizer - eu sou um caipira

da roça e você é uma deusa de Nova York -, mas para citar um verso de uma antiga canção, não consigo tirar você da minha cabeça. Quando penso em você, as janelas de meu Jeep enchem-se de vapor e não consigo respirar. Vou ser reprovado nas provas finais por causa de você. Não acho que eles nos façam repetir o ano quando perde um período na faculdade, como fazem no ensino médio, mas eu não me importaria se fizessem, porque então ficaríamos juntos por mais tempo. Sei que isso é meio maluco de se dizer, mas você é a minha gata, então é melhor vir para Harvard no ano que vem. E lá vamos nós pelos próximos quatro anos e para sempre.

Com amor,

Wade (seu guia em Harvard e colega de quarto - lembra de mim?)

Para: SvW@vanderWoodsen.com

De: Sheri@PrincetonTRiDs.org

Cara Serena,

Eu só queria que você soubesse que NÃO conseguimos parar de falar de como você e Damian, dos Raves, são tipo assim o casal perfeito!! Estamos TÃO empolgadas para conhecer o Damian, mas primeiro temos que tirar todas as fotos dele que estão coladas em toda a nossa casa - é TÃO constrangedor! Dê um beijo no Damian por nós e diga a ele que nós o amamos também (embora NUNCA fôssemos tentar roubar seu namorado) .

Com amor,

Suas irmãs, as Tri Deltas de Princeton

Serena pestanejou e deletou do computador as três mensagens de assédio, esperando deletar a última de seu cérebro. Não havia nada pior do que um bando de meninas fingindo ser suas melhores amigas quando você nem as conhecia, todas fofocando sobre você e seu novo namorado astro do rock que você nem conhecia. Que jeito de conseguir que ela não vá para a universidade!!

Ela desligou o computador sem ler o resto dos e-mails e puxou o luxuriante cabelo para trás em um rabo-de-cavalo desganhado com um elástico simples. Depois passou Vaselina nos lábios e abriu a porta do quarto para ver os pais.

Os Van der Woodsen mais velhos tinham sua própria ala de dormir, que consistia em um grande quarto com uma imensa cama de baldaquino, dois quartos de vestir com enormes armários em que se podia entrar, dois banheiros completos e um lounge com um bar que nunca usavam, uma tevê de plasma que nunca viam e uma biblioteca cheia de livros raros que nunca liam, porque eles estavam sempre fora, em jantares de caridade, na ópera ou vendo partidas de pólo em Connecticut. Podia ser um apartamento independente, mas tomava só um quarto de todo o lar dos Van der Woodsen na Quinta Avenida.

- Não viu as roupas que separei para você? – perguntou a mãe, encarando a filha com um desespero nos olhos azul-escuros. A Sra. Van der Woodsen era alta e magra como Serena, com os mesmos traços simétricos, que ficaram orgulhosamente bonitos com a idade. -

Jeans com buracos no traseiro não são aceitáveis para esse tipo de ocasião, não concorda, querida?

- Não é uma calça velha qualquer - disse Serena, olhando os jeans desbotados. - É a minha preferida.

Na verdade, Serena tinha umas 12 calças jeans, mas esta em particular, da Blue Cults, era a não-posso-viver-sem-ela da semana.

- A saia e a blusa que escolhi para você são perfeitas insistiu a mãe. Ela abotoou o casaco do terninho Chanel dourado e olhou o relógio Cartier platinado antigo que adornava pulso magro e bronzeado de Santo Domingo. - Vamos sair daqui a cinco minutos. Seu pai e eu vamos ler os jornais no estúdio. Não dificulte as coisas, querida. É só uma festa. Você gosta de festas.

- Não desse tipo de festa - grunhiu Serena. A mãe ergueu as sobrancelhas finas e louro-acinzentadas com tanta ferocidade que ela decidiu não falar que preferia ver os Raves tocarem do que falar besteira com um bando de crianças e seus pais, todos se regozijando com o ingresso em uma das universidades mais difíceis do mundo.

Serena voltou ao quarto, tirou os jeans de má vontade e vestiu a saia pregueada cinza Marc Jacobs que estava na cama, combinando-a com uma camiseta azul-clara com contas e os tamancos Miu Miu laranja, em vez da blusa chata azul-marinho e os sapatos de camurça azul-bebê Tod que, a mãe tinha escolhido.

E as pérolas? Desculpe, mãe.

Sua última tentativa foi desfazer o rabo-de-cavalo e passar os dedos pelo cabelo louro-claro. Depois, sem sequer dar uma olhada no espelho, ela saiu do quarto e foi para o hall de entrada.

Se ao menos todas nós tivéssemos certeza de nossa extraordinária beleza.

- Mãe! Pai! Estou pronta! - gritou ela, tentando parecer animada. Ela daria cinco ou dez minutos para a festa, tempo suficiente para que os pais se envolvessem em alguma conversa extremamente chata com Stanford Parris III ou comum dos ex-alunos velhos e obtusos de Yale que iam a essas festas há séculos, e depois ela escaparia e seguiria para o show dos Raves.

Afinal, se ia passar os próximos quatro anos sendo intelectual, ela precisava se divertir enquanto podia. Como se ela não se divertisse sempre.

navegando, navegando pelo mar azul!

Jeremy, Charles e Anthony não pararam de falar nas Bermudas, então, quando subiram a bordo do *Charlotte*, batizado com o nome da falecida avó paterna de Nate, ele fez uma busca por portos nas Bermudas no computador do barco e programou a baía de Horseshoe no sistema de navegação. Ele fixou o motor em 0,5 milha por hora. Isso significava que eles iam chegar às Bermudas *muito devagar*. Na verdade, embora eles tivessem deixado as docas de lower Manhattan quase vinte horas antes, só haviam acabado de passar de Coney Island, no Brooklyn.

A noite de sexta-feira escoou na noite de sábado, e o sol estava baixo por sobre Staten Island enquanto o veleiro seguia a motor, lentamente, para o sul. O ar estava mais frio do que em terra e tinha cheiro de cachorro molhado. Nate e todos os outros a bordo continuavam chapados, esparramados no convés, com os olhos entreabertos e a boca preguiçosamente escancarada, ou vagando descalços languidamente pelo convés para refazer o estoque de cerveja e salgadinhos.

Só há pouco caíra a ficha de que Blair não estava a bordo. Nate se lembrou de que ela ligou para ele do Plaza na noite anterior, e que ele meio que deu um bolo nela. É claro que ele teria que ligar para ela, mas o celular sumira e, quando ele tentou usar o telefone

de Jeremy, descobriu que só usava a discagem rápida para Blair a partir da lista de contatos e ele sequer sabia seu número. E quando você fica chapado por quase 24 horas, fazer algo como ligar para o serviço de informações para descobrir o número de sua namorada parece impossivelmente complicado.

Ô, patetice!

Nate e o pai construíram eles mesmos o *Charlotte* na propriedade dos Archibald em Mt. Desert Island, no Maine. Era uma chalupa de 110 pés, enorme o bastante para levar confortavelmente mais de cem passageiros de Battery Park City aos Hamptons, ou 17 estudantes às Bermudas. Na preparação para o iminente cruzeiro aos Hamptons, a cozinha foi totalmente abastecida com queijos artesanais, biscoitos Carrs, ostras defumadas, cerveja belga, champanhe Veuve Clicquot e uísque. Os quatro banheiros foram equipados com água quente, toalhas Frette azul-marinho e mini-sabonetes em forma de concha feitos à mão com CHARLOTTE impresso em ouro. A cabine era equipada com o mais recente sistema computadorizado de mapeamento e comunicações, e havia sistemas de som de última geração no convés e nas cobertas inferiores.

Depois de um jantar de cerveja, Brie e batatas chips, Nate começou outra sessão de cachimbo com os amigos e subiu ao cesto de gávea no mais alto dos dois mastros do barco. Ele se sentou e abraçou os joelhos, contemplando a situação de cima. Como só estavam à deriva, ele tinha certeza absoluta de que, até segunda-feira, não iriam muito mais longe do que a costa de Nova Jersey, o que para ele estava ótimo. Ele também tinha certeza absoluta de que ia perder aquela festa de Yale a que devia ir com os pais. E ele provavelmente perdeu um monte de telefonemas irritados, aborrecidos e talvez até preocupados de Blair.

Talvez.

Nate tinha a sensação ranheta de que esta pequena incursão a bordo do *Charlotte* era uma espécie de erro. A tripulação ficaria frenética ao descobrir que o barco desaparecera, e seu pai ficaria puto da vida. Mas desde que voltassem a tempo para começar o cruzeiro aos Hamptons, não tinha nenhum mal, tinha? Ele levantou a camiseta preta surrada e olhou para ver se o chupão que Blair lhe deixara na barriga na véspera ainda estava ali. Um pouco mais claro, mas sim, ainda estava. Só pensar em Blair já acalmou sua mente. Mesmo que ela estivesse chateada com ele em 80% do tempo, eles ficariam juntos para sempre, e com sorte até iriam para Yale juntos. Que bom que era, pensou ele, como só um garoto doidão pode pensar, saber que tem a mão de alguém para segurar quando se está prestes a entrar no desconhecido grande e mau.

- Paz, cara! - uma voz de mulher gritou para ele do convés. - *Alors*, descobri uns Oreos para nossa sobremesa!

Nate espiou Lexie embaixo. De onde estava sentado, ela parecia muito pequena e de olhos brilhantes, como uma garotinha. Em todo o convés, grupos de meninos e algumas meninas estavam fumando e bebendo cerveja belga clara em copos de cristal. Na popa do barco, a música preguiçosa de um dos CDs de jazz francês da mãe de Nate fluía dos alto-falantes Bose à prova d'água.

- Quer um? - perguntou Lexie. - Posso subir aí.

Por um momento, Nate não respondeu. Ele desviou os olhos para a roda-gigante iluminada de Coney Island, girando devagar por sobre a água marrom-esverdeada e cintilante. Nate tinha certeza absoluta de que não queria que Lexie se juntasse a ele na gávea. Primeiro, mal havia espaço ali para uma pessoa; segundo, se ela subisse, o óbvio a

fazer seria beijá-la, porque ela era bonita e tinha aquela tatuagem sexy, e porque ela tão obviamente estava dando mole para ele. Mas ultimamente ele não tinha vontade de beijar ninguém a não ser Blair. Afinal, ele e Blair deviam ir para a universidade juntos e se casar. Eles iam passar toda a vida juntos.

Peraí. Será que ele está vivendo, tipo assim, uma espécie de *manifestação divina*?

Nate se levantou e começou a descer do cesto da gávea. Não podia ficar sentado ali a noite toda, esperando que o barco votasse sozinho. Não quando Blair estava esperando por ele, não quando ele tinha todo um futuro pela frente.

Ele pulou da escada e Lexie lhe passou um Oreo.

- A água faz com que eu me sinta tão livre – declarou ela, oscilando ligeiramente enquanto o *Charlotte* vagava por um trecho de mar revolto. O vestido tingido tinha se afrouxado um pouco ou se rasgou, e as mangas caíam pelo alto dos braços, revelando os ombros bronzeados e mostrando a maior parte da tatuagem de sol, lua e estrelas.

Nate pegou um Oreo, separou as duas metades e lambeu o recheio branco. Sim, ele tinha todo um futuro pela frente, mas às vezes é importante curtir as coisas simples da vida.

a ilha de b

- Vai jantar aqui hoje ou devemos mandar sua comida para seu quarto no Plaza, senhorita? - perguntou Aaron no melhor tom de mordomo inglês arrogante que pôde. Blair encarou a irritante cabeça de trancinhas que tinha se enfiado pela porta de seu suposto quarto.

- Na verdade, vou sair - respondeu ela, tirando do armário um vestido de cetim azul-marinho Calvin Klein que nunca usara. Nate ainda estava desaparecido em ação e ela acabara de passar pela experiência humilhante de pegar um táxi do Plaza para casa com o uniforme da escola, embora fosse sábado e não tivesse aula.

As meninas que devem usar uniformes para ir à escola se esforçam ao máximo para não serem vistas de uniforme fora do horário de aula, e *especialmente* nos fins de semana. Mais cedo, naquela tarde, ela recebeu uma calça jeans Earl no quarto do Plaza, diretamente da Barneys Co-op, mas quando os jeans chegaram eram de um estilo totalmente diferente do que ela estava acostumada a usar - reto como um lápis e com o cós tão baixo que ficavam aparecendo pelo menos 15 centímetros de bunda. Blair mal os conseguiu trazer até os joelhos. E, com apenas o uniforme da escola, a calcinha La Perla e um roupão atalhado branco do Plaza Hotel para vestir, e nada a fazer a não ser ver tevê por 16 horas seguidas, ela aos poucos foi enlouquecendo. A festa de Yale que Serena mencionou seria uma válvula de escape bem-vinda, assim como lhe daria uma oportunidade para se vingar de Nate.

Liguem a câmera.

Ela chegaria na festa em uma nuvem de perfume e fumaça de cigarro, como uma espécie de gênio da lâmpada, usando algo tão adoravelmente irresistível que todos os futuros calouros e até os ex-alunos indigestos de Yale na festa atirariam seus uísques para trás e cairiam de joelhos a seus pés imaculadamente cuidados. Ela teria um caso tórrido e digno de nota com o mais bonito e mais influente do grupo, certificando-se de que Nate soubesse de tudo, e depois exigiria que os mencionados ex-alunos garantissem sua aceitação em Yale. *Depois* ela diria a Nate para ir se foder na Brown ou em outro lugar ainda mais distante, porque ela sinceramente nunca mais queria ver a cara dele de novo.

- A mãe do Nate ligou. Ela está meio irritada. Disse que gostaria que você e Nate aparecessem na festa Yale Ama Nova York esta noite - informou-lhe Aaron.

Hein?

Blair franziu a testa com o vestido nas mãos. Era um tom adorável de azul Yale, mas não tão insinuante como gostaria Blair. A não ser que ela usasse um par ultrajantemente sensual de sandálias de salto alto - o que Blair tinha aos montes.

- Pensei que essa festa fosse só para as pessoas que definitivamente *vão* para Yale no outono - insistiu Aaron, abelhudo. - Você não entrou ainda, né?

Ignorando-o, Blair pegou no armário um daqueles mini-ponchos que ela nem lembrava de ter comprado. Era meio listrado de cinza e azul, uma das últimas modas Missoni. Ela o colocou junto ao vestido para ver se ficaria bom, e ficou, mas não era exatamente o visual sedutor você-sabe-que-me-quer que ela precisava para fazer flutuar aqueles corações de Yale.

Ela deu para Aaron uma encarada gelada de dá-o-fora-daqui-porra-estou-tentando-me-vestir.

- Para sua informação, não, eu não entrei... *ainda*. Mas estou confiante de que *vou* acabar entrando, então não vejo por que não deva ir a essa festa. - Ela foi até a porta e pegou a maçaneta, preparando-se para bater a porta na cara de Aaron. Ele tinha entrado cedo para Harvard. Por que ligava para isso, droga?

Aaron recuou, erguendo as mãos para mostrar que não queria causar nenhum mal.

- Não precisa ficar tão nervosa.

Nada deixa uma garota mais nervosa do que ser acusada de ser nervosa.

Blair bateu a porta. Alguns minutos depois, abriu-a novamente, dentro do vestido azul-marinho e um par de sandálias Manolo prateadas salto 9. Foi na ponta dos pés pelo corredor até o antigo quarto. A bebê Yale tinha o acessório perfeito de me-olha para a roupa dela. Se Blair conseguisse entrar de mansinho no quarto sem ninguém ver...

O quarto de Yale era decorado em tons de amarelo-claro e pês, e estava cheio de brinquedos de pelúcia e miniaturas de móveis de madeira. O berço estava coberto por um mosquitoeiro importado da Índia, de modo que era impossível ver se Yale estava dormindo ou não, mas havia um silêncio no quarto que sugeria que estava. Também sugeria que a neném ainda estava de quarentena.

Epa.

Blair foi na ponta dos pés até o armário antigo amarelo-manteiga, abriu a primeira gaveta e retirou uma caixinha de jóias de veludo branco. Depois fechou a porta e foi até o berço, ainda na ponta dos pés.

- Eu prometo que devolvo - sussurrou ela para o bebê enrolado no lençol, pacificamente deitado ali. Ela ergueu o mosquitoeiro e deu um beijo no rosto rosado e macio de Yale, concentrada demais em seu prêmio para perceber que a neném usava luvinhas nas mãos para evitar que coçasse o corpo rosado e cheio de brotoejas.

Em geral é a irmã mais nova que rouba coisas do quarto da mais velha, mas, como a neném Yale um dia ia descobrir, Blair não é exatamente uma irmã mais velha comum.

e por falar em irmãs mais novas...

O Lower East Side era um daqueles bairros de Nova York com a sorte de ser eternamente cool, mas era fora de mão e sujo demais para continuar livre de turistas e Starbucks, e

resistir a se tornar o bairro da moda, como aconteceu com o Meatpacking District. Uma fila de meninas de top e minissaia pregueada e meninos de jeans e camisa pólo com a gola virada para cima se formara na frente do Funktion, o clube na Orchard Street onde os Raves iam se apresentar.

Jenny pegou o cotovelo de Elise, deleitando-se intimamente em como era legal não ter de esperar na fila com os outros, preocupados se o porteiro ia deixá-los entrar ou não. Ela disse o nome e a corda de veludo se abriu, e elas entraram.

Tan-nan! Virou cool de uma hora para outra.

Por dentro, o Funktion era menor do que Jenny tinha imaginado e, embora fosse novo, parecia velho. O piso do clube era preto, e as paredes eram de blocos de concreto pintados de vermelho. Estava abarrotado e, em vez de se sentarem às mesas pretas e brancas, as pessoas se espremiavam perto do pala, de pé, com cerveja na mão. A coisa mais legal e piegas no clube era o poste de bombeiro de quando era um quartel e que ainda estava lá. O poste descia do teto até o meio do palco, proporcionando uma entrada dramática a quem quer que estivesse se apresentando.

Jenny se perguntou se elas deviam se aventurar ao bar e pedir bebidas, ou se teriam mais sorte se apenas se sentassem, parecendo entediadas e sofisticadas até que uma garçonete viesse e anotasse os pedidos. Talvez nem precisassem beber. Toda menina com idade entre 9 e 29 anos era apaixonada pelos Raves. Só estar no mesmo ambiente deles, *ao vivo*, já seria embriagador.

Ela puxou a tira da bolsa de strass preto Banana Republic de Elise e seguiu até os fundos do clube, para que pudessem se sentar e se concentrar em parecer mortas de tédio, como as modelos sempre pareciam naqueles flagras fotográficos na primeira página da revista *New York*.

O baterista e o baixista dos Raves já estavam no palco, mexendo nos instrumentos e testando os microfones.

- *A, B, C, D, E, F, G* - cantarolou o baterista no microfone dele, os olhos fechados e a cara séria, como se estivesse cantando a música mais emocionante já composta. - *Me diz o que pensa de miiiiim.*

- Ele é um gato! - cochichou Jenny no ouvido de Elise.

- Quem? - perguntou Elise, olhando o palco. - O baterista? Mas ele tem, tipo assim, uns 25 anos!

E daí?

- E daí? - retorquiu Jenny. - Todos eles não têm 25?

- Mas ele está de *macacão*. - Elise franziu, de nojo, o nariz sardento. - O guitarrista, como é que se chama mesmo... Damon... não, *Damian*... aquele namorado da Serena? Ele sim é um gato - insistiu ela. - Ele tem sardas como eu, e aquele *sotaque!* - disse ela animada. - E não se esqueça do seu irmão. *Ele* não tem 25 anos.

Jenny revirou os olhos. Tudo bem, então o baterista *estava mesmo* de macacão branco de pintor, com uma camisa pólo listrada de verde e rosa e tênis brancos novos Tretorn. Era uma roupa estranhamente inocente e mauricinha para alguém famoso por quebrar as baquetas na testa durante os shows. Mas isso fazia parte de seu apelo, parte do apelo de toda a banda. Os Raves eram uma mistura perfeita de *serial killer* psicótico com filhinho da mamãe mimadinho, tipo um cruzamento de Marilyn Manson com o espantalho de *O mágico de Oz*.

- Eu gosto dele - insistiu Jenny. Ela ajeitou a cadeira para poder olhar diretamente para o baterista. Ele pestanejou na direção dela e ela deu uma risadinha, corando furiosamente.

- Tem muita garota bonita aqui hoje - disse o baterista com a voz arrastada no microfone e depois sorriu para Jenny. Ele tinha dentes brancos e retos e uma boca larga, como do Gato de Cheshire, e o cabelo escuro era curto e bem penteado, como se ele tivesse acabado de sair da barbearia na Rua 83 com a Lexington, onde todos os garotinhos do Upper East Side iam com os pais para cortar o cabelo.

- Ele me lembra o cara gordo daquele filme - observou Elise, como se alguém entendesse do que ela estava falando.

- Ele não é gordo - rebateu Jenny.

Elise pegou um maço fechado de Marlboro Lights na bolsa cintilante e o atirou na mesa.

- Não se pode dizer se alguém é gordo antes que ele esteja nu.

Jenny pensou nisso enquanto olhava o baterista. Ela nem sabia o nome do cara, mas já gostava dele. Gostava mesmo. E ela não teria se importado em vê-lo nu. Afinal, o número total de meninos que ela vira completamente pelados na vida somava o quê... zero?

O clube estava enchendo, Jenny chegou a reconhecer algumas pessoas da fila que finalmente conseguiram entrar. De repente as luzes se apagaram, a não ser por uma única lâmpada que iluminava um poste, como aqueles de quartel de bombeiro. Jenny pegou a mão de Elise por baixo da mesa e a apertou com força, mal conseguindo conter a empolgação. Em seguida Damian, o primeiro guitarrista dos Raves, desceu deslizando pelo poste, o cabelo louro-avermelhado espetado como se ele tivesse dormido por cima dele. Vestia uma camiseta branca básica com um grande R maiúsculo na frente - a nova camiseta promocional dos Raves, com design dele mesmo.

Se é que se pode chamar aquilo de *design*.

O caso é que os Raves podiam sair usando o que quisessem ou fazer o que gostassem porque eles eram verdadeiros Puros-sangues - bons rapazes de boas famílias do Upper East Side que foram para o colégio interno juntos e depois formaram uma banda em vez de ir para uma faculdade. Alguns meses antes, a *Rolling Stone* até publicou um artigo descrevendo como cada integrante dos Raves tinha entrado para Princeton e que, em uma noite de maio fatídica, antes de se formarem no internato, quando estavam se apresentando em uma cafeteria em Deerfield, um garoto na platéia por acaso estava ao telefone com o pai, executivo de gravadora, que fechou com eles de imediato. Os quatro rapazes decidiram não ir para a universidade, porque, que melhor maneira de agradecer aos pais por darem tudo o que você sempre quis do que comprar o próprio carro e a casa própria antes dos vinte anos? No final, ser astro de rock seria muito mais lucrativo do que conseguir um diploma universitário em algo totalmente inútil, como filosofia. Além disso, o mesmo executivo de gravadora por acaso era casado com a diretora de uma agência de modelos francesa, o que significava que a banda podia sair com lindas modelos francesas o tempo todo - uma prerrogativa bem decente.

Jenny olhava ansiosa enquanto Dan descia pelo poste depois de Damian, pousando dolorosamente de joelhos. A cara dele estava verde, o cabelo grudado de suor e os olhos estavam meio que girando na cabeça. Ele também estava vestido de Sr. Quero Ser Hip-Hop, o que formava um contraste total com as roupas de meninos-criados-em-escolas-preparatórias dos outros Raves.

- Qual é o problema das calças? - perguntou Elise, alarmada, como se não conseguisse acreditar que um dia deixou que Dan a beijasse. - E com o cabelo?

Jenny deu de ombros. Tinha de admitir que Dan estava meio esquisito, mas ela preferia trocar olhares melosos com o baterista dos Raves do que tentar entender por que o irmão de repente estava tentando parecer o Eminem. O baterista sorriu para ela de novo e ela piscou os olhinhos, desejando que os cílios fossem mais longos ou que ela estivesse com mais maquiagem. Ela também queria ter coragem para ir até o bar e pedir ao bartender para entregar uma bebida ao baterista ou coisa assim. Parecia o tipo de coisa que Serena faria. Se ao menos Serena estivesse aqui. Ou talvez fosse melhor que não estivesse. Afinal, o baterista estava sorrindo para *ela*. Se Serena estivesse aqui, Jenny podia passar despercebida.

A multidão agora era ruidosa e parecia ter dobrado de tamanho. Elise acendeu um cigarro e o passou a Jenny. Ninguém chegou a lhes oferecer bebidas, mas fumar em um salão cheio de adultos legais quando só se tem 14 anos também era legal.

Damian vibrou a guitarra e o baterista tocou um dos tambores. O baixista anorético de cabelo escuro estalou os dedos. Dan deu um pigarro direto no microfone, um som nojento e cheio de catarro.

Mas que coisa vulgar.

- Acho que devo começar a cantar - murmurou ele de forma quase incoerente. A multidão riu. Jenny pensou que Dan parecia exatamente como estava na manhã em que acordou e descobriu que eles estavam sem café instantâneo e ele ficou tão fraco que vomitou.

Jenny teve que correr até a deli, e foram necessárias quatro canecas para ele ressuscitar.

Ela tombou a cabeça de lado, deu um trago e soltou uma longa faixa de fumaça no ar.

Talvez ele só estivesse fingindo estar distante, para que todos se surpreendessem quando ele começasse a pirar, como fizera na festa de aniversário de Vanessa.

Ou talvez não.

nem v consegue ver aquele desastre

Beverly estava esperando por Vanessa do lado de fora do clube, vestido nas mesmas calças pretas e largas e chinelos laranja do dia anterior. O cabelo preto estava repartido ao meio, e os olhos azuis-claros se ocultavam por trás de óculos de sol pequenos e espelhados. Uma mistura de John Lennon com Keanu Reeves.

- Oi - Vanessa o cumprimentou, esperando não parecer excitada *demais* em vê-lo novamente. - Óculos legais.

Adorei a argola no lábio. Você tem um cheiro incrível, era o que ela queria que ele respondesse. E, sem dúvida nenhuma decidi morar com você.

- Devemos entrar? - foi só o que ele perguntou, em vez disso.

A banda já começara a tocar e a fila na calçada do clube tinha minguado. Vanessa foi direto para a frente.

- Abrams. Estou na lista de convidados - disse ela ao porteiro. De repente ocorreu a ela que Dan estava prestes a vê-la com outro cara pela primeiríssima vez. Se ao menos ela tivesse coragem para agarrar Beverly e dar uns amassos nele bem na frente do palco. Como se Dan fosse notar alguma coisa.

O porteiro olhou os dois rapidamente e soltou a corda de veludo vermelho. Vanessa podia ouvir as pessoas na fila gemendo de inveja enquanto eles entravam. Beverly não disse nada, como se coisas legais como essa acontecessem com ele todo dia.

O Funktion estava barulhento, apinhado, enfumaçado e quente, exatamente como os clubes devem ser. Os Raves tocavam com a fanfarronada de sempre, mas o público parecia cantar mais alto do que Dan. Vanessa ainda nem conseguira vê-lo, mas quase parecia que Dan estava sufocando ou coisa assim.

*Me quebra feito um ovo!
Queime um buraco no meu dedo até que eu me veja
Me veja sem você!
Sem você e com saudades
Com saudades de como você me chutou!*

Caraca, essa música não seria autobiográfica, seria?
Era uma música nova, que Dan escrevera na semana anterior. De algum jeito, os fãs mais loucos dos Raves tinham pirateado uma versão de uma das sessões de ensaio e já tinham decorado a letra. Agora estavam gritando a música, o que era bom, porque mal se ouvia a voz de Dan.

Vanessa abriu caminho entre a multidão apertada até os fundos do clube. A irmã mais nova de Dan, Jenny, e a amiga Elise estavam sentadas a uma mesa no canto, fumando e balançando o queixo para a música com um tédio tão estudado que era quase óbvio que andaram praticando na frente do espelho.

Beverly apontou para uma mesa perto da saída de incêndio, onde havia um lugar livre.
- Vai nessa - disse ele a Vanessa. Ele se empoleirou na mesa e indicou que ela devia se sentar. - Não tenho certeza do quanto mais dessa coisa posso suportar.
Vanessa apertou os lábios e se sentou. O que isso queria dizer? Que ele não gostava dela? Que ele não queria morar com ela? Não foi assim que ela imaginou. Eles deviam se sentar juntos em um cantinho íntimo, esbarrando os joelhos e toando cotovelos por acidente e se aproximando cada vez mais um do outro, o tempo todo fingindo ouvir Dan cantar.

Mas talvez isso fosse parte do problema. Dan não estava cantando nada, só a platéia cantava.

*Sente minha falta? Sinto sua falta?
Eu sei, eu sei,
Não se trata dessa merda.
Éramos como aparar grama...
Parece bom, cheira bem
Mas que dor no rabo!*

Dan comprimiu a barriga, arfando no microfone, que ele apertava, os nós dos dedos brancos, os olhos cercados de vermelho e a boca aflita escancarada como um peixe moribundo. Um peixe vestido como o rei do *MTV Raps*, naquela calças baggy esquisitas e tênis feios, o cabelo todo suado e desgrenhado, e a nuca raspada de forma desigual.
Olha só o que acontece com você quando a gente termina, pensou Vanessa por um momento fugaz e triunfante. Mas Dan parecia tão ridículo que para ela era quase constrangedor admitir que o conhecia. Ela olhou para Beverly. Ele estava roendo as cutículas e batendo o pé como quem espera o ônibus.

De repente o som distinto de vômito veio à superfície pelos alto-falantes, e Dan cambaleou para fora do palco, levando o microfone com ele. A banda continuou a tocar, mais alto ainda, com Dan vomitando como um infeliz nos bastidores.

Mas que *vulgar!*

Vanessa tocou o cotovelo de Beverly.

- Talvez seja melhor a gente ir - propôs, num tom de desculpas. Era meio errado deixar Dan vomitando nos bastidores quando eles foram tão íntimos, mas foi *ele* quem quis ser um astro do rock. Além disso, naquele exato momento, devia haver uma gangue de tientes louras dos Raves passando uma toalha fria e molhada na cabeça de Dan e lhe dando água mineral de colher. Ele não precisava mais dela.

Beverly assentiu e desceu da mesa.

- Tem uma festa que meus amigos da Pratt estão dando desde março. Vamos dar uma olhada.

Ele pegou a mão dela e pela primeira vez Vanessa percebeu que faltava o último pedaço do dedo médio da mão esquerda dele.

Eca?!

Ela procurou não olhar e deixou que ele a puxasse e a colocasse de pé. Se ao menos Dan voltasse para o palco por tempo suficiente para vê-la saindo com outro cara. Mas o clube estava abarrotado demais para flagras em ex-namoradas, e além disso Dan estava bastante ocupado.

Novamente o som do vômito de Dan chegou aos alto-falantes, quase abafando a música. Um pequeno conselho, cara: todos nós sabemos o quanto você é apegado a esse microfone, mas da próxima vez que vomitar, por favor, deixe-o para trás!

traduzido é melhor

Para sorte de Dan, Damian e os outros membros da banda tinham confiança e senso de humor suficientes para não ficarem totalmente irritados com o fato de o novo vocalista estar botando as tripas para fora a pouca distância do palco. Eles tocaram em todo o pequeno episódio de Dan, cortando sutilmente o som do microfone dele, e depois passaram a uma antiga música dos Raves que Dan nunca ouvira antes:

Meu docinho, por você meus olhos gritam

Lamba as gotas e joga a casquinha foraaaaaa

Não surpreende que eles procurassem por um letrista.

O público estava enlouquecendo, cantando as palavras com mais paixão do que nunca. Dan continuava nos bastidores com a cabeça entre os joelhos, tentando se lembrar de como conseguiu entrar nessa situação. Como diabos tinha passado de poeta recluso do ensino médio a vocalista com calças baggy de uma banda famosa quando, tão obviamente, lhe faltava o perfil para isso?

Antes do show começar, ele fez o que Damian sugeriu e bebeu um pouco de vodca. Tá legal - ele bebeu metade da garrafa, mas em vez de relaxar e lhe dar coragem para a apresentação, a vodca o deixou totalmente intoxicado, em especial quando combinada com todo um maço de cigarros.

Não digaaaa!

A luz era fraca nos bastidores, e o piso de madeira estava pegajoso de cerveja derramada e cinzas de cigarro. Dan trincou os dentes quando foi assaltado por outra onda de náusea, mas apertou os olhos com força e lutou para melhorar. De repente alguém lhe deu um tapinha no ombro.

- Tá tudo bem, *mon cher*. Tome um gole de *tonique et voilà...* fica bem melhora, nan?

Dan olhou para cima e viu uma garota linda, em seus vinte anos, de pé diante dele com uma garrafinha de tônica Schweppes e um copo com gelo nas mãos. Ela serviu a tônica por cima do gelo e se agachou ao lado dele.

- Toma. Sem limon, tá?

Dan não sabia o que dizer. Nunca tinha tomado água tônica sem vodka, mas a essa altura tentaria qualquer coisa. A garota tinha os cabelos compridos tingidos de mel e era bem bronzeada. Vestia um top branco apertado e uma cara saia verde que mal cobria a parte superior das coxas bronzeadas. Os olhos eram verde-oliva, e a garota tinha cheiro de pinho. Ele pegou o copo e o colocou na boca, tomando um golinho mínimo, para experimentar. Seria bem típico dele se o gole voltasse, espirrando em todo o lindo cabelo da menina. Por milagre, porém, isso não aconteceu. Ele tomou outro gole, e depois outro, e a cada gole a cabeça dele clareava, mesmo que ligeiramente.

- Chega *disso* - disse-lhe a garota com firmeza, e pegou o copo. Ela colocou o copo e a garrafa vazia em cima de um amplificador que não estava sendo usado e se virou para Dan. - Quando os meninos terminarem, vão dar uma festa - continuou ela, os olhos verde-oliva sonolentos e confiantes. - E aflows nós vamos conversar.

Dan assentiu obediente, como se entendesse perfeitamente o que ela dizia. Ele tinha certeza de que a garota era francesa, e quando ela disse, "E aflows nós vamos conversar", quase parecia que tinha em mente mais do que um papinho educado. Mas como ela podia achá-lo atraente naquele estado? Talvez a apresentação dele tenha sido melhor traduzida em outra língua.

A garota se levantou, vendo a banda acabar a música.

- Eles vão tocar mais duas músicas *et puis finis*, non? - declarou ela.

Dan assentiu novamente. Isso parecia certo. Uma tatuagem circulava o tornozelo bronzeado da garota. À primeira vista, Dan pensou que a tatuagem era de uma cobra; depois percebeu que era uma raposa, enroscada na perna, dormindo.

Ah, os poemas que ele podia escrever sobre a raposa se ao menos tivesse uma caneta, um caderno e um vidro grande de Advil extraforte!

Ele limpou a garganta maltratada pelo cigarro.

- Meu nome é Dan - grasnou ele, estendendo a mão, mas sem ousar se levantar.

A garota sorriu, uma aberturinha sexy aparecendo entre os dentes da frente. Depois ela se aproximou, pegou a mão úmida dele e se curvou para dar um beijo no rosto molhado.

- Eu sei quem você é - murmurou ela na orelha dele. - *Et je m'appelle Monique*.

Hmmm, murmurou Dan como um bêbado. Havia alguma palavra em francês para *gostosa*?

yale ama nova York

Stanford Parris III morava em uma cobertura no número 1.000 da Park Avenue, no Carnegie Hill, um dos prédios mais elegantes e mais antigos do Upper East Side. Mas o mobiliário Chippendale, a tapeçaria medieval e a coleção de escultura britânica do século

XVIII do Sr. Parris não foram percebidas pela maioria dos convidados, inclusive os Van der Woodsen.

Eles estavam acostumados com tal elegância, e isso só os fazia se sentir mais à vontade.

- Meu neto queria fazer a festa em um hotel - confidenciou Stanford Parris III ao Sr. Van der Woodsen, enquanto trocavam um aperto de mãos. - Ou no Iate Clube. - Ele piscou para a mãe de Serena. - Mas eu não ia deixar passar a oportunidade de receber tantas mulheres bonitas em minha própria casa!

A mãe de Serena deu seu gracioso sorriso de pode-me-dizer-o-que-quiser-seu-velho-pervertido-que-eu-nunca-vou-perder-a-pose, e Serena riu. Talvez o velho Stan Parris não fosse afinal tão ruim. Ela apertou a mão do idoso aristocrata da Nova Inglaterra e depois ficou na ponta dos pés e deu um beijo de flerte na bochecha velha e enrugada dele, só para irritar os pais.

- É como eu digo - exclamou o Sr. Parris. - Yale certamente sabe o que está fazendo!

- Calma, vovô - alertou um louro alto com uma covinha adorável no queixo e maçãs do rosto maravilhosas. Lembre-se de que tem um coração fraco - ralhou o rapaz como avô.

- Não é com o *meu* coração que me preocupo - disse o Sr. Parris, amuado. Ele segurou o rapaz pelo ombro com a mão enrugada. - Srta. Serena van der Woodsen, este é meu neto, Stanford Parris V.

Como se alguém ligasse para quantos Stanford Parris existem.

Serena esperava que o rapaz ficasse corado de tão sem-graça e murmurasse alguma coisa do tipo só "Stan" seria ótimo, mas ele não fez nada disso. Obviamente ele achava que seu título era a melhor coisa do mundo. Do que o chamavam na escola?, perguntou-se ela.

Número Cinco? Stan 5?

- Aqui está seu crachá, querida. - A Sra. Vander Woodsen colocou nos peitos de Serena uma etiqueta do tamanho de um pára-choque com *Serena van der Woodsen, ingresso no outono* em marcador azul, feito um sutiã sem alças horrendo com adesivo no verso.

Serena fingiu não se importar.

- Obrigada, mãe - disse ela, colocando as mãos em concha sobre o peito para suavizar o crachá. Todos os homens presentes soltaram um pequeno arfar, todos loucos para ir para os alojamentos coletivos de Yale no ano seguinte.

Eles chegaram cedo e a festa ainda estava fraca. Meninos de terno e gravata Hugo Boss e meninas de saias longas Tocca e blusas abotoadas escondiam-se ao lado dos pais, sorrindo com desconforto e bebendo champanhe. Toda a cena fez Serena se sentir como se fosse o primeiro dia de baile da escola, nos tempos da 5ª série.

Alguém colocou a mão no ombro de Serena e ela se virou. Era a Sra. Archibald, a mãe francesa, dramática e meio louca de Nate. O cabelo tingido de âmbar tinha sido disposto em uma massa de cachos em cascata, e os lábios finos estavam pintados num vermelho feroz de carro de bombeiro. Em torno do pescoço, havia seis filas de pérolas cor-de-rosa, e pérolas da mesma cor adornavam cada orelha. Apesar dos saltos 9 Christian Louboutin, ela era surpreendentemente baixa, vestida em um tomara-que-caia longo Oscar de la Renda de seda cor de estanho e portando uma bolsinha dourada e binóculos de ouro para ópera - obviamente só deu uma parada na festa a caminho do teatro. Ela beijou Serena rapidamente no rosto.

- Você viu meu filho? - sussurrou no ouvido de Serena, os olhos verdes faiscando.

Serena sacudiu a cabeça.

- Não. Mas a Blair... - Ela parou de repente, perguntando-se se a Sra. Archibald realmente queria saber que Blair e Nate estavam juntos numa suíte do Plaza Hotel, transando pra caramba. - Já tentou o celular dele? - perguntou ela em vez disso.

A Sra. Archibald bateu as pestanas e acenou os binóculos de ópera no ar.

- Deixe para lá, querida - suspirou ela, antes de se afastar para encontrar o marido, o almirante.

Stan 5 ainda estava parado ali como se fosse óbvio que o louro bonito e a mais linda loura da sala deveriam conversar. Uma mulher de uniforme preto do bufê entregou a Serena uma flûte de champanhe.

- Onde está o *seu* crachá? - perguntou Serena a Stan 5, olhando a camisa preta que foi deixada desabotoada e sem gravata.

Como ele é rebelde.

Ele sorriu e deu um pigarro.

- Não acho que precise de um.

Ah, mas então como é que todo mundo vai *saber quem você é*?

Serena já estava para sair da festa - ela apareceu e ficou dez minutos, o que mais os pais dela queriam? Mas o velho Sr. Parris veio se arrastando para falar com ela novamente, e ela não quis ser rude.

- Sua mãe acaba de me contar que atriz maravilhosa você é - irrompeu ele em seu incrível sotaque da Nova Inglaterra. Ele ajeitou a gravata-borboleta vinho e azul-marinho. Sabe de uma coisa, eu protagonizei 19 produções quando estava em Yale. Naquela época, a universidade era só para homens. Tenho umas fotos antigas, se quiser dar uma olhada.

- Francamente, vovô - interferiu Stan 5 num esforço para calar a boca do avô.

- Na verdade, eu adoraria - respondeu Serena com um interesse autêntico. Não havia nada que ela gostasse mais do que ver fotos antigas. Ela adorava as roupas elaboradas, os penteados bufantes dramáticos, como todo mundo usava chapéu e luvas, e bolsas que combinavam com os sapatos.

Stan 5 franziu a testa confuso, como se não acreditasse que Serena estava prestes a trocá-lo pelo avô enrugado. Ela sorriu para ele do mesmo jeito gracioso que a mãe sorrira para o avô dele, e depois seguiu o velho Sr. Parris pelo apartamento e por um corredor estreito até a biblioteca. A perna direita dele parecia estar criando dificuldades, fazendo com que ele capengasse para a esquerda, e ela segurou o cotovelo do blazer de listras cinza por medo de que ele caísse.

A biblioteca de Parris era decorada em marrom chocolate com toques de azul-marinho e flor-de-lis dourada. Candelabros de cristal pendiam do teto e quatro poltronas de couro marrom chocolate estavam em torno de uma mesa de carteador antiga com uma pintura ornamental.

- Aqui sou eu em *Hamlet* - apontou o Sr. Parris para uma grande foto em preto-e-branco pendurada acima do consolo da lareira. Serena esperava ver um jovem Sr. Parris numa armadura completa, parecendo feroz e altivo. Em vez disso, uma bela jovem com um rosto fino e comprido e uma fenda distinta no queixo estava deitada de olhos fechados, as pestanas longas e as mãos cruzadas no peito, um colar de margaridas adornando o cabelo solto.

- É o *senhor*? - perguntou Serena, surpresa.

O velho riu.

- Eu era muito garoto na época. Eles me obrigaram a interpretar Ofélia.

Serena encarou a fotografia.

- O senhor era meio gata.

O Sr. Parris deu um tapinha na mão dela.

- Também penso assim. E eu era muito melhor morrendo do que os outros colegas. - Ele foi até o bar no canto, encheu dois copos de cristal com uísque e os colocou na mesa de carteadado. Depois puxou da estante um álbum com capa de couro verde surrado. Ele folheou as páginas do álbum e apontou para uma das poltronas de couro. - Tenho centenas de fotografias - alertou ele a Serena.

Serena se sentou e tomou um gole do uísque. Depois se recostou na poltrona, enfiou os pés sob o corpo e pegou o álbum. Ela se sentia à vontade, aconchegada e genuinamente interessada em ver as velhas fotos em Yale de Stanford Parris III. E, à medida que passava as páginas lentamente, examinando as maravilhosas imagens em preto-e-branco de um jovem Sr. Parris e seus lindos colegas de Yale ensaiando no palco, Serena percebeu que não tinha pensado em atuar *na universidade*. Ela podia até se imaginar interpretando Ofélia, como fizera o Sr. Parris, tremulando os olhos fechados e murchando como uma flor na hora de morrer.

- Aqui sou eu em *Kiss Me Kate*. - O Sr. Parris apontou uma foto da mesma beleza de rosto comprido fitando a câmera, os olhos escuros faiscando, a covinha no queixo erguendo-se de desdém. - Essa Kate era uma bruxa.

Serena analisou a fotografia. O Sr. Parris de Kate a fazia se lembrar de alguém que ela conhecia, mas ela não conseguia situar.

Vamos dar uma dica. O nome começa com B.

Ela continuou a folhear as fotos, a mente disparando. Yale era a única universidade que não a havia assediado com e-mails atrevidos e correspondência de fãs excessivamente ciumentos. Até os Whiffenpoofs - o grupo de cantores *a capella* exclusivamente masculino de Yale, com quem ela se encontrara no mês passado, teve a decência de não mandar nenhum e-mail para ela todo dia perguntando quando ela pretendia chegar ao campus para que eles a ajudassem com a bagagem ou a levassem para tomar um café ou o que fosse. E eles certamente não perguntaram a ela sobre Damian, dos Raves, que ela nem conhecia.

O Sr. Parris deu um tapinha no joelho de Serena.

- Você tem o rosto de uma protagonista - acrescentou ele. - Yale sabe o que está fazendo.

- O senhor acha? - respondeu Serena entusiasmada. De repente, sair da festa de Yale para ver o show dos Raves parecia totalmente desnecessário. E, em respeito ao velho Sr.

Parris, ela quase queria ter usado mesmo a roupa azul e cinza que a mãe colocara sobre sua cama. Ela seria a maior protagonista de teatro da Universidade de Yale desde Stanford Parris III. New Haven ficava tão perto de Nova York que ela ainda podia trabalhar como modelo e, com um pouco mais de experiência como atriz, podia até conseguir um papel num filme! Blair ficaria totalmente emocionada se elas fossem para a universidade juntas - não que ela fosse dizer alguma coisa até que Blair descobrisse que tinha saído da lista de espera de Yale. Blair podia ser meio irracional quando Serena tinha algo que ela própria queria.

Meio?!

penetra de festa encontra um irmão espiritual

- Uma alma corajosa. - Um louro alto de camisa preta aberta na gola recebeu Blair enquanto ela saía do elevador sozinha e entrava no country clube do apartamento de Stanford Parris III. - Todos os outros foram arrastados para cá pelos pais. Um cara até furou, então os pais dele tiveram de vir sozinhos.

Adivinha *quem* foi?

- A propósito, eu sou Stanford Parris V. - O rapaz estendeu a mão e abriu um sorriso orgulhoso que parecia dizer, "Como se você não soubesse disso".

Blair retribuiu o sorriso. Ela adorava homens com títulos, em especial louros altos com lindas covinhas no queixo, ainda mais os que iam para Yale no ano que vem.

- Blair Waldorf- disse ela, apertando a mão dele. Ela mexeu no pingente Cartier gravado no pescoço -, aquele que tinha roubado da irmã mais nova. Era uma simples plaquinha com um nome, só a palavra *Yale* em itálico dourado, presa com uma fita de cetim azul no pescoço de Blair. - E onde estão seus pais? - perguntou ela.

- Na Escócia. Temos um castelo lá - vangloriou-se Stan 5 casualmente.

Blair riu.

- Nós também! Minha tia mora lá.

Ai, não é lindo? Se eles se casassem e passassem a lua-de-mel na Escócia, podiam brincar de castelinho!

- Aliás, esta festa é do meu avô. Só estou aqui para... Stan 5 se interrompeu e deu um pigarro, como se momentaneamente tivesse se esquecido do motivo para estar ali. Ou talvez ele estivesse bêbado demais de uísque. - Para deixar nossa turma animada para o ano que vem - explicou ele por fim.

Blair apertou os lábios com brilho. O neto de Stanford Parris. Ela esbarrou no membro mais novo de uma das famílias mais influentes de ex-alunos de Yale sem sequer tentar! Se alguém podia tirá-la da lista de espera e colocá-la em Yale, era *ele*.

Stan 5 apontou o pingente de Yale no pescoço de Blair.

- Isso é incomum - observou ele. - Acho que você está mesmo animada para o ano que vem, não é?

É uma maneira de dizer.

Blair corou. Havia se preparado para esse tipo de pergunta. "Meus pais fizeram para mim depois que eu soube que tinha entrado", era o que planejava dizer. Mas agora ela optou pela verdade. Blair ficou na ponta dos pés e pôs a mão em concha na orelha aristocrática de Stan 5.

- Na verdade não entrei ainda - cochichou ela. - Fiquei na lista de espera.

- Bom, vamos ver o que podemos fazer a respeito disso disse Stan 5, com um sorriso simpático. Ele pegou duas flütes de champanhe de uma bandeja que passava e deu uma a Blair. Eles brindaram e um arrepiozinho percorreu a coluna dela. Ia ter sorte, ela sabia disso.

De várias maneiras!

De repente houve um rufar de tule e a mãe de Nate a envolveu em um abraço saturado de Chanel N° 5.

- Querida, onde está Nate?- perguntou a Sra. Archibald em seu dramático sotaque anglo-francês.

Boa pergunta.

Blair não queria ter que explicar a Stan 5 quem era Nate e não queria que a mãe de Nate pensasse que ela não conseguia manter o namorado sob controle. Mas também não queria

que ela desconfiasse de que estava escondendo alguma coisa. Afinal, ela também estava morrendo de vontade de saber onde Nate estava - assim ela podia soltar os cachorros nele.

- Estou hospedada no Plaza, então não tive oportunidade de ver meus recados em casa - respondeu ela. - Talvez o celular dele tenha quebrado ou coisa assim, porque ele nunca atende.

- Eu sei. -A Sra. Archibald apertou com força os lábios vermelhos. - O jardineiro encontrou o celular dele no terraço. - Ela ergueu com desconfiança as sobrelanceiras severamente maquiadas. - Tem certeza de que ele não está no Plaza com você? Blair olhou sem-graça para Stan 5 e depois balançou a cabeça, recusando-se a responder à pergunta em voz alta. Que coisa constrangedora ter de admitir à mãe do namorado que na verdade não, você não conseguiu trancá-lo em um quarto de hotel para ter dias de um sexo selvagem e apaixonado. Na verdade, este plano tinha furado totalmente.

- Bem, que seja. - A Sra. Archibald deu dois beijos no rosto de Blair e sorriu duro como quem diz, "Eu não acredito em uma palavra do que está dizendo, mas estou atrasada para a ópera, então, *c'est ta vie*". - Se você o *encontrar*, querida, diga-lhe que a mãe e o pai dele estão aborrecidos com ele e que fomos ver *La Boheme*.

Blair cruzou as mãos nas costas e assentiu devidamente. Onde estava Nate, porra? Ela viu o pai de Nate ajudar a Sra. Archibald com o capelet de seda Oscar de la Renta e depois acompanhá-la até o elevador. Ela pensou em ir até lá para cumprimentá-lo, mas o almirante Archibald era famoso pelo mau humor e, se estava irritado com Nate, provavelmente era melhor ficar longe dele.

Além disso, Blair tinha coisas mais importantes para fazer. Tipo paquerar o Sr. Eu-posso-colocar-você-em-Yale V.

Blair percebeu que ele estava usando o que parecia um anel antigo com a insígnia de Yale.

- É do meu avô - explicou Stan 5. - Ele me deu quando entrei. Yale é tipo a vida do meu avô. Vou te apresentar a ele, mas ele sumiu no estúdio com uma loura linda e só Deus sabe quando vão sair. Não que ele seja um pervertido nem nada disso. Provavelmente só está matando a garota de chatice com as histórias dele de Yale.

Os olhos de Blair varreram a sala. A "loura linda" parecia suspeitamente Serena. O velho Sr. Parris era na verdade um provedor de Yale e muito mais influente do que o neto. Era típico de Serena monopolizar a única pessoa na casa que podia colocá-la em Yale de uma vez por todas.

Um homem de uniforme de bufê pegou as taças de champanhe vazias e lhes entregou novas taças.

- A Yale - disse Stan 5, antes de brindar com ela.

Blair remexeu no pingente no pescoço e tomou a bebida, perguntando-se se devia pedir para ser apresentada ao avô dele. Stan 5 deu um passo na direção dela e baixou o queixo aristocrático.

- Não se preocupe - murmurou ele tranqüilizador, como se lesse os pensamentos dela. - Vovô e eu somos muito próximos.

Blair agarrou a haste da flüte e bateu as pestanas, desejando que seu rosto não ficasse vermelho-retardada. Que sorte ela teve de pegar o Stanford Parris mais novo e mais gato enquanto Serena estava presa com o velho mofado!

- Eu dei um beijo no meu entrevistador de Yale – confidenciou ela antes que conseguisse se deter. Não era exatamente uma coisa de que ela se orgulhasse. Mas ela queria que Stan 5 soubesse os problemas que podia enfrentar.

Stan 5 sorriu de prazer.

- O vovô reserva um quarto para mim ali no corredor. Tenho toda a coleção de catálogos de Yale ali. Quer dar uma olhada?

Blair deu uma risadinha irrefletida. Que maravilha conhecer um cara que era tão loucamente entusiasmado por Yale quanto ela própria. Ansiosamente, ela seguiu Stan até o quarto dele. Estava doida para beijar esses catálogos.

Beijar?

Por que não, quando Blair tinha mais em comum com Stanford Parris V do que com qualquer outro garoto que já conhecera, inclusive o babaca sumido do namorado, que de qualquer forma já estava em Yale e não tinha solidariedade nem utilidade nenhuma?

Bom, que seja. Acho que, afinal de contas, ela quis mesmo dizer *beijar*.

n abandona o barco

- Epa, acho que estou ganhando. - Lexie deu uma risadinha, colocou outra metade de Oreo na boca.

- Essa foi boa - respondeu Nate, sem sequer tentar afastar a boca achocolatada de Lexie. Foi idéia de Lexie fumar outro baseado e jogar xadrez com Oreos, então ela estabeleceu as regras: toda vez que pegasse uma metade branca de Oreo com os Oreos inteiros dela, ela comia a metade do Oreo e dava um beijo na boca de Nate.

Nate na verdade não ligava para o jogo, o que significava que ele estava meio que deixando Lexie vencer, mas beijá-la no convés, onde todo mundo estava zanzando, parecia mais seguro do que ficar sentado sozinho com ela no cesto de gávea, onde uma coisa podia levar a outra e...

Até parece que ele realmente teria deixado alguma coisa *grande* acontecer. Né?

Como sempre, Nate estava sofrendo da Maldição de Blair. Sempre que ficava com outra garota, só podia pensar em Blair e em ficar com Blair, o que o deixava meio culpado e excitado ao mesmo tempo, o que tornava a situação simultaneamente difícil de pegar e difícil de largar.

Ele ficou de olhos abertos enquanto Lexie o beijava, fazendo contato visual com Jeremy do outro lado do convés, que estava beijando uma menina de cabelo castanho comprido e braços gordos que Nate nunca vira na vida. De repente Nate sentiu como se estivesse na quinta série, em uma daquelas festas onde todo mundo só ficava por ali se beijando porque achava que era o que devia fazer, embora fosse meio nojento chupar a língua de uma menina por, tipo assim, uma hora, sem um copo de água nem nada. Exceto por aquela vez com Blair no armário de Serena em uma festa da sexta série - ou foi na quarta? Eles se beijaram e conversaram por tanto tempo que Serena teve que arrastá-los para fora ou eles perderiam a festa toda. Se ao menos Blair de repente aparecesse ao lado do *Charlotte* num bote pequeno e gritasse para ele ir se foder naquele tom *sexy* e meio piranha que ela usava quando só estava meio furiosa com ele. Onde Blair *estava*, afinal?, perguntou-se ele numa confusão de chapado e insone. Por que não estava com ele? Oi-êêê! Alguém em casa? Acorda!!

Lexie tinha os olhos fechados e a respiração pesada enquanto chupava os lábios dele. A língua dela tinha gosto de chocolate e cerveja, o que não era uma combinação muito boa. Nate estava louco para empurrá-la do colo e descer o convés para tomar uns copos de água. Ele mal podia esperar para contar a Blair que, apesar desse pequeno interlúdio turbulento, tudo ia ficar bem depois que ele voltasse das Bermudas, ou de Nova Jersey, ou sei lá de que merda aonde tinham ido.

O olhar dele passou para estibordo. O sol estava baixando e eles finalmente entravam no oceano. A água escura estava tranqüila e alguns barcos de pesca cintilavam no horizonte. Nate não verificava o sistema de navegação do barco há horas. O *Charlotte* estava navegando no piloto automático desde que eles tinham partido, mas uma vez que ele era o único que sabia como navegar e era meio responsável pela segurança de todos a bordo, ele pensou que talvez fosse melhor dar uma olhada.

É, talvez.

Ele empurrou Lexie e sussurrou numa voz rouca no ouvido dela.

- Tenho que pilotar o barco.

Ela deslizou do colo dele, colocou outro Oreo na boca e deu um beliscão no bíceps de Nate.

- Que garanhão. Sabe de uma coisa, eu sempre quis ir para as Ber-muuudas.

Nate foi até a cabine do capitão, pulando os companheiros de viagem prostrado, chapados, bêbados e meio adormecidos. Um garoto de sua turma de religião estava usando um dos coletes salva-vidas laranja do *Charlotte* enquanto tocava uma gaita e cantava uma música antiga de Neil Young:

Helpless, helpless, helpless, helpless.

Nate lembrou-se com um arrepio do filme *Titanic* – que Blair o fez ver não uma, mas quatro vezes - pouco antes do navio afundar.

Charlie e Anthony tinham se trancado na cabine e estavam sentados de pernas cruzadas no chão, dividindo um cachimbo de haxixe. Tinham tirado a camisa e tentavam ver quem podia projetar mais a barriga - um concurso ridículo, uma vez que suas barrigas eram tão achatadas que quase chegavam a ser côncavas.

- E aí - Anthony recebeu Nate. - A gente estava se perguntando... Tem surfe nas Bermudas?

- Porque a gente devia ter trazido nossas pranchas acrescentou Charlie.

Nate sacudiu a cabeça, ignorando-os. O ar na cabine estava tão enfumaçado que ele mal podia ler os monitores. Pelo que podia saber, porém, estavam quase em Cape May, o que significava que, se viajassem a uma velocidade de cruzeiro normal em vez de a 0,5 milha por hora, só levariam pouco mais de três horas para voltar ao porto de Nova York. Ele ancoraria o barco e iria direto para o Plaza.

Com apenas um dia inteiro de atraso.

Nate verificou a tela onde o *Charlotte* recebia mensagens de texto – principalmente comunicações de outros barcos ou portos. Havia 37 mensagens de texto de AdArch nextel.net, o celular do pai.

NATHANIEL, SUA MÃE E EU ESTAMOS NA ÓPERA.

NATHANIEL, VOLTE COM O BARCO.

ALERTEI A GUARDA COSTEIRA E ELES FORAM INSTRUÍDOS A PRENDÊ-LO.

NATHANIEL, SUA MÃE ESTÁ MUITO ABORRECIDA.

VOLTE COM O BARCO, FILHO.

E assim por diante.

- Merda. - Nate podia imaginar a mãe derramando lágrimas em todo o traje preto de noite no camarote da família no Metropolitan Opera enquanto o pai golpeava furiosamente o celular. Mas a mãe sempre chorava na ópera; fazia parte de todo o ato de princesa-francesa-dramática dela.

Todas as mensagens foram enviadas nas últimas duas horas, então os pais não estavam pirando há muito tempo. Normalmente o tom carrancudo do pai o teria apavorado, mas ele estava mesmo procurando uma desculpa para abortar a missão e voltar para Blair.

Agora havia uma.

Ele voltou à tela de navegação e entrou com os pontos de longitude e latitude do porto em Battery Park City, escritos no quadro-negro na parede da cabine em giz amarelo. Ele apertou "enter" e imediatamente o motor do barco passou para ponto morto. Depois a proa imergiu e girou até que o barco deu uma guinada completa de 180 graus, voltando para o porto de Nova York. Ele digitou o comando para aumentar a velocidade para 30 milhas por hora e olhou o relógio: 20h29. Estaria na cama com Blair por volta da meia-noite.

- Ei, o que é que tá pegando, cara? - perguntou Anthony de seu lugar no chão da cabine. - Está fazendo o dever de casa ou o quê?

Nate sorriu e sacudiu a cabeça, desfrutando do prazer de ser fumante passivo. Blair ficaria tão emocionada em vê-lo novamente que o perdoaria. E ele não teria nenhum problema para fazê-la perdoar.

Supondo-se que ela estivesse esperando por ele. E supondo-se que estivesse sozinha...

irmãzinha desvirtuada

- *Tirem os sapatos! Tirem os sapatos! Tiiii-reeem os saaaa-paaatoos!* - Damian guinchou no microfone. Era o último refrão de "Restaurante japonês", o mais recente single de sucesso escrito por Dan Humphrey e a última música no repertório do show dos Raves.

- Se a gente sair de fininho agora - murmurou Elise -, deve conseguir um táxi antes dos outros.

- Quem falou em sair?

Jenny acendeu outro cigarro, ignorando-a. Ela queria ficar ali até que a multidão diminuísse e dar uma olhada melhor em Damian. Ver se o cabelo louro-arruivado ficava eriçado sozinho ou se estava emplastrado de gel. Ver se os dentes dele eram mesmo tão perfeitamente brancos e retos como pareciam de onde ela estava sentada. Ouvir o sotaque irlandês que lhe conferia tanta fama. E aqueles músculos dos braços! O baterista dos Raves ainda era bonitinho, mas Jenny tinha de admitir que Damian era totalmente gato. Ele tinha uma energia incrível, como se fosse uma corda retesada. Se ela ficasse, talvez Dan até os apresentasse, ela podia deixar passar que era amiga de Serena e descobrir se eles realmente estavam juntos ou não.

Isto é, se Dan ainda estivesse vivo.

Zoing! Damian puxou a última corda da guitarra e atirou o instrumento para a multidão, como todos sabiam que ele fazia. Depois ele subiu pelo poste usando só as mãos, flexionando aqueles músculos fantásticos dos braços, e desapareceu.

- Acabou o show - zombou o baterista. Ele se levantou todo rígido, pegou uma garrafa de cerveja de baixo da bateria e bebeu. Depois baixou a garrafa e esticou o pescoço, como se estivesse procurando por alguém no público.

A pele de Jenny formigou. *Ela?*

Peraí, ela já não o havia superado?

- A gente tem que ir - repetiu Elise. Ela se levantou e pegou a blusa de Jenny. - Todo mundo vai ficar brigando pelos táxis.

O baixista começou a desplugar as coisas e desmontar o equipamento. O baterista arrotou com irreverência em um dos microfones.

Que vulgar.

Jenny deu uma risadinha como se esta fosse a coisa mais linda e adorável que ouvira na vida.

- Pode ir, se quiser, mas eu não vou embora - disse à amiga. Ela devia passar o resto do fim de semana na casa de Elise, mas oportunidades como essa não apareciam com muita frequência.

Oportunidades de conhecer astros famosos do rock, ou oportunidades de ser desagradável ao máximo?

A multidão começou a se dispersar. Alguns foram ao banheiro; outros saíram pelas portas e foram para a rua. Elise adejava ao lado da mesa, insegura. Jenny deu outro trago desajeitado no cigarro e balançou o pé. E depois, de repente, lá estava ele, na frente dela - o baterista.

Ele não era Damian, mas era *quase* tão bom.

- Oi, meu nome é Lloyd. - Os nós dos dedos estavam enrolados em esparadrapo puído, como um boxeador, e o cabelo preto e curto e a camisa Lacoste verde e rosa de, mauricinho estavam ensopados de suor. - Você é a irmã do Dan, não é? Jennifer?

Jenny assentiu. Ela adorava quando as pessoas a chamavam de Jennifer. Embora ela preferisse que ele tivesse dito, "Você é Jennifer, aquela modelo estonteante que saiu na *W* deste mês, não é?"

- Como você sabe? - perguntou ela, embora soubesse a resposta. Apesar do fato de ela se vestir melhor do que Dan e ser quase 20 centímetros mais baixa e ter um peito muito maior, eles eram quase gêmeos fraternos.

Só que ela também era três anos mais nova do que Dan. Não que ela fosse contar isso ao Sr. Baterista.

- Seu irmão disse que a linda irmã dele estaria aqui respondeu Lloyd com uma expressão sincera. Ele olhou para Elise, que ainda estava de pé ali, remexendo no zíper da bolsa Banana Republic como uma nerd total. - Sabe o Marc, nosso baixista? Ele tem tara em hotéis antigos e grandes - continuou Lloyd. - Mas aí, ele reservou uma suíte no Plaza hotel. Vamos nos reunir lá, se quiser vir.

Jenny deixou o cigarro cair no chão. Ela quase tinha se esquecido de que o segurava.

- Total! - exclamou ela com mais entusiasmo do que pretendia. - Quer dizer, meu irmão vai, não é? - Não que ela realmente ligasse se Dan iria. Ela só não queria parecer o tipo de garota que entra em quartos de hotel com caras estranhos de bandas de rock o tempo todo.

Ah, tá.

- Faltam dez minutos para o toque de recolher. Eu tenho que ir para casa - insistiu Elise. Ela olhou para Jenny como quem diz, "esta é sua última chance".

- Tudo bem. Bom, eu te ligo amanhã – respondeu Jenny. Ela estendeu o maço de cigarros a Elise, mas Elise o rejeitou.

- Você pode precisar deles - disse ela, antes de se virar e partir.

Jenny sabia que devia sentir uma pontada de culpa por não ir embora com a amiga, mas como poderia desperdiçar uma oportunidade dessas? A pior coisa que podia acontecer era o pai dela descobrir, mas ele nunca era muito bom nos castigos e, além disso, Elise jamais contaria. Ela juntou os joelhos com força e sorriu para Lloyd com uma empolgação nervosa. Ele estendeu a mão enfaixada e a colocou de pé, puxando-a.

O clube tinha voltado ao estado de normalidade. As pessoas batiam papo em voz baixa, com suas cervejas, enquanto o novo disco de Franz Ferdinand tocava no sistema de som. Dan agora estava sentado na beira do palco, ao lado de uma garota bronzeada muito bonita com cabelos cor de mel, aninhando uma garrafa de água tônica Shweppes. Ele parecia totalmente abatido, mas a garota estava falando, rindo e sorrindo como se Dan fosse o cara mais interessante que conheceria na vida.

- Mas que porra, a Yoko voltou - sibilou Lloyd à medida que eles se aproximavam.

- Quem? - perguntou Jenny, curiosa. A garota vestia uma minissaia verde jade supercurta e suas pernas nuas eram luxuriantemente longas e bronzeadas, como as de uma modelo de protetor solar Bain de Soleil.

Um enorme sorriso falso se espalhou pela cara de Lloyd.

- Deixa pra lá - respondeu ele entre os dentes brancos brilhantes. - Você vai ver.

A garota bronzeada saiu do palco saltitando e deu dois beijos no rosto de Jenny.

- Dan *dit* que você é a irrmã mais nova dele – disse ela, com um forte sotaque francês. -

Tenho tanta inveja dos seus peitos liiiindos! - Ela estendeu as duas mãos e deu um apertão forte em cada um dos peitões de Jenny.

Fon-fon!

- É tão de mulherrr, *non*?

- Monique, eu não... - Dan começou a alertá-la.

- Obrigada - interrompeu Jenny, surpreendendo a todos, inclusive a si mesma. Ela sempre foi extremamente sensível com relação aos peitos, com bons motivos, mas a pequena explosão de Monique parecia um autêntico elogio francês. Além disso, ela não se importava realmente que Damian e Lloyd agora tivessem ciência de que seus peitões eram os maiores do ambiente.

- Jennifer, esta é Monique. Monique, Jennifer. –Lloyd fez as apresentações. - Monique é a mul...

- De visita de St. Tropez - interrompeu-o Monique, os olhos ardendo com um jeito que dizia, "cala a boca, idiota!". - Você vai no Plaza Hotel com a gente? – perguntou ela a Jenny.

- Não, ela tem que ir para casa- balbuciou Dan. – Está tarde. -Ele deu uma olhada no clube com os olhos toldados. -Não está?

Bom, a roupa dele definitivamente estava cansada.

Lição número dois da irmã mais nova: nem pense em dizer a ela o que fazer.

- De jeito nenhum - Jenny corrigiu o irmão. - Eu *vou* também.

Damian desceu pelo poste e se juntou a eles. Ele trocou de roupa e agora usava um abrigo verde-oliva com os dizeres ME ESPREME no traseiro da calça branca.

- Todo mundo pronto para aprontar, né? – perguntou ele, dando tapinhas nas costas de Dan e Lloyd.

Monique abriu para ele um sorriso doce de só-suporto-você-porque-é-famoso e enganchou o braço possessivamente no de Dan.

Lloyd pegou Jenny e a apertou numa espécie de abraço de urso triplo com Damian.

- Damian, essa é a Jennifer. Jennifer, esse é o Damian.

Jenny estava tão empolgada que era bom que Lloyd a estivesse abraçando com tanta força, ou ela teria desmaiado. Damian arfou exageradamente de deleite, um gay assumido descobrindo a mais linda capinha de chuva para cães que vira lia vida. Depois ele deu um beijo na ponta do nariz de Jenny.

Então talvez ele não fosse namorado de Serena.

- Por que Danny e Monique não pegam a limo? O resto de nós pode se espremer num táxi - propôs Damian.

- Eu posso me sentar no colo de alguém - ofereceu-se Jenny.

- É claro que pode - disse Lloyd.

- É claro que pode - concordou Damian.

É claro que ela pode.

não há ninguém aqui a não ser nós, os bobalhões

- Fiz mais cursos avançados do que qualquer pessoa na minha turma e minha média é A - queixou-se Blair.

- Então você devia ter se candidatado à admissão antecipada - aconselhou Stan 5.

- Mas eu não entendo. *Eu dei um beijo no meu entrevistador* - Blair sussurrou alto, parecendo um disco arranhado. - Minha conselheira acadêmica disse que não havia como eles aceitarem antes.

Stan 5 deu de ombros.

- Um grupo menor de candidatos. Mais chances de brilhar.

Blair trincou os dentes para reprimir uma saraivada de imprecações. Ela pretendia se candidatar à admissão antecipada de Yale desde que tinha 13 anos. Por que deu ouvidos à sem-noção da Srta. Glos com aquela peruca e nariz sangrando dela, e não confiou em seus instintos? E por que não conheceu Stan 5, tipo assim, há um ano, quando ele podia realmente ter sido útil?

Eles estavam deitados de bruços na cama de casal no quarto que o avô de Stan 5 mantinha para ele, e já haviam folheado cada catálogo de Yale desde 1947, rindo das roupas das pessoas e das frases bregas nas legendas das fotos. Coisas como, "Estamos vendo você, garoto!" e "Não há ninguém aqui a não ser bobalhões!" O quarto era decorado com parafernália de Yale: galhardetes da equipe de natação, diploma de bacharelado em inglês e artes cênicas de Stan III, um artigo de jornal de New Haven mostrando Stan III como um dos jovens atores mais talentosos de Yale e um cartão amarelo da administração da Universidade de Yale relacionando cada semestre em que o velho Stan III fora recebido pelo reitor.

- Parece que Yale é a vida do seu avô - observou Blair. Os sapatos dela estavam meio para fora dos pés e ela os balançava na ponta dos dedos.

Stan 5 rolou e olhou o teto.

- É - respondeu ele de forma vaga.

Blair não sabia o motivo para ele ficar tão amuado. Afinal, Yale era a vida dela também, mas ela ainda estava presa na lista de espera.

Stan 5 estendeu a mão e torceu uma mecha do cabelo escuro de Blair no dedo.

- A gente devia parar de falar nisso - disse-lhe ele, soltando o cacho - ou vamos ficar seriamente deprimidos.

- Mas... - começou Blair. Exatamente quando eles iam preparar um plano para ela entrar para Yale?

Stan 5 rolou na cama e pegou os braços dela, puxando-a para ele.

- Vamos parar de falar e ponto final - disse ele, os olhos procurando ansiosos pelo rosto dela. - Como eu disse, meu avô e eu somos *mesmo* próximos. Então não se preocupe com seu ingresso, tá legal?

Esta era a parte do filme em que a música devia ficar mais lenta, as cabeças deviam se encontrar, e homem e mulher deviam se beijar tão apaixonadamente que suas roupas formariam uma pilha no chão enquanto as janelas se enchiam de vapor. Stan 5 ia colocá-la em Yale! Mas por algum motivo - talvez fosse a quantidade de parafernália de Yale nas paredes e em todo o chão, ou talvez fosse porque ela estava bêbada com as quatro taças de champanhe que bebera na festa para a qual nem sequer fora convidada, ou talvez fosse porque beijar qualquer um que não fosse Nate parecesse verdadeiramente impróprio - Blair simplesmente não conseguia fechar os olhos e beijar Stanford Parris V. Só o que pôde fazer foi bufar e rir como uma menina de 12 anos.

Ela o afastou, bufando e rindo tanto que perdeu o fôlego.

- Que foi? - perguntou Stan 5, apoiando-se nos cotovelos. O cabelo louro caía nos olhos e ele o afastou.

Blair bufou novamente. Sentia-se tonta e confusa e precisava muito de uma conversa de mulher para mulher com Serena.

- Não sei. - Ela se levantou e calçou os sapatos. - Hmmm, tenho que encontrar uma pessoa. A gente se vê mais tarde?

Stan 5 pareceu gostar de como Blair era gostosa e preocupada. Ele deu um sorriso torto para ela e ergueu as sobrancelhas louras.

- Talvez.

Enquanto saía do quarto, Blair tentou se recompor.

Talvez, não. Definitivamente.

as mulheres são mais inteligentes

- Nunca pensei realmente em Hamlet como trágico - Serena viu-se dizendo a Stanford Parris III. Ela só deu uma lida rápida em *Hamlet* quando teve que escrever um trabalho para a aula de inglês, mas sempre foi uma excelente artista da embromação. Mesmo sem ler todo o texto, percebeu que Hamlet a lembrava de Dan Humphrey, com quem ela ficou no início do outono. Tão aflito e neurótico. - Quer dizer, ele só precisava de um pouco de Zolofit ou qualquer coisa e provavelmente teria conquistado toda a Escandinávia e teria, tipo assim, uma esposa em cada país.

Bom, olá, Srta. Eu-Sei-Tudo-Sobre-Shakespeare.

O Sr. Parris assentiu.

- Wellbutrin. É o que eu tomo.

Como se ela precisasse saber disso.

- Eu gosto de ler - prosseguiu Serena, totalmente bestificada com o que lhe saía pela boca. - Desde que eu não tenha mais nada para fazer - corrigiu-se ela.

O que significava quase nunca.

- Acho que vou ter problemas para escolher uma especialização. Eu não ia conseguir decidir entre inglês e teatro. - Ela sorriu e puxou a saia recatadamente por sobre os joelhos.

Desde quando a maior baladeira da cidade se preocupava com a especialização?

- Elementar, minha cara. Por isso eles inventaram a especialização dupla! -. O Sr. Parris estalou os suspensórios, obviamente deliciado com a oportunidade de transmitir sua vasta sabedoria a uma garota de beleza e inteligência tão extraordinárias.

De repente Blair irrompeu na sala com uma roupa meio sexy demais para uma reunião acadêmica e usando o pingente de Yale que a mãe tinha encomendado na Cartier para a bebê Yale. Serena nunca vira a melhor amiga tão estranha.

- Graças a Deus te encontrei! - tagarelou Blair sem fôlego. Ela olhou para o Sr. Parris. - Desculpe interromper, senhor, mas isto é uma emergência!

Serena sempre sabia quando Blair estava aprontando alguma ou só estava pirando, porque as narinas dela abanavam como as de um animal selvagem e ela se esquecia de piscar. Naquele exato momento, ela parecia um esquilo com hidrofobia. Serena se levantou e apertou a mão do Sr. Parris.

- Foi um verdadeiro prazer conversar com o senhor, Sr. Parris.

O Sr. Parris se curvou e beijou a mão dela.

- O prazer foi todo meu.

Blair tossiu. É claro que Serena tinha encantado completamente o velho, o que era totalmente injusto, porque era Blair quem *precisava* encantá-lo.

- Isto é mesmo uma emergência - revelou Blair com impaciência.

Não era exatamente encantadora.

- Tudo bem, estou indo - murmurou Serena. Ela passou o braço pelo de Blair e Blair a arrastou para o hall da frente apertou o botão do elevador.

- Para onde estamos indo, aliás? - perguntou Serena, enquanto as portas do elevador se abriam.

- Para o Plaza! - guinchou Blair, arrastando-a para dentro.

E acho que podemos dizer com segurança que elas não iam discutir Shakespeare depois que chegassem lá.

e a gente pensava que andy warhol estava morto

Vanessa e Beverly subiram uma rampa cercada que levava ao depósito em Williamsburgh onde acontecia a festa dos amigos de Beverly. Vanessa podia ouvir a música vindo lá de dentro - alguma coisa etérea e ritmada que podia ser Bjork, embora ela não tivesse certeza. Uma mulher abriu a porta de metal preto no alto da rampa e passou por eles com uma bandana amarela na cabeça, meias três-quartos pretas e tamancos amarelos fluorescentes. Ela parecia estar chorando e aninhava a mão esquerda no peito.

- Oi, Bethene - disse Beverly, enquanto ela passava.

- O que é aquilo? - Vanessa espiou um balde do que ela esperava que fossem animais de pelúcia muito bem produzidos, colocado no chão na metade da rampa.

- Gatinhos - respondeu Beverly, como se não fosse necessária nenhuma explicação.

A rampa parecia ter sido preparada como uma espécie de vitrine, e havia objetos de arte aleatoriamente espalhados por ela. Além do balde de gatinhos, havia uma figura de cera em tamanho natural de Papai Noel levando um enorme saco plástico transparente cheio de bonecas Barbie nuas e sem cabeça. Aos pés de Papai Noel, havia uma lava lamp com globos oculares que pareciam reais flutuando por dentro. A rampa era uma espécie de casa mal-assombrada, só que um pouco mais perturbadora do que isso.

Um pouco?

- Todo mundo aqui é artista - declarou Beverly – e estão dando essa festa desde março. Vanessa assentiu, embora não tivesse muita certeza do que ele quis dizer "dando essa festa". Parecia um pouco com os "happenings" de arte na factory de Andy Warhol na década de 1960 - muita gente legal e artística colaborando para fazer uma arte estranha que ninguém entendia e que nem era assim tão boa.

Quando eles chegaram ao alto da rampa, Beverly empurrou a porta e os dois entraram. O espaço era um enorme depósito, frio e escuro, a não ser pela luz de quatro lava lamps gigantescas iguais à que eles viram na entrada. Ninguém os recebeu, e Vanessa ficou surpresa em só encontrar umas trinta pessoas ali. Elas estavam sentadas de pernas cruzadas no chão em pequenos grupos, pintando com os dedos as páginas de velhas enciclopédias e parecendo totalmente avoadas, como se não dormissem desde que a festa começou, em março. Ninguém estava bebendo nada, nem comendo nada, nem falando nada. Era uma espécie de festa antifesta.

Vanessa viu uma mulher de roupão de banho vermelho felpudo e galochas vermelhas de borracha cortando um punhado dos cabelos compridos e escuros e largando-os em uma panela enorme colocada sobre uma placa de aquecimento no chão. Um cara alto, branco e magrelo, vestindo apenas um boné preto e cueca samba-canção preta, foi até a panela e a mexeu com uma vareta de madeira.

- Bruce - Beverly cumprimentou o cara com um aceno de cabeça. - Esta é Vanessa. Ela faz filmes.

Bruce concordou com a cabeça e continuou concordando por mais tempo do que o normal enquanto mexia a panela. Vanessa queria desesperadamente ter trazido a câmera de vídeo. Ela nunca viu nada nem de longe parecido com isso.

- Está aqui para fazer uma doação? - perguntou Bruce.

Vanessa não sabia com quem ele estava falando. Na realidade, pela primeira vez na vida ela se sentiu completamente perdida. Toda festa a que ia era previsível a ponto de ser desesperadamente entediante. Ela sorriu, indagativa, para Beverly. Era meio legal ficar surpresa.

A música de repente mudou para a trilha de *Shrek 2*, e Vanessa se sentiu mais perdida do que nunca. Ela deu um passo à frente e espiou a panela de Bruce.

- O que é isso?

Bruce ergueu a mão esquerda e agitou os dedos. Faltava a ponta do dedo médio da mão esquerda, assim como em Beverly.

- Estou trabalhando em um projeto de regeneração disse Bruce, como se isso explicasse tudo.

Beverly ergueu a mão esquerda e esticou os dedos feito um leque. Não, Vanessa não estava louca. O dedo médio dele realmente *estava* sem a ponta.

- A maioria de nós contribuiu. Mas não tem pressão nem nada.

Bom, não é um alívio?

Vanessa não se assustava com facilidade, mas isso estava ficando assustador.

- E o que vocês fazem com os... pedaços e essas coisas... na panela... depois que são, tipo assim, cozidos ou sei lá o quê?

Bruce sorriu e veias azuis se projetaram do pescoço branco. Ele parecia não comer há meses.

- Não se trata de fazer; trata-se de mexer - respondeu ele.

Beverly assentiu daquele mesmo jeito estranho e prolongado que Bruce usara antes.

- Vanessa tem um espaço ótimo - disse ele, a propósito de nada. - Estou pensando em ficar lá por um tempo. Vai ser ótimo para uma coisa assim - acrescentou ele, ainda assentindo.

De repente Vanessa percebeu que usar a internet para procurar por colegas de apartamento não devia ser uma idéia muito boa. Beverly parecera interessante em princípio, mas ela quase preferia morar com Dan, apesar de todos os defeitos dele, ou com uma das colegas de turma mimadas, fúteis e obcecadas com moda do que chegar em casa e encontrar uma panela cheia de dedos e quem sabe mais o que fervendo no fogão. Uma coisa era fazer arte que as pessoas *pensavam* que era chocante e bizarra sem realmente *tentar* ser chocante e bizarro. Beverly e os amigos estavam na faculdade - será que não aprenderam *nada*?

- Está com sede? - perguntou Beverly a ela. - Quer uma água?

Vanessa percebeu que essa foi a coisa mais legal que ele disse a ela a noite toda. Ela nem acreditava que tinha se preocupado com os sinais no pescoço, ou que realmente colocou perfume só para ele. Ela bocejou e olhou o espaço enorme em volta.

- Não tenho certeza do quanto mais dessa coisa posso suportar - respondeu ela, reproduzindo o que Beverly havia dito sobre Dan cantando no club. - Vou para casa. Beverly mordeu o lábio.

- Mas está dando certo. Quer dizer... Até agora, não é? - perguntou ele.

- Na verdade, não está, não. - Vanessa imitou o sorriso doce e falso da colega de turma Blair Waldorf, dizendo telepaticamente ao professor para ir comer merda e morrer quando estava tentando encontrar uma desculpa para sair da aula cedo e ir a uma liquidação da Manolo Blahnik.

- Tem certeza de que não quer fazer uma doação? - perguntou Bruce, ainda mexendo a panela.

Vanessa abriu a argola do lábio e atirou nela.

- Boa sorte com isso - disse-lhes, virando-se para ir embora.

Beverly e Bruce começaram a concordar com a cabeça.

E, pelo que sabemos, estão fazendo isso até agora.

o que as meninas realmente fazem a portas fechadas em quartos de hotel

- Lembra de quando estávamos na 5ª série e a gente praticava beijo nos travesseiros? - Serena enterrou a cara em um dos travesseiros fofos de penas de ganso e começou a namorar com ele. - *Ah, gato* - piou ela. - Sua boca é tão maravilhosa.

Blair atirou um travesseiro na nuca de Serena.

- Você ouviu o que eu disse? - perguntou ela. - Eu disse que quase beijei Stanford Parris V!

Serena virou a cabeça para o lado e soprou o cabelo da cara. Estava sem a saia, e a calcinha de algodão branco na metade do traseiro magro.

- E por que não beijou?

- Não sei. - Blair soltou do pescoço o pingente de ouro Cartier de Yale e o atirou na mesa-de-cabeceira. Depois puxou o vestido pela cabeça, ficando só de calcinha. Ela pegou um dos roupões brancos do Plaza e abriu uma lata de Coca. - Eu queria, mas não conseguia parar de rir. Depois me senti uma idiota e fui embora.

Serena rolou na cama e começou a futucar a gordura inexistente da barriga.

- Não acha estranho que a gente seja amiga e tenha atração por homens tão diferentes? Quer dizer, pensei que ele fosse totalmente metidinho.

Atraídas por homens tão diferentes? Então foi por isso que as duas perderam a virgindade com o *mesmo* homem? Não que nenhuma delas quisesse estragar sua amizade *de novo* trazendo *esse* assunto à tona.

Blair arrotou alto.

- Você acha todo mundo metidinho. E, na verdade, acho que ele estava meio sem-graça de ter entrado para Yale depois que eu disse que estava na lista de espera. Ele só foi, tipo assim, um aluno C em Andover. Ele nem fez nenhum curso avançado. Ele só entrou graças ao avô dele.

Os olhos de Serena se arregalaram. Ela era uma aluna B+ e também não fez nenhum curso avançado, mas tinha entrado. E enquanto conversava com o Sr. Parris, ela basicamente decidira de uma vez por todas que Yale era a universidade certa para ela. Será que ela ousaria contar a Blair e arruinar um momento perfeitamente bom das duas juntas no quarto de hotel?

Blair arrotou de novo e Serena roçou no colchão as unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa, pensando. *Não*, decidiu ela. Além disso, ela desconfiava de que o único motivo para Blair ficar tão animada com Stan 5 era porque ela achava que ele podia ajudá-la a entrar para Yale.

Esse é o problema das grandes amigas. Às vezes elas nos conhecem melhor do que nós mesmas.

- Vamos passar uns trotes! - gritou Serena, desesperada para mudar de assunto. Ela se sentou e pegou o telefone, martelando animada o teclado.

- Alô? Recepção? Podem mandar um encanador ao quarto 448? Tem um... er... *problema* horrível com a privada. Entendeu o que eu disse? Ótimo. Obrigada. - Ela discou outro número. - Senhor? É do quarto 448? Sim, aqui é da recepção. Só queria que o senhor soubesse que o acompanhante que o senhor pediu está subindo. - Depois ela discou para uma das suítes no mesmo corredor. - Papai, não consigo dormir - disse ela com voz de bebê. - Canta uma música pra mim. - O cara do outro lado começou a cantar a música dos Raves, "Sorvete". Ele parecia exatamente o Damian.

Hmmmm, adivinha por quê?

- Puxa, você é bom mesmo - Serena disse na voz de bebê. - Eu te amo, papai - piou ela e depois desligou. Ela virou-se para Blair. - Tá legal, foi uma idiotice.

Blair não disse nada. Ela ainda não conseguia acreditar que tinha fugido de Stan 5. Era só um beijo, e Nate não tinha que se importar que ela beijasse alguém, porque ele parecia ter se esquecido totalmente dela.

De repente houve uma batida na porta.

- Merda! - guinchou Serena, mergulhando sob as cobertas. - É da recepção!

Blair apertou o cinto do roupão e foi até a porta.

- Quem é? - gritou ela, tocando a porta com dedos nervosos.

- Sou eu - respondeu a voz de Nate.

Blair deu um pulo para trás como se tivesse sido eletrocutada. Ela apertou o cinto do roupão novamente.

- Quem? - perguntou ela irritada, embora soubesse muito bem quem era.

- Sou eu, Nate - gritou ele pela porta fechada. – Posso entrar?

- Pssst! - Serena sussurrou da cama. - Finge que eu sou Stan 5!

Blair se virou e viu Serena esparramada de cara para baixo debaixo do edredom, as pernas compridas arreganhadas, o cabelo escondido discretamente debaixo de um travesseiro e os pés grandes apontando para fora da cama. Ela passava totalmente por um homem. Até a saia cinza amarrotada no chão podia passar facilmente por uma cueca samba-canção.

Serena levantou a cabeça e deu um sorriso diabólico. Blair deu uma risadinha e acenou para que ela voltasse ao lugar. Depois abriu a porta, mas só alguns centímetros.

- Não é uma boa hora - sussurrou ela misteriosamente.

Nate estava desganhado e cansado. Na verdade, Blair tinha certeza absoluta de que ele vestia exatamente a mesma camiseta preta desbotada e cáquis que usava quando ela saiu da casa dele na tarde anterior, e o cabelo dele definitivamente estava sujo, porque não havia luzes douradas. Só estava marrom. E também havia uma porcaria marrom-escura entre os dentes dele, como farelos de *brownie*.

Ou Oreos mastigados.

- Preciso tomar um banho - disse Nate com um bocejo.

- Bom, você não pode tomar aqui - insistiu Blair. Ela arrumou novamente o roupão para insinuar que estava nua por baixo. Depois deu um passo para trás para que Nate visse o interior do quarto. - Estou ocupada.

Ela observou enquanto o olhar de Nate viajava das portas douradas e brancas para o carpete bege-dourado e ia até a cama. Duas noites atrás, ela o teria agarrado pelo pescoço e se enroscado com ele em cima das cobertas para que pudesse se apoderar do corpo ridiculamente gostoso dele e ele pudesse se apoderar do dela, como andavam fazendo desde que ela decidiu fazer tudo. Mas Nate não telefonava para ela há dois dias inteiros, e ele realmente precisava escovar os dentes. Nate tinha perdido sua chance.

De baixo das cobertas, Serena imitou o melhor que pôde longo ronco pós-sexo. Blair trincou os dentes para impedir um sorriso. Na verdade, ela não tinha muita vontade de sorrir. Estava irritada demais com Nate.

Nate colocou as palmas das mãos no rosto como se estivesse tentando manter a cara no lugar. Ele contava com ficar com Blair esta noite, a) porque ela estava em um quarto de hotel e seria demais tomar um banho quente, transar muito, tomar um banho de espuma, pedir toneladas de serviço de quarto e ver filmes até que eles dormissem nos braços um do outro; b) porque ele realmente não queria ir para casa e suportar a ira do almirante Archibald. Ele definitivamente ficaria de castigo, o que significava que não poderia sair pelo resto da vida e provavelmente nunca mais veria Blair; e c) porque, enquanto estava se agarrando com Lexie, ele percebeu que não queria beijar ninguém a não ser Blair.

Bom, talvez ele devesse ter pensado nisso, tipo assim, ontem.

Serena deu um chute e rugiu pelo nariz como um elefante dormindo.

Que porra é essa afinal?, Nate estava morrendo de vontade de perguntar, mas a idéia de saber quem era o fez apertar as mãos no rosto com uma força ainda maior. Seu olhar voltou para Blair, que parecia que já estava entediada com o jogo que estava fazendo.

- Eu estava no barco - ele começou a explicar. - Perdi meu telefone. - Depois ele percebeu que isso não explicava nada.

Às vezes é um saco você ser você, não é?

- Vai para casa, Nate - Blair o dispensou. - Seus pais estão procurando por você.

Nate soltou o rosto, enfiou as mãos nos bolsos e deu alguns passos na direção do elevador. Um pedaço de chocolate do Oreo tinha sujado a virilha das calças. Ele estava um porco.

- Você ainda não soube de Yale, não é? - perguntou ele, em um esforço idiota de encontrar um terreno em comum.

- Não - respondeu ela friamente.

Nate esperou que ela dissesse mais alguma coisa, mas ela não falou nada. Em vez disso, Blair se espreguiçou e bocejou preguiçosamente, como se tivesse passado por tanto sexo na cama com o homem grandalhão, gostoso e garanhão que nem podia falar.

- Por que não me mandou um e-mail ou coisa assim? - disse ela a Nate, e pegou a maçaneta.

Até parece que ela e Nate se comunicaram algum dia por e-mail. Quando se via alguém pelado todo dia por horas depois da aula, não era necessário mandar e-mails para ele.

Os cantos da boca de Nate se curvaram para baixo como se ele estivesse a ponto de chorar. Blair não estava terminando oficialmente com ele - ela nunca fazia isso, e era esse o motivo para eles terem terminado e voltado tantas vezes nos últimos três anos. Mas isso foi antes de eles se tornarem tão íntimos como se pode ser com alguém, e agora havia um cara qualquer na cama de Blair.

- Tudo bem. Tenha um bom dia na escola amanhã.

- A gente se vê - Blair fechou a porta e se apoiou nela. - Ele foi embora - sussurrou ela. Serena levantou a cabeça e o cabelo louro-claro caiu em cascata por toda a cama.

- Foi engraçado - observou ela, mas, pelo modo como falou, mais parecia uma pergunta. Blair se aproximou e sentou-se na ponta da cama.

- Muito engraçado - concordou ela numa voz inexpressiva. Os olhos das meninas se encontraram. Nenhuma delas estava sorrindo.

Depois Serena riu.

- Acho que teria sido mais divertido se eu *realmente* fosse o Stan 5.

Blair não disse nada. Ela basicamente tinha terminado com Nate - de novo - depois de desperdiçar uma oportunidade perfeita de ficar com um cara que podia muito bem tê-la colocado em Yale. Bom, uma coisa era certa: ela não ia deixar Stan 5 escapar.

Serena se cobriu novamente e pegou na mesa-de-cabeceira o cardápio com capa de couro do serviço de quarto.

- Vamos pedir filet mignon, fritas e cerveja e ver filmes antigos!

Ela sempre era uma especialista em mudar de assunto.

Blair colocou os pés embaixo do corpo e pegou o controle remoto. Podia haver um filme com Audrey Hepburn na TCM ou na AMC. Ela zapeou pelos canais com esperança.

Arrá! *My fair lady*. Bom, já era alguma coisa.

Serena acendeu um Merit Ultra Light, deu um trago e depois colocou o cigarro na boca de Blair. Em seguida pegou o telefone, massageando os ombros de Blair enquanto pedia

quase tudo do cardápio do serviço de quarto do Plaza Hotel.

Talvez a vida fosse um saco para algumas pessoas, mas Serena não ia deixar que fosse um saco para as duas.

duas portas adiante, um quarto fica um lixo

N mesmo corredor, em uma suíte ainda maior, Dan, Jenny, dois membros dos Raves e uma francesa muito bronzada estavam recostados, fumando charutos que tinham sido mandados por FedEx de Cuba para o quarto. Todo o quarto estava cheio de caixas abertas de FedEx: pêras da Georgia, velas da França, vodca da Finlândia, cerveja escura e forte da Irlanda; biscoitos-palito da Itália, sabonete líquido de Los Angeles e queijo cheddar picante de Vermont.

Até parece que não se podia comprar todas essas coisas na idade que tem *tudo*.

Lloyd pediu à recepção para mandar mais roupões e, um por um, eles tiraram as roupas e os vestiram. Jenny não sabia que fazer com a calça e a blusa, e era quase impossível esconder o sutiã, porque o roupão tinha o hábito perturbador de se abrir na área dos seios. Ela decidiu enfiar as roupas no armário dourado e branco embaixo da pia do banheiro e apertou o cinto do roupão ao máximo antes de entrar novamente no quarto.

- Toma uma pêra - ofereceu Damian com seu sotaque irlandês adorável. Ele pegou uma das frutas perfeitamente maduras da caixa e estendeu para ela. Ele tinha vestido o roupão e Jenny se perguntou se ele ainda estava de cueca. A idéia fez seu rosto ficar vermelho e o roupão se abriu mais uma vez. Damian deu uns tapinhas na almofada do sofá de dois lugares ouro-damasco em que estava sentado. - Vem, senta aqui. Come uma dessas e depois me mostra se pode me detonar no Terminator.

Jenny olhou a seleção de jogos para PlayStation em cima da mesa de centro. Detonar Damian? Ela jamais pegou num videogame na vida.

- Ou prefere alguma coisa mais refinada, como um fino biscoito italiano? - perguntou Lloyd do sofá do outro lado da mesa de centro. Ele batia duas baquetas nos joelhos. - Fica excelente com cerveja preta. É só molhar-explicou ele, mergulhando um palito inteiro em uma garrafa de cerveja irlandesa - E comer. - Depois ele deu uns tapinhas no lugar ao lado dele como Damian havia feito. - Experimenta.

Incapaz de decidir qual dos dois era mais gato, Jenny pegou uma fatia fina de cheddar no enorme tijolo na mesa de centro e se ajoelhou no chão. Monique também estava sentada no chão, fumando um cigarro enrolado à mão, lendo uma revista de moda francesa e parecendo entediada porque Dan tinha ido ao banheiro tomar um banho antes de vestir o roupão.

- Uh-lá-lá, acabo de saber quem você é! - guinchou Monique, deixando cair a cinza no chão de tão animada. Você é a modelo nessa *W fantastique*. Adorro esas fotos. E esa lourra... tao linda, *non?*

- Bom, você é mais bonita - respondeu Jenny timidamente, emocionada por ter sido reconhecida. Ela queria ter um sotaque francês legal como o de Monique. Tudo parecia muito mais bacana com sotaque.

Dan saiu do banheiro com as roupas de hip-hop enroladas debaixo do braço. Agora que tinha vomitado tudo e estava um pouco sóbrio, ele ficou tentado a atirar as roupas pela janela.

- E aí, cara, você nunca contou pra gente que a sua irmã era uma maldita modelo - disse Damian.

- Se a maldita da Monique está impressionada, ela deve ser das grandes - concordou Lloyd.

Meninos. Dê-lhes uma cerveja irlandesa forte e de repente todos falam como britânicos. Dan estava tão envergonhado de sua apresentação naquela noite que mal conseguia olhar os companheiros de banda.

- Ela fez um trabalho de modelo - murmurou ele.

Marc, o baixista do Raves, abriu a porta do quarto, voltando com a cadela bernesa, Trish. Ela era enorme e preta e tinha uma doce cara marrom e branca, como de um São Bernardo. Ele batizou a cadela com o nome da ex-namorada - o amor da vida dele, que terminou com ele no 1º ano - e ele nunca ia a lugar algum sem ela.

Que fofo. E que apavorante.

Dan se sentou no chão ao lado da irmã. Trish se deitou ao lado dele e pôs a cabeça no colo de Dan. Ela estava com um bafo horrível, como se tivesse comido peixe enlatado e leite azedo.

- Aí, Marc. Saca só como a Jenny é tipo assim, uma modelo superfamosa - anunciou Lloyd.

Marc olhou timidamente para Jenny, depois pegou um dos roupões do Plaza da pilha e vestiu por sobre as roupas. Ele parecia um vampiro dos tempos modernos, com o cabelo crespo e preto, a pele branca e os olhos quase pretos.

Jenny deu uma risadinha, divertindo-se com toda a atenção. Era uma da manhã, e ela estava no Plaza Hotel, vestida só de roupão e roupa de baixo, com os membros da banda mais cool da história! Era meio estranho estar ali com o irmão, mas também era meio tranquilizador.

Monique se colocou de joelhos e afagou as orelhas de Trish. Depois desceu a mão pelas costas do roupão de Dan.

- Vem parra o quarto - murmurou ela no ouvido dele.

Jenny pôde ouvir cada palavra que Monique disse – não que ela realmente quisesse ouvir. Com ousadia, ela se levantou e foi para o sofá se sentar ao lado de Lloyd. Afinal, ela era uma modelo famosa - podia se sentar onde preferisse.

Lloyd lhe passou um palito.

- No sul da Itália, elas são consideradas afrodisíacas.

- Mentira! - Damian atirou uma pêra madura e succulenta na cabeça de Lloyd. Ele errou, e a pêra se esparramou em toda a parede branquíssima atrás dele.

Não se é um astro do rock de verdade a não ser que você saiba como acabar com um quarto de hotel.

- Não dê ouvidos a esse bundão, ele é cheio dessas coisas - alertou Damian, de repente perdendo o sotaque irlandês. Ele arrastou três joysticks de PlayStation pelo sofá e se sentou, de modo que Jenny ficou espremida entre ele e Lloyd.

Como se ela se incomodasse com isso.

Os pés de Jenny estavam formigando e os ouvidos zumbiam. No dia seguinte teria aula e ela era uma supermodelo em um quarto de hotel com três astros famosos do rock. Se ao menos Serena pudesse vê-la agora.

Monique arrastou Dan para que ele se colocasse de pé. O pé de Damian voou e chutou o traseiro dela, mas Monique fingiu não perceber. Ela puxou Dan para o quarto adjacente,

batendo a porta depois de entrar.

- Não façam muito barulho! - gritou Damian para eles.

Marc se deitou onde Dan e Monique estiveram sentados e pousou a cabeça na cadela, Trish lambeu seu rosto branco e passou uma pata enorme pelo pescoço dele.

Ai. Que casazinho lindo.

Jenny nunca se sentiu tão famosa na vida, e ela devia tudo isso ao irmão. Ele merecia se agarrar com uma francesa qualquer. E ela merecia estar espremida entre os dois caras mais lindinhos que tiveram a graça de aparecer na capa da *Rolling Stone*. Se ao menos um repórter batesse na porta e tirasse uma foto. Ela meio que queria que o mundo soubesse disso – era bom demais para que não soubessem, mesmo que ela entrasse numa encrenca daquelas.

Não se preocupe, meu bem - o mundo tem um jeito engraçado de descobrir praticamente tudo.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

E VOCÊ QUE PENSAVA QUE TRIBECA STAR ERA TÃO LEGAL

O Plaza hotel está passando por um revival. e *dos grandes*. Algumas de nossas pessoas favoritas puseram um quarto do Plaza abaixo ontem à noite. Aconteceu também tarde demais para aparecer nos jornais de hoje, mas entre na Page Six do *New York Times online*, e está tudo lá. Toda uma fotomontagem da adoravelzinha **J** recebendo um beijo de despedida *na boca* do guitarrista dos Raves bem nos degraus acarpetados de vermelho do Plaza e levando umas baquetadas na bunda dadas pelo baterista antes de a envolver em um abraço de urso. Ela até usava o roupão do Plaza Hotel quando foi para casa, deixando cuidadosamente suas roupas para trás, e mandava beijos do táxi, feito uma Marilyn Monroe dos dias de hoje.

J não foi a única modelo emergente a ficar com o guitarrista dos Raves. Um funcionário do hotel na verdade o gravou cantando para **S** por um telefone do Plaza. **S** terminou o telefonema dizendo, “Eu te amo, papai”. Ah, ela fez mesmo isso?

Mas e o casamento dele com uma francesa misteriosa mais ou menos há um ano, em uma cerimônia exclusiva em St. Barts? Se você analisar a fotografia dele beijando **J**, ele *está mesmo* usando uma aliança de ouro no dedo anular da mão esquerda... e *havia mesmo* uma linda francesa na cena, embora ela estivesse totalmente preocupada com **D**, o novo vocalista furioso da banda. A estréia dele na verdade foi meio constrangedora, mas, como uma típica francesa, ela deve ser fogueanta demais para se importar.

A parte desnorteante é que **S** estava com **B** no quarto *dela*, o que nos faz lembrar de todas aquelas velhas histórias de **S** e **B** juntas na banheira, envolvendo-se no que é melhor descrito como um pequeno rala-rala. Como se as coisas já não fossem bastante picantes e complicadas!

TEM ALGUMA COISA NESSAS FRANCESAS

Eu sei que já tagarelei sobre isso antes, mas por quê as garotas que vão à L'École Française parecem ter 25 anos quando só têm 14? E como todos os caras que conhecemos estão a fim delas, em segredo ou não? E como é positivamente enfurecedor ouvir um grupo de meninas da L'École falando com você de uma festa - em franglês, porque assim você mal consegue entender uma palavra do que elas dizem. Elas só se alimentam de chocolate quente e batatas fritas, fumam feito chaminés e você nunca as vê correndo ou jogando hóquei no Central Park. E, no entanto, nenhuma delas é gorda nem cheia de espinhas. É como se as *mères* e *grandmères* delas as tivesse apresentado a Lancôme e Chanel quando elas eram só bebês, e os ácidos hidroxialfas ou sei lá o quê tenham permanecido no sistema delas, deixando-as com a pele perfeita, o corpo perfeito e pés que ficam mais confortáveis em saltos 9. A escola delas até *deixa usar* saltos – ao contrário das escolas das outras meninas no Upper East Side -, o que basicamente prova minha tese. Quando se trata de educar meninas, os franceses parecem seguir um currículo totalmente diferente. Não que estejamos com inveja nem nada disso.

OUTROS FLAGRAS

A mãe de **B** no consulado italiano acenando o talão de cheques - o que exatamente ela está aprontando agora? **K** e **I** fazendo depilação com cera na Maria Bonita, um minúsculo salão NoLita, convenientemente localizado perto da Sigerson Morrison, que, por acaso, tem uma liquidação. **C** (que saiu do radar por um tempo, depois de ter sido rejeitado em cada universidade a que se candidatou) levando a macaca para ser... er... consertada ... em uma clínica discreta de Chelsea. Parece que a macaca herdou a tendência à pegação do dono e se atirava em cada cachorro, gato e furão que passava.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Eu sei que foi você quem fez o filme que está empolgando todo mundo em Cannes. O que está esperando? Tira sua bunda daí e vai pegar seu prêmio!

- mogl

R: Caro mogl,

Você pode achar que quem muito desdenha quer comprar, mas vou dizer isso pela última vez: eu não tenho a p... da menor idéia do que você está falando! Aproveite Cannes.

- GG

P: Querida GG,

O que a gente deve fazer com o resto do ano, agora que sabemos para que universidade vamos?

- bord

R: Cara bord,

Por favor - não era o que estávamos todos esperando? Tempo para fazer compras, beber, comer e ser feliz? Tempo para fazer tudo o que quisermos? Se você não tem sua própria piscina e não pode ir na piscina do terraço da SoHo House, adote a missão de fazer amizade com alguém que tenha acesso a uma piscina e passe o resto de maio alternando biquínis Eres!

- GG

P: Querida GG,

Se você realmente gosta de uma garota, mas ela continua te ignorando, o que deve fazer?

- 2bummed

R: Caro 2bummed,

Primeiro, mude seu nick para algo mais animado e atraente do que "superhot". Segundo, certifique-se de que seu desodorante funciona e que suas roupas não sejam de desesperar. Depois convide-a para sair, de preferência para onde vão outras pessoas que ela conhece e onde ela se sinta à vontade, para que ela possa se divertir mesmo se concluir que você é um mané retraído e que ela não está interessada. Boa sorte!

- GG

É segunda-feira, o começo da semana de aula - eu sei: *bocejo*. Mas, para sermos realistas, depois de um fim de semana como esse, até que ponto as coisas podem ser um tédio?

Como lobos em pele de cordeiro, todos parecemos muito inocentes em nossos uniformes escolares, mas este fim de semana não passou sem repercussões.

Eu serei a primeira a contar quando a merda se espalhar!

Pra você que me ama,
gossip girl

j, b e s são totalmente escorraçadas

- Ouvi dizer que aquela caloura galinha fazia, tipo assim, sexo grupal com todos os membros da banda... Até com o vocalista novo, que é, tipo assim, *irmão* dela - cochichou Kati Farkas com a melhor amiga e co-planejadora do Spa de Fim de Semana da Constance Billard School, Isabel Coates. Kati repartia o cabelo louro-arruivado comprido com um pente cor-de-rosa de tartaruga, alisando-o com as mãos. - Já viu aquelas fotos dela no *Post* online? Ela nem se incomodou em se vestir antes de sair do hotel!

As duas meninas estavam espiando pelas janelas do terceiro andar da biblioteca da Constance Billard School, fingindo decorar as falas para a paródia meninas-de-biquíni-e-máscara-de-lodo que deviam encenar no estar das veteranas amanhã para promover o Fim de Semana de Spa das Veteranas. Não que precisassem de promoção. Todo mundo

levaria para casa bolsas de brinde cheias dos fabulosos novos produtos da Origins, e sua pele brilharia absolutamente até a formatura. Seria o Dia de Matar Aula mais legal da história.

Isabel pegou o pente da mão de Kati e penteou o cabelo escuro e liso em um rabo-de-cavalo.

- Eu soube que Nate e os amigos dele quase morreram em um naufrágio, mas a Blair estava ocupada demais se agarrando com Serena *de novo* e nem percebeu. Dá pra imaginar como é descobrir que sua namorada está te traindo com, tipo assim, outra *garota*?

Kati fez uma careta e deu de ombros, concordando.

- Que coisa vulgar.

Isabel apertou o nariz de pug na janela.

- Olha!

Blair e Serena estavam andando apressadamente pela rua 93, de braços entrelaçados, sorrindo timidamente como se tivessem acabado de partilhar o segredo mais divertido do mundo. Em vez da altura no meio das coxas, o que era socialmente aceitável, o uniforme de Blair cobria completamente os joelhos. Era totalmente óbvio que ela havia pego o uniforme de Serena emprestado.

Olha, olha.

Assim que as meninas entraram pelas grandes portas azuis da Constance Billard School, um táxi amarelo encostou, e Jenny Humphrey saiu, comendo um biscoito-palito. Ela havia trocado o roupão do Plaza Hotel pelo uniforme de primavera de listras azuis e brancas. Ela também estava usando um par de sandálias plataforma Jimmy Choo rosa-choque muito legais que não tinham nada a ver com o uniforme, e enormes óculos de tartaruga cor-de-rosa Jackie O.

Opa, não olhe agora, mas alguém acha que *é uma gata*.

- Onde foi que ela conseguiu essas sandálias? - sussurrou Kati em descrença. - A lista de espera para elas tem tipo um quilômetro.

- Devem ser falsas; daqui não dá para saber – responde Isabel.

Nenhuma das duas queria admitir o que realmente estavam pensando - que Damian ou Lloyd dos Raves provavelmente deram as sandálias e os óculos a Jenny - porque ter inveja de uma caloura não era nada cool.

Serena, Blair e Jenny tinham acabado de passar pelas portas quando foram abordadas pela Sra. M, a formidável diretora da Constance Billard.

- Meninas - ordenou a Sra. M. - Gostaria de falar com as três em minha sala, por favor. Seus pais estão a caminho.

Hein?, perguntaram-se as três em uníssono.

Isso ia ser engraçado.

O rosto da Sra. M era pastoso e mole, e o cabelo era tingido de ruivo Raggedy Ann com pequenos cachos de permanente, dando-lhe uma aparência doce de vovozinha. Mas as aparências enganam; ela não era nada doce. Na realidade, ela era uma sapatona velha e cruel que tinha uma namorada motorista de trator em sua casa no interior e uma tatuagem na coxa que dizia, "Me Monta, Vonda".

- Sentem-se, meninas - ordenou ela, ajeitando a bunda coberta pelas calças azuis Talbot na cadeira atrás da gigantesca mesa de mogno. A sala da Sra. M era toda decorada em

vermelho, branco e azul, e as meninas da Constance não sabiam se ela realmente pensava que era o presidente ou se só era extremamente patriota.

Em um aturdimiento de obediência, Serena, Blair e Jenny se plantaram no sofá azul rígido de dois lugares do outro lado da mesa da Sra. M. O sofá ficou meio apertado com as três sentadas ali, mas a proximidade era reconfortante.

- Duas de vocês devem se formar no mês que vem, e depois não serão mais responsabilidade minha - começou a Sra. M. - Mas uma de vocês acabou de começar o Ensino Médio e já está indo na direção errada, e não é assim graças às duas veteranas aqui. - Ela colocou uns óculos de leitura no nariz e remexeu uma pilha de arquivos na mesa. - As três estão em uma situação muito precária.

Blair abriu a boca para falar, mas a fechou quando a mãe apareceu à porta da sala da Sra. M, usando roupas brancas de tênis e portando um baby sling da Burberry, levando uma agitada e inquieta Yale. O sling não estava bem ajustado e batia em seus quadris como um saco de carga desajeitado.

- Estou experimentando uma novidade chamada "criação por ligação" - explicou Eleanor sem fôlego. - Deve fazer com que os filhos fiquem ligados a você, o que aumenta a confiança deles. - Ela riu e engatou o sling no ombro, sem jeito. - Acho que eu devia andar por aí com isso o dia todo, mas quem tem tempo para isso? Tenho tênis no Y, almoço no Daniel e uma limpeza facial no Arden, e Cyrus e eu vamos a Bridgehampton no final da semana. Meia hora às segundas e quartas-feiras é todo o tempo de ligação que eu tenho!

Ainda assim, ela via sentido em tentar.

- Ah, e Blair, querida, tem uma liquidação de mostruário da Dior que pensei que te interessaria. Vai ser ao meio-dia. Você pode me encontrar lá.

A Sra. M ergueu uma sobancelha castanha que ela não limpava. Fazer compras no horário de aula - que Deus me perdoe! Porém, se fosse uma liquidação da Talbots, até ela podia ficar tentada.

- Sra. Rose. - A Sra. M apontou com eficiência para a poltrona ao lado do sofá em que as três meninas estavam empoleiradas. - Entendo que esteja ocupada, mas queria expressar minha preocupação com o fato de que sua filha aparentemente está morando em um hotel. Com a aceitação na Universidade de Yale pesando na balança, não penso que seja adequado para uma jovem morar em um ambiente tão... - ela se interrompeu, procurando pela palavra certa. - indisciplinado.

Eleanor abriu para a diretora um sorriso de quem não entendeu nada. Ela havia percebido que Blair passou o fim de semana fora, mas não tinha certeza do lugar e nem percebeu que Blair não voltara para casa na noite anterior, porque ela e Cyrus tinham ido a um coquetel para comemorar a inauguração de um dos prédios novos dele e só voltaram para casa tarde. Ela se sentou na poltrona à esquerda da mesa da Sra. M e cruzou as pernas, enfiando Yale embaixo do braço como se fosse a última bolsa Hermès Birkin. Yale gemeu em protesto, mas Eleanor continuou sorrindo, como se não soubesse mais o que fazer.

Blair se remexeu pouco à vontade em seu lugar no sofá. Com uma mãe dessas, será que a Sra. M não podia entender por que ela precisava morar em um hotel?

- Blair passou a noite na minha casa ontem - mentiu Serena. Para alguém que parecia uma Barbie do Upper East Side, Serena era extremamente boa em pensar com seus

botões, ou com os saltos dos Manolos, ou com o que ela por acaso estivesse usando no momento. - Olha, ela até pegou meu uniforme emprestado.

- Então, por que recebi telefonemas a manhã toda de pais de alunas e de possíveis alunas preocupados com as filhas dormindo em quartos de hotel com astros do rock bêbados? - quis saber a Sra. M. - Até recebi um telefonema de uma agência de publicidade para me informar que, no ano que vem, a Constance Billard terá a honra de figurar no guia de colégios como uma das cinco melhores escolas para mandar sua filha se quiser que ela seja uma celebridade ou namore uma.

- Legal- soltou Jenny, e depois imediatamente se arrependeu disso.

A Sra. M dardejou para ela um olhar de nem-comece-com-isso-sua-fedelha. A diretora parecia incapaz de dar conselhos a Eleanor sobre como criar a filha, o que deve ser um problema freqüente, considerando que a maioria dos pais de meninas da Constance Billard não cria eles mesmos as filhas. Eles têm ajuda, e muita ajuda.

- Tenho certeza de que, se as meninas estavam juntas, não podiam causar muitos problemas - comentou Eleanor com mais sensatez do que Blair pensava que ela fosse capaz.

- Nem saímos da suíte - acrescentou Blair, e depois colocou a mão na boca para fechá-la novamente. Qual era o problema dela, afinal? Serena tinha acabado de dizer que elas passaram a noite na casa dela.

Depois a mãe de Serena, Lillian van der Woodsen, e o pai de Jenny, Rufus Humphrey, apareceram de repente à porta da sala da Sra. M. Rufus não estava acostumado a sair de casa nem a andar antes das 11 da manhã e parecia ainda mais desganhado e escandaloso do que o normal. O cabelo comprido e grisalho estava puxado em um coque e preso com uma enorme fivela cor-de-rosa de plástico que Jenny comprara na quarta série, e ele usava calças de moletom cinza que foram cortadas no meio da batata da perna e uma camisa de flanela vermelha com uma das mangas enroladas e um maço de Camel sem filtro enfiado no bolso. Quanto aos sapatos, tudo bem – mocassins marrons - só não ficavam tão bem com o mole tom e eram seriamente medonhos sem meias.

A Sra. Van der Woodsen estava em sua pose e roupas habituais, parecendo emanar um odor de lírios recém-colhidos e sabonete francês. Ela cruzou os braços longos e bronzeados no peito, arriscando-se a amarrotar o vestido Chanel de linho verde-menta para que nenhuma parte de seu corpo ficasse próxima demais de Rufus.

- Desculpe termos nos atrasado para a inquirição – rosnou Rufus. Ele olhou para Jenny com um jeito ameaçador. - Eu não perderia isso por nada nesse mundo.

A Sra. Van der Woodsen curvou-se e beijou graciosamente a Sra. M no rosto. Era o tipo de beijo que benfeitores de caridade estão acostumados a dar em diretoras de organizações a que tão generosamente doam milhões de dólares.

- Foi minha culpa que as meninas tenham se atrasado para a escola - admitiu ela. - Meu motorista teve que correr para pegar minha roupa na lavanderia, então elas foram obrigadas a vir a pé.

Serena olhou para a mãe com gratidão e a mãe piscou para ela numa compreensão muda. Agora sabemos de onde Serena tirou a graça que tinha sob pressão.

A bebê Yale de repente fez o tipo de barulho gastrointestinal que só os bebês podem fazer em público. Eleanor pegou o celular e ligou para a babá. Já teve ligação suficiente, muito obrigada. Ela não ia se arriscar a ter que trocar as fraldas.

- Fique no carro, eu chego logo - orientou ela freneticamente.

A Sra. M de repente pareceu perceber que havia gente demais na sala e que, se não tomasse alguma providência, as coisas iam ficar muito esquisitas.

Como se já não estivessem.

A diretora soltou um suspiro pesado, como se seu fim de semana em Woodstock jogando feno para os cavalos com Vonda tivesse passado muito rápido e talvez fosse melhor começar a pensar em uma aposentadoria antecipada.

- Serena e Blair. Vocês são veteranas, seus pais são pessoas ocupadas. Vamos deixar isto assim: vocês podem ser quase adultas, mas prefiro que durmam em suas próprias camas, principalmente quando têm aula no dia seguinte.

Eleanor assentiu e pegou Yale, que berrava no sling, da melhor maneira que pôde, claramente ansiosa para levar a criança em segurança para as mãos capazes da babá. A Sra. Van der Woodsen sorriu de uma forma pesarosa, como se estivesse confiante de que qualquer problema que Serena tenha causado podia ser facilmente eliminado com um beijo democrático no rosto e a promessa de uma grande doação ao fundo de desenvolvimento da Constance Billard. E Rufus grunhiu, como se estivesse louco para ficar a sós na sala com Jenny e a Sra. M para poder repreender as duas.

A sineta tocou, indicando o final do primeiro período.

- Podemos ir para a aula agora? - perguntou Blair com doçura, como se faltar à aula de educação física *realmente* fosse atrapalhar todo o seu dia.

- Vocês duas podem - cedeu a Sra. M. Serena e Blair se levantaram, deixando Jenny sozinha no sofá. - Mas lembrem-se, meninas - acrescentou a diretora -, sua aceitação na universidade pode ser revogada se vocês não mantiverem os padrões prometidos em seu histórico.

- Obrigada pelo aviso - respondeu Serena, assentindo numa espécie de meia-mesura obediente antes de pegar o cotovelo de Blair e disparar para fora da sala. Elas deram um beijo nas mãos e depois subiram de três em três os degraus da escada para o lounge das veteranas, repetindo sem parar e sem fôlego, "*Que diabos foi isso?!*"

- Jennifer - disseram a Sra. M e Rufus, praticamente em uníssono.

Jenny cruzou os tornozelos e se sentou sobre as mãos, sentindo-se muito pequena e desprotegida, agora que as duas meninas mais velhas tinham ido embora. O pai se sentou ao lado dela no sofá e pôs o braço em seus ombros. Ele tinha cheiro de pão de alho e café vagabundo. Havia pequenas queimaduras de cigarro em toda a calça de moletom.

- Você sempre foi uma boa garotinha. - Ele apertou os ombros de Jenny. - Boas notas. Uma ótima artista. Lê muito. É legal com o seu pai... na maior parte do tempo. - Ele olhou para a Sra. M com um ar divertido. - Vai me dizer que eu me iludi nesses anos todos?

A Sra. M deu seu primeiro sorriso autêntico em semanas. Ela gostava de Rufus Humphrey. Certamente ele era desganhado e inadequado, mas era um pai solteiro que tinha criado dois filhos sozinho e fez um trabalho decente com eles. O único problema era que morava do outro lado do parque e não agia de acordo com as regras do resto do Upper East Side, que as seguiam desde que começaram no maternal na Brick Church, em Park Avenue. Ele nunca deu um centavo de verba para a escola nem comparecia a um evento de levantamento de fundos. Nunca se ofereceu para construir uma nova biblioteca, academia ou piscina para a escola, como se isso pudesse garantir a Jenny um lugar em Harvard depois da formatura. Ele também era mais protetor com a filha do que a maioria

dos pais a que ela estava acostumada, principalmente porque ele mesmo tinha trocado as fraldas dela, ficou com ela quando ela não conseguia dormir e a castigou quando ela fazia alguma coisa errada, portanto sentia uma certa responsabilidade pessoal pelo comportamento da filha.

Caramba, mas que idéia.

Jenny esperava seriamente que este fosse um dos sonhos estranhos que ela costumava ter quando exagerava nos donuts de chocolate Entenmann. Não que ela tivesse comido algum donut recentemente. Pelo que podia se lembrar, só o que comera no jantar passado foram palitos importados da Itália pela Federal Express e entregues em um determinado quarto do Plaza Hotel.

Para não falar do sétimo, que ela enrolou em uma toalha de rosto que levou de lembrança com o logotipo em ouro do Plaza Hotel.

- Obrigado por vir o mais rápido possível, Sr. Humphrey - começou a Sra. M. - E tenho que admitir que concordo com o senhor. Jennifer é uma menina inteligente, criativa e em geral bem comportada. Mas está ganhando uma reputação, de ser... meio rebelde, e os pais das colegas estão começando a fazer perguntas.

Rufus remexeu perplexo na barba. Como anarquista auto-proclamado, ele deve ter se sentido extremamente sem-graça com a sala patrioticamente decorada da Sra. M, tendo de condescender com uma figura de autoridade com relação ao suposto comportamento rebelde da filha.

- O que quer dizer com reputação de ser meio rebelde?

A Sra. M tirou os óculos e os fechou cuidadosamente diante de si.

- Sr. Humphrey, está ciente de que sua filha não dormiu em casa ontem à noite?

Rufus assentiu.

- Tem algum problema nisso?

Jenny deu uma risadinha e depois colocou a mão na boca.

- Bem, onde o senhor imagina que ela estava? – insistiu a Sra. M, o rosto mole de boneca de pano tornando-se cada vez mais duro a cada minuto que passava.

Rufus bufou e Jenny pôde sentir seu sangue anarquista começando a ferver.

- Eu não tenho que *imaginar* onde ela estava. Ela *me disse*. Ela passou a noite na casa da amiga Elise. Em algum lugar perto daqui.

- Elise Wells - disse Jenny com a voz rouca. - Ela é da minha turma.

- Sim. Bem. Elise não estava uma hora atrasada esta manhã. Na verdade, ela chegou na escola no horário, e sozinha. Sua filha, porém, só chegou agora. E isso porque teve que ir em casa e trocar de roupa. Porque, na verdade, passou a noite em um hotel, em um quarto de hotel, com um conhecido grupo de rock.

O queixo de Rufus caiu, revelando os dentes tortos e manchados de café. Pela primeira vez ele ficou completamente sem fala. Jenny cruzou os braços com força no peito, mantendo os olhos fixos no tapete azul-real.

- Este tampouco é o primeiro contratempo dela – continuou a Sra. M. - Há alguns meses, circulou pela internet uma imagem comprometedora dela e de um menino. Depois disso, eu lhe mandei uma carta, à qual o senhor nunca respondeu sugerindo que Jennifer visse um terapeuta algumas vezes por semana aqui na escola. E depois, no mês passado, Jennifer apareceu em uma revista popular para adolescentes usando só um sutiã de ginástica, aborrecendo vários pais de colegas de turma ... Principalmente aqueles que têm meninos adolescentes.

Rufus passou a mão no rosto.

- Meu Deus, Jenny - murmurou ele.

Até Jenny tinha que concordar que a Sra. M a fazia parecer uma puta de primeira, mas ela não ia sequer tentar se defender. Além disso, ela havia sido boazinha na maior parte da vida - era meio excitante ser a *bad girl*.

- Então vai suspendê-la ou o quê? - perguntou o pai.

Sim, por favor, pensou Jenny com um prazer mudo. *E me mande direto para um internato.*

A Sra. M sacudiu a cabeça.

- Ainda não. Isto é só uma advertência. Mas se Jennifer continuar a se comportar desse modo tão flagrante, ou de uma forma que aborreça as colegas de turma e os pais, terei de tomar medidas para garantir que a reputação desta instituição continue intacta.

A terceira sineta tocou, indicando o início do segundo período.

- Estou perdendo a aula de latim - guinchou Jenny. Posso ir?

- Não tão rápido, mocinha - berrou o pai, aumentando o aperto nos ombros dela. Rufus no fundo era um doce, mas fazia cena de disciplinador quando ficava irritado.

- Está tudo bem. Os dois estão dispensados - respondeu a Sra. M. Ela empurrou a cadeira e cruzou os braços, parecendo mais sapatão do que nunca.

Jenny pulou de pé e correu para fora da sala antes que o pai pudesse alcançá-la e dar a última palavra - e antes que a Sra. M pudesse mandá-la para casa por estar tão totalmente fora do uniforme.

- O senhor parece cansado, Sr. Humphrey - ela ouviu a Sra. M dizer. - Tenho uma fazenda maravilhosa em Woodstock. Devia me visitar de vez em quando.

- Woodstock... Eu adoro Woodstock! - exclamou Rufus. - Acampeei lá em 1974. Morava numa van com alguns amigos poetas...

Jenny subiu a escada para a aula de latim, estranhamente emocionada com o quanto tinha chegado perto de ser expulsa da Constance Billard. Quem ligava para a foto dela em colunas de fofoca como uma baixinha não identificada, de cabelos crespos numa imoralidade "flagrante"? Um dia seria reconhecida como a garota que sempre saiu com os Raves. As pessoas perguntariam constantemente se a namorada de Damian era *ela*, e ela seria a garota da Page Six, como sempre quis!

a *% @# de debandada pessoal de n

- Uma vitória de Pirro - murmurou o Sr. Knoeder com seu jeito impossível de acompanhar. - Archibald. Está me acompanhando?

Nate não tinha feito o dever de casa. Ele nem sabia que dia era. Ele acordou, tomou um banho e vagou para a escola, esperando por alguma orientação. Agora esse babaca do professor de história queria que ele respondesse a uma pergunta idiota sobre a Guerra do Vietnã, que todo mundo sabia que tinha sido uma total debandada de merda.

- Pirro foi um rei grego ou coisa assim que tocou os romanos para fora em uma batalha, mas houve toneladas de baixas - Nate se ouviu dizendo. *Não surpreende que eu tenha entrado para Yale e Brown*, ele se parabenizou, *sou a porra de um gênio!*

- Na verdade, foi a *Batalha* de Pirro - corrigiu Sr. Knoeder, puxando a ponta da orelha enquanto escrevia alguma coisa no quadro. Os meninos do St. Jude's também o

chamavam de Sr. Sem Pau, porque ele usava as calças muito altas e apertadas, e não era possível ter pênis. - Mas a maior parte de sua resposta está certa.

Nate pegou o celular e começou a digitar uma mensagem para Jeremy, que estava sentado na mesma fila dele, quatro carteiras além.

EI OBRIGADO SEM PAU, escreveu ele.

QUER SAIR DPIS?, respondeu Jeremy.

NAUM posso. CASTIGO, respondeu Nate.

SOUBE DE B & O CARA, LAMENTO, escreveu Jeremy.

Nate se curvou na carteira e disparou para o amigo um olhar que dizia, "Explique, por favor".

CARA DE YALE FESTA Q ELE DEU COM B, esclareceu Jeremy.

Então era ele que estava na cama de Blair ontem à noite. Nate ficou amuado demais para responder. Ele deixou Blair sozinha por pouco mais de um dia e ela teve que ficar com um babaca de uma festa idiota de Yale a que ela nem deve ter sido convidada? Ele devia ficar furioso. Em vez disso, ele só se sentia deprimido. Devia ter ido àquela festa. Ele podia até ter levado Blair com ele. Eles podiam ter conversado sobre o futuro e depois transariam. Podia ser romântico. Mas, como sempre, ele estragou tudo.

Bom, agora ele sabe... Pode não ser um saco ser o traidor, mas definitivamente é um saco ser o traído.

Foda-se, decidiu Nate. Ele ergueu a mão.

- Sr. Knoeder, pode me dar licença? Acho que estou com intoxicação alimentar ou coisa assim.

Ah, qual é. Você pode fazer melhor.

O Sr. Knoeder nem percebeu. Estava de costas, ocupado em desenhar um mapa detalhado de Saigon em giz roxo. Nate mandou uma mensagem de TCHAU a Jeremy, pegou suas coisas e saiu de fininho da sala, deixando o resto da turma na aula de história americana do St. Jude's encarando-o e se perguntando por que não tinha coragem para fazer a mesma coisa.

Nate enfiou os livros no armário do porão e bateu a porta. Que se foda o dever de casa e que se foda a escola. Ele já estava na universidade e, agora que estava de castigo, podia muito bem ficar em casa, comendo brownies e ficando chapado. Ele ia matar o resto do dia de aula, acender um baseado bem gordo, preencher os formulários adequados e mandar seu depósito para Yale. E daí que ele tivesse prometido a Blair que só ia para Yale se ela entrasse? Todas as promessas que eles fizeram um ao outro foram quebradas, e a verdade era que Yale tinha o melhor time de lacrosse e prometera fazer dele o capitão no segundo ano. Ele queria ir, independentemente de Blair ter entrado ou não.

Com uma determinação implacável, ele foi para casa, tentando se livrar da imagem daquele babaca magrelo que roncava e roubava namoradas na cama de hotel de Blair.

Mandar o depósito de Yale pelo correio não seria exatamente uma vitória sem perdas.

Blair ia cuspir fogo quando soubesse.

A não ser que ela não ligasse mais, o que era quase mais apavorante ainda.

d, o futuro do hip-hop

A Riverside Prep localizava-se em uma antiga igreja de tijolos vermelhos do final da década de 1900, a escola mais exótica do Upper West Side. A entrada principal da escola

ficava na West End Avenue - uma linda porta vermelha na qual pendia a placa RIVERSIDE PREPARATORY SCHOOL FOR BOYS, que parecia constrangedoramente uma espécie de escola de aperfeiçoamento para moças. Felizmente, os meninos mais velhos entravam pela porta lateral, uma porta preta normal que dava para a rua 77, o lugar perfeito para entrar de mansinho com duas horas de atraso.

Dan entrou cambaleando para os últimos dez minutos de aula de inglês avançado do primeiro tempo usando as calças de hip-hop e os tênis pretos e amarelos do show dos Raves na noite anterior, e uma camiseta cinza-escuro dada a ele por Monique com MR. WONDERFUL em letras vermelhas em todo o peito. Na noite passada, ele tomou um porre homérico, cantou como um doente fodido e depois teve um sexo louco e totalmente imerecido com a linda francesa em uma cama gigante do quarto do Plaza Hotel. Ser um astro do rock era na verdade meio excelente.

Não diga.

- Ora, se não é meu aluno mais famoso - observou a Srta. Solomon concisamente, enquanto Dan perambulava para os fundos da sala e desabava atrás de uma carteira. A Srta. Solomon tinha acabado de se formar e era incrivelmente envergonhada da queda que tinha por Dan. Em vez de inundá-lo de elogios - não havia dúvida de que ele era o aluno mais realizado e mais intelectual da turma - ela ou era sarcástica e crítica, ou o ignorava completamente. Certa vez, só para testá-la, ele até copiou um ensaio sobre os hábitos de escrita de Virginia Woolf, escrito por um famoso crítico literário, Harold Bloom, orientador dela em Princeton, e entregou, fingindo ter redigido ele mesmo. A Srta. Solomon deu a ele um B+, assim como dava a todos os trabalhos de inglês dele, fossem bons ou ruins.

- A turma e eu estávamos discutindo se devemos ter um trabalho final sobre as tragédias de Shakespeare em nossa unidade em vez da prova final. Alguma opinião, Dan? - Ela colocou a mão na boca e acrescentou sarcasticamente. - Peço desculpas... Talvez agora você tenha um nome artístico?

Dan fez uma careta para a carteira, onde alguém tinha rabiscado as palavras *Cara de Puta* com uma esferográfica verde. Normalmente, ele teria aproveitado a oportunidade de escrever um artigo em vez de fazer uma prova, mas os trabalhos exigiam pesquisa, rascunhos e horas de redação, enquanto uma prova exigia um único aparecimento por duas horas.

Isto é, se você não tiver a intenção de estudar para ela, coisa que ele não tinha.

Agora que era um astro do rock, ele ia fazer uma turnê, gravar vídeos, cantar em discos e resistir a mulheres e a paparazzi. Definitivamente, era preferível ter duas horas em um dia para uma prova idiota de inglês.

A Srta. Solomon era o tipo de magrela de cara chupada que a fazia parecer quarenta anos mais velha do que provavelmente era, e o cabelo, que ela mantinha puxado para trás em um rabo-de-cavalo curto, era de um louro-escuro acinzentado que parecia cinza sob as implacáveis luzes fluorescentes da escola. Ela adorava renda e preferia blusas cor-de-creme com gola de renda e babados nas mangas, combinadas com saias pretas de lã até os joelhos, meias pretas e sapatilhas pretas estranhamente altas e sem saltos. As saias sempre eram muito apertadas também, o que levava os meninos a suspeitarem de que ela devia se achar a mulher mais sensual do mundo.

Eca.

- Metade da turma quer um trabalho e metade quer a prova. Você vai dar o voto de Minerva - explicou ela.

O que significava que, independentemente do que Dan dissesse, metade da turma iria odiá-lo.

Ele deu um pigarro.

- Acho que uma prova seria um indicador melhor do quanto aprendemos durante o ano - declarou ele, parecendo um mongol total.

- Ah, essa agora? - zombou Chuck Bass a duas carteiras de distância. O código de vestimenta da Riverside Prep era de calças cáqui lisas, cinto marrom ou preto, camisa branca ou em tom pastel e sapatos marrons ou pretos com meias escuras. Chuck Bass usava um macacão Prada preto, aberto para que o peito bronzeado e recém-depilado ficasse claramente visível e sandálias de couro branco Camper, que deixavam ver os pés macios e manicurados. No chão ao lado de sua carteira, a macaca de estimação de Chuck, Sweetie, enfiou a cabeça espigada para fora da bolsa de couro laranja e vermelha Dooney & Bourke e arreganhou os dentes.

Chuck não merecia estar no curso de inglês avançado. Ele mal conseguia falar, nunca leu um livro na vida e pensava que Beowulf era um tipo de pele usada para revestir casacos. Mas, tentando colocá-lo em uma universidade, seus pais insistiram que ele fosse matriculado em todos os cursos avançados, o que acabou se revelando um erro grosseiro. Porque Chuck preferia fazer compras e ir a desfiles de moda a ir à escola e fazer o dever de casa, ele tinha nota D em todas as disciplinas deste semestre, não conseguiu entrar em *nenhuma* das universidades a que se candidatou e agora ia para a academia militar.

E ele estava amargurado com isso? Mas é claro.

- *Aí, Mr. Wonderful*- sibilou Chuck para Dan. - Não olhe agora, mas seus dias de Rave acabaram.

Hein?

Dan se curvou na cadeira e futucou a mesa com a esferográfica. Ele era um astro do rock; não tinha que aturar essa merda. O pé de alguém cutucou a base de sua coluna.

- Você está fora - cochichou Bryce James, um dos amigos valentões de Chuck. - A não ser que a piranha da sua irmã possa colocar você lá de volta.

Os pêlos da nuca de Dan se eriçaram. O que a Jenny tinha a ver com isso? Pelo que ele sabia, Jenny só estava com ele de carona, como sempre fazia, afinal, se seu irmão mais velho estava em uma banda importante, você também não ia querer sair com ele e os colegas de banda?

- Eu soube que ela quer ser cantora - disse Bryce. - Por isso ela dormiu com todos eles.

Dan se virou e mostrou o dedo a Bryce simplesmente porque estava com ressaca demais para pensar em alguma coisa inteligente para dizer. Jenny tinha saído da suíte do hotel na hora em que ele e Monique se levantaram de manhã, mas o que exatamente ela andou aprontando enquanto ele ficou ocupado à noite? E como é que todo mundo já parecia saber disso?

- Então será uma prova - anunciou a Srta. Solomon. Ela rabiscou alguma coisa em um caderno, depois se levantou e se aproximou da carteira de Dan. - Eu mesma sou meio fã dos Raves - murmurou ela, o rosto ligeiramente ruborizado. - E isso meio que me mata. - Ela parou diante de Dan, pôs as palmas das mãos na carteira e se curvou para ele de tal forma que ele podia sentir o cheiro de cada pãozinho com *cream cheese* com alho-poró que ela comera no café-da-manhã. - É verdade que Damian é casado com a namorada

dele do tempo do ensino médio? Uma francesa? - perguntou ela em voz alta, obviamente pensando que era totalmente moderninho que uma professora soubesse tudo sobre uma banda cool como os Raves.

As mãos de Dan estavam suando e ele remexeu no maço de Camels sem filtro no bolso de trás das calças baggy. A Riverside Prep não tinha regras sobre professoras assediando os alunos?

Só restavam dois minutos para terminar a aula. Ainda esperando ouvir a resposta à pergunta da Srta. Solomon, os outros meninos pegavam em silêncio os livros e fechavam as mochilas.

O ponteiro dos minutos no relógio por cima do quadro-negro se arrastou para a frente e do lado de fora da sala a sirene acordou. Dan se levantou, passou raspando pela professora abelhuda e foi para a porta.

Salvo pelo gongo.

um e-mail que merece uma resposta

Naquela tarde, durante o laboratório de informática, Serena ficou tentada a mandar um e-mail ao artista melodramático da Brown, àquelas esquisitas da irmandade de Princeton e ao caipira apaixonado de Harvard, dizendo a eles que passassem bem, porque de agora em diante ela seria toda Yale. Em vez disso, ela os deletou permanentemente de sua lixeira. Na hora do almoço, ela tinha mandado seu depósito pelo correio para Yale, e foi um alívio finalmente tomar uma decisão – mesmo que não pudesse contar à melhor amiga do mundo sobre isso. Ela passou de leve pelo resto dos e-mails até que chegou a uma mensagem de origem desconhecida.

De: dpolk@raver.net

Para: Svdwoodsen@constancebillard.edu

Assunto: não acredite em tudo o que lê

Mas aí, estamos nas bocas. É tudo muito lisonjeiro. O problema é que não nos conhecemos. Quer? Um bando de gente vai na minha casa no Village na sexta à noite. Espero que possa ir.

Damian

Serena riu e se levantou um pouco da cadeira, procurando pela cabeça escura e brilhante de Blair no laboratório de informática. Mas Blair estava trabalhando intensamente em seu computador e não percebeu Serena acenando para ela. O Sr. Schneider, o inspetor do laboratório arrogante e com as narinas deformadas, olhou para ela, e Serena voltou ao e-mail. Ela sabia, pelos vídeos, que o guitarrista dos Raves era extremamente bonito e talentoso, e não seria uma loucura se eles realmente batessem, transformando mito em realidade? Então, e se ela meio que decidisse tomar o caminho da seriedade e ser uma estudante de tempo integral no ano que vem? Isso seria no ano que vem, e o resto deste ano era todo de pura diversão. Quem sabe - ela podia até mudar de idéia, adiar a admissão, tornar-se uma tiete dos Raves e sair em turnê com a banda pelos próximos cinco anos!

E só um segundo atrás ela estava toda satisfeita consigo mesma por ser tão decidida. Serena roeu as unhas por uns segundos, depois clicou em responder e digitou três letras usando só o indicador roído e parcialmente pintado de esmalte rosa.
S-l-M.

uma combinação improvável

Blair navegava pela internet, procurando pelos incríveis sapatos Jimmy Choos que ela vira na *W*, mas ainda não tinha encontrado seu tamanho. Eles eram feitos de seda verde, costurados à mão, com coraçõezinhos de madrepérola nos saltos. Só distribuíram 300 pares de sapatos em todo o mundo, mas certamente tinha de haver um tamanho 37 que não fora comprado - na Cidade do México, talvez, ou em Hong Kong, onde os pés tendiam a ser pequenos.

Ao lado dela, Vanessa Abrams digitava furiosamente, montando alguma página feminista ou coisa assim. Blair olhou para o monitor da vizinha. *Procura-se colega de apartamento*, dizia em letras garrafais, *Só Mulheres*.

Blair jamais gostou muito da colega cineasta de cabeça raspada que usava preto. Cada palavra que Vanessa pronunciava em aula tinha um ar de só-estou-falando-com-você-porque-você-me-fez-uma-pergunta, como se ela fosse muito mais inteligente e astuta até do que os professores. E ela sempre suspeitou que Vanessa preferia mulheres a homens.

- Entrevistei esse cara no fim de semana. Acabou se revelando um pirado completo.

Blair olhou para a vizinha e descobriu que Vanessa estava mesmo falando com ela.

- Decidi que só vou aceitar mulheres – acrescentou Vanessa, batendo o botão "enter" do teclado para dar ênfase.

Blair apertou os lábios e se remexeu na cadeira. Vanessa parecia realmente estar falando com ela.

- Também conheci um cara no fim de semana – confessou ela. Ela mordeu o lábio e apontou para o monitor de Vanessa. - Por que quer uma colega de apartamento, aliás? Eu daria tudo para morar sozinha.

Vanessa deu de ombros. Já era bastante estranho conversar com uma piranhuda como Blair Waldorf, mas era ainda mais estranho que a pergunta de Blair fosse mesmo digna de resposta.

- Minha irmã está em turnê pela Europa. Sei lá, acho que me sinto sozinha - admitiu Vanessa antes que conseguisse se deter. Assim que falou, teve vontade de tapar a boca com a mão. Por que, de todas as pessoas do mundo, Blair Waldorf ia *se importar*?

- E o seu namorado... aquele nerd...? - Blair mordeu o lábio e se corrigiu. - Aquele cara do... caderno.

- A gente terminou.

Blair assentiu, tentada a explicar que tinha acabado de terminar com o namorado e que às vezes ela também se sentia sozinha. Discretamente, ela avaliou Vanessa. Ela meio que gostou de que Vanessa não se entusiasmasse em falar de um mané como o ex-namorado dela, reclamando dos presentes que ele dera, imitando a forma idiota como ele amarrava os sapatos e reiterando toda a triste saga. Vanessa era estranha, mas pelo menos não era previsível. E todo mundo sabia que os pais de Vanessa moravam em Vermont. Então, se a irmã estava fora, ela realmente estava por conta própria.

- E aí, isso dá certo? - perguntou Blair. - Você está, tipo assim, entrevistando candidatos?

Vanessa teve de se perguntar onde é que isso ia parar.

- Bom, primeiro eu os entrevisto pelo Messenger e, se eles parecerem normais, entrevisto pessoalmente. Mas, até agora, não apareceu ninguém normal.

Blair não conseguia acreditar que estava pensando em morar com a lésbica, careca, esquisita e sem amigas da Vanessa, mas ela realmente precisava de um lugar para morar. Sua casa estava insuportável e, depois da reunião com a Sra. M esta manhã, Blair tinha certeza absoluta de que não podia morar no Plaza pelo resto do ano letivo sem arruinar completamente suas chances de entrar para Yale. E se ela precisasse receber... uma visita? Um apartamento sem pais, babás, empregadas ou cozinheiras era um lugar *perfeito*, mesmo que tivesse de ser na suja e nojenta Williamsburgh. Ela podia até convencer Vanessa a contratar um decorador e colocar alguma cor no apartamento. Não que ela realmente conhecesse a casa de Vanessa, mas depois de ir à escola com ela nos últimos cem anos, ela sabia que o lugar deveria ser totalmente preto. Ela podia renovar a casa completamente, assim como a desmazelada e dada à leitura da Audrey Hepburn foi transformada numa fabulosa modelo em *My fair Lady!*

- Me entrevista - sugeriu ela.

- Mas... - respondeu Vanessa. - Eu moro no *Brooklyn*.

Blair girou o anel de rubi sem parar no dedo anular da mão esquerda.

- Eu *sei*. - Ela suspirou pesarosamente para os sapatos pretos e fechou os olhos, tentando se imaginar como uma pessoa artística e moderninha de Williamsburgh. Ela usaria camisetas verdes com dizeres irônicos, como WILLIAMSBURG É PARA OS AMANTES. Tomaria café preto. Usaria tênis All Star sem meias e teria uma bolsa de plástico roxo. Ela faria luzes laranja e usaria óculos de armação octogonal preta. Ela comeria falafel. Escreveria poesia. Faria um piercing no lábio e um, tatuagem! Ah, o Nate ia morrer. Um sorriso se espalhou por seu rosto. - Eu sempre quis morar no Brooklyn. Ah, então tá.

- Não, você... - começou Vanessa, em uma tentativa de dissuadi-la.

- Você tem tevê a cabo, TiVo e DVD, não tem? - perguntou Blair.

Peraí, quem devia estar entrevistando quem?

- Eu *preciso* ver meus filmes - insistiu Blair, feito uma empregada velha que come comida congelada e não pode sobreviver sem a dose diária de Regis and Kelly.

- Filmes? - repetiu Vanessa, perguntando-se se Blair tinha perdido completamente o juízo. Ela se esquecera de que Blair era uma velha tiete de cinema. Em novembro, Blair tinha entrado em um concurso de cinema na escola. Só o que ela fez foi reprisar os primeiros dez minutos de *Bonequinha de luxo* sem parar com músicas diferentes, porque, na opinião dela, eram os primeiros dez minutos perfeitos entre todos os filmes *do mundo*. Vanessa ganhou o concurso com a versão que fez de *Guerra e paz*, estrelado pelo ex-melhor amigo Dan Humphrey como o moribundo príncipe Andrei. Isso foi antes de eles até terem se beijado - o que parecia ter acontecido há um século.

- Qualquer coisa com a Audrey Hepburn. Ou com Jimmy Stewart. Ou Cary Grant. Ou Lauren Bacall - esclareceu Blair de um fôlego só. - E, é claro, ...*E o vento levou*.

Se havia uma coisa que Vanessa tinha aos montes era equipamento de cinema, tevês, vídeos e DVDs.

- Não se preocupe. Vou fazer cinema na NYU no ano que vem. Tenho tudo - garantiu Vanessa a ela. - Todos os clássicos.

- E como é que você vem para a escola? – perguntou Blair, perguntando-se se podia aprender a dirigir. Sem tirar os olhos do monitor do computador, ela mexia o mouse para dar a impressão de que estava muito ocupada. - Não tem, tipo assim, uma ponte que precisa atravessar?

Considerando que Manhattan é uma ilha, então, sim, deve ter alguma ponte metida nisso. Vanessa decidiu ser indulgente com ela. Até parece que Blair Waldorf realmente queria morar em seu prédio caído e cheio de pichações no Brooklyn.

- A linha L do trem vai para a Union Square e depois eu passo para a 6.

Hein?

Blair franziu o rosto. Ela estava falando do *metrô*?

- Quando o tempo está bem ruim ou eu estou atrasada, chamo um táxi - admitiu Vanessa. Arrá!

- E você se importa com... Sabe como é, *visitas*? – perguntou Blair.

Tipo *visitas homens*?

Vanessa riu.

- Se não feder e levar comida.

Blair assentiu, séria. Ela teria seu próprio apartamento em que transaria loucamente com Stan 5 ou com qualquer outro cara que escolhesse, e ela se transformaria na garota mais sexy, mais cheia de piercings e tatuagens de Williamsburgh. Nate ficaria absolutamente maluco de arrependimento.

- Acho que pode dar certo, não é?

Os olhos castanhos de Vanessa tinham parado de piscar.

- Mas nós nos odiamos - disse ela com franqueza.

Blair revirou os olhos e bateu o joelho ossudo e bronzeado no joelho branco de Vanessa.

- Ah, não seja tão esnobe - disse ela, ofendida, entrando realmente no novo papel de irmã descolada desaparecida de Vanessa. - Agora, sobre seu problema com o namorado - continuou ela, como se o assunto já estivesse encerrado.

- O caso é que, sem ofensas, eu aposto que você só sente atração por homens que são meio "alternativos", como você...

- Blair colocou a mão na boca, enquanto em seu cérebro uma lâmpada se acendia. Não entendia como não havia pensado nisso antes, mas seu meio-irmão alternativo de trancinhas Aaron e a careca de preto da Vanessa eram *sem dúvida nenhuma* o casal perfeito! Eles podiam pintar as unhas um do outro de preto, preparar sushi vegetariano, filmar o cabelo do outro, ou a falta dele, e se divertir enquanto ela estava ocupada seduzindo o cara que ia colocá-la em Yale.

Está vendo, talvez Williamsburgh seja *mesmo* para os amantes!

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

O ESTRANHO CASAL

Quem teria imaginado? Uma garota que vive agarrada nos Manolos de 800 dólares experimenta se mudar para a casa de uma colega de turma que nunca usa nada nos pés a não ser botas Doc Martens com ponta de aço e meias três-quartos pretas Danskin. Uma coisa é certa, elas não vão dividir as roupas. Mas como as duas vêm de planetas totalmente diferentes, elas certamente têm muito o que conversar e muito o que aprender. Uma amostra de conversa:

- *Viu a escova do meu pó de bronzamento Stila?*

- *Ah, está fazendo algum projeto de arte?*

Estou recolhendo as apostas para ver quanto tempo vai durar essa maluquice de festinha de dormir!

QUEL DÉSASTRE!

Também dizem por aí que uma certa francesa hippie que usa roupa tingida contou a todo mundo que ela e nosso jogador preferido de lacrosse e doidão não estão só saindo - eles estão *apaixonados*. Epa.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Trabalho como voluntária no escritório de admissão de minha universidade, que por acaso é uma das Ivies, e eu e minhas amigas passamos muito tempo cantando aquela possível caloura porque achamos que ela é uma aluna perfeita para nossa irmandade. Ela é linda, inteligente e talentosa - exatamente como nós. O caso é que ela não respondeu a nenhum de nossos e-mails. Sei que parece brega, mas e se a gente mandar para ela um presente ou coisa assim - você acha que vai ajudar?

- PrincetonBabe

R: Cara PrincetonBabe,

Detesto decepcioná-la, mas não acho não.

- GG

Flagras

C na Tower Records comprando uma versão pirata do último *single* dos Raves estrelado por ninguém menos do que **D**, que deve ser a pessoa de quem ele menos gosta no mundo. O que será tão irresistível para ele, a música ou a letra? **K** e **I** experimentando produtos Origins contra acne na loja da Madison Avenue e deixando cair sem querer alguns nas bolsas Tod's quando a vendedora deu as costas. **B** e **V** subornando o entregador do armazém com uma caixa de trufas Godiva para que ele levasse para elas as sacolas de compras pelos três andares até o apartamento das duas. E o que são aquelas cortinas de

toile pretas e brancas com babadinhos que vimos nas janelas? Acho que *as duas* estão aprendendo a chegar a um meio-termo!

A CALMARIA ANTES DA TORMENTA

Nesta semana, eu realmente testemunhei minhas colegas de turma na frente da escola, depois que eu saí, conversando sobre os planos de verão e tomando lattes gelados. Algumas semanas atrás, estávamos matando aula para tomar banho de sol no parque, ouvindo nossos MP3 e mal nos falávamos. Agora não sabemos o que fazer com a gente e não conseguimos ficar sozinhas. Aceitem esse clima nublado, úmido e abafado de maio e o fato de que, em menos de quatro semanas, alguns de nós nunca mais se verão novamente. Também estou convencida de que tem alguma coisa no fogo. Vamos esperar: a sexta-feira vem aí e vai ser o diabo.

Eu estarei lá de gongo em punho!

Pra você que me ama,
gossip girl

s não fica impressionada

Uma herança de bom tamanho do bisavô, que esteve envolvido com a invenção do Velero, e o dinheiro do primeiro disco de sucesso dos *Raves, Jimmy and Jane*, deram a Damian Polk, de 23 anos, uma linda casa de quatro andares com venezianas vermelhas na singular Bedford Street, no West Village. A Bedford Street só tinha três quadras de extensão, pontilhada de restaurantes intimistas, cafeterias aconchegantes, casas históricas, um bar famoso e lindos gays que passeavam com seus cachorrinhos. Do lado de fora, a casa parecia uma casa de bonecas antiga, mas por dentro era um mostruário de móveis brancos, modernos e minimalistas. Diziam os boatos que embora vestisse todas as cores no palco, Damian só usava branco dentro de casa e nunca permitia que seus convidados usassem nada além de branco, nem jeans.

Que péssimo que ele tenha se esquecido de contar essa regrinha a certas pessoas. A porta da frente estava aberta e Serena subiu a escada de mármore branco para o segundo andar, vestida com as pantalonas preferidas Blue Cult, uma camiseta rosa-choque curta e um par maluco de tamancos plataforma rosa-choque Hollywood, que eram um desafio para o caminhar. Ela podia ouvir uma espécie de jazz psicodélico, o tinir de copos e o murmúrio de vozes.

Jenny Humphrey estava sentada de pernas cruzadas no balcão laqueado de branco da ilha na cozinha aberta e branca de Damian, tomando um copo de leite. O cabelo estava num rabo-de-cavalo e ela usava uma camiseta branca de algodão e cueca samba-canção branca.

- Ei! - gritou ela, pulando do balcão para receber Serena. - Damian disse que você viria. Ele está no banho. - Ela ficou na ponta dos pés descalços e apontou o queixo branco para dar um beijo no rosto de Serena. - Estou tão feliz que esteja aqui.

Bom, *olhaí*, a anfitriãzinha dando o máximo! Que mudança da Jenny que só na semana passada ficou completamente louca com a oportunidade de ser convidada à casa de Serena. E ela não foi tipo *proibida* de sair com os Raves de novo?

Até parece que fez alguma diferença.

- Eu fugi - cochichou Jenny. - Meu pai estava vendo um documentário totalmente chato do Allen Ginsberg. Ele acha que estou no meu quarto, *pintando* ou coisa assim.

Ah, pintar. Costumava ser só um passatempo, de quando ela era jovem e inocente.

Serena sorriu para a protegida baixinha de cabelos cacheados, sentindo-se estranhamente deslocada. Os outros convidados estavam no sofá branco de camurça na enorme sala de estar branca adjacente à cozinha, vestidos da cabeça aos pés de branco, tomando martínis gigantescos com ovos cozidos boiando neles. Uma parede da sala era decorada com

flocos de neve de papel, do tipo que a gente faz no jardim de infância, e outra parede era pintada para dar a impressão de que tinha estantes cheias de livros brancos.

Porque os livros de verdade são coloridos demais?

Um cara alto e magro estava sentado em um tapete de urso polar, usando apenas um roupão atoalhado branco. Um enorme cachorro marrom e preto estava deitado ao lado, com a enorme cabeça marrom e preta enterrada no colo dele – a única coisa com alguma cor em toda a sala branca.

- Uh-lá-lá! - exclamou Jenny quando Damian apareceu, ainda molhado do banho e usando apenas um moletom de cashmere branca. O cabelo louro avermelhado ainda estava molhado e gotas de água caíam nos recuos da clavícula. Os braços e o peito eram cobertos de sardas e grandes músculos, e, sim, ele era ainda mais bonito pessoalmente do que nas capas dos discos.

- Oi - Serena o cumprimentou, sentindo-se deslumbrada, o que não era comum. E como ninguém falou com ela do código de vestir-se só de branco? Ela não devia *saber* disso?

- Agora sei por que todo mundo diz que eu tinha que conhecer você - disse ele automaticamente quando viu Serena.

Serena corou com o elogio, mas não conseguia pensar em nada para dizer. Uma rara ocasião para ela - os Van der Woodsen eram criados para dizer a coisa certa no momento certo o tempo todo.

Jenny pegou a mão de Serena e depois a de Damian, parando entre eles como uma dama de honra peituda em um casamento arranjado.

- Você tem que mostrar seu quarto a Serena - disse ela a Damian. Ela se virou para Serena. - O quarto dele é *tão* cool.

Ah, é? E como é que ela sabe?

Damian deu de ombros e começou a ir para a sala, puxando Jenny e Serena com ele.

- Vem, senta aqui. A Kelly and Ping deve chegar a qualquer momento.

- Legal - respondeu Serena, embora não fizesse idéia do que ele estava falando. Kelly and Ping- seria outra banda? Um número de palhaços? DJs?

- Hmmm. Eles fazem o *melhor* camarão tailandês *do mundo* - disse Jenny, como se tivesse pedido comida asiática do SoHo a vida toda.

- Hmmm - concordou Serena. O que havia de errado com ela? Ela nem estava com fome. Jenny se afastou deles e se empoleirou no joelho de um cara. Ele tinha cabelo escuro e rosto sardento e usava um macacão branco, muito parecido com o baterista dos Raves, Lloyd Collins.

Porque era exatamente *ele*.

- Oi, Serena - Lloyd cumprimentou-a naquele seu jeito gozador e convencido. - Sinto que já somos irmãs – acrescentou ele, virando a munheca e fingindo ser o irmão gêmeo gay sumido de Damian.

- O Damian acabou de me gravar cantando "Parabéns para mim". Ele vai samplear numa faixa do próximo disco da banda - anunciou Jenny alegremente a todo mundo que estivesse

ouvindo. - Estou louca para o Dan ouvir.

- Ele não está aqui? - perguntou Serena, procurando pela nuvem de fumaça de Camel que em geral engolfava a cabeça de Dan.

- Ainda não - respondeu Damian, e Serena achou ter detectado um toque de malícia na voz dele.

Dan e Serena tinham ficado juntos no outono, mas durou pouco - assim como todos os relacionamentos dela - e eles não mantiveram contato. Mas não havia mágoas e podia ser legal sair e ser amigos, agora que os dois estavam se formando. Ela se perguntou para que universidade ele ia no ano que vem, ou se ele ia tirar algum tempo para viajar com a banda.

- Charuto? - perguntou Damian, estendendo uma caixa para ela. - Vieram de Cuba ontem à noite.

- Palitos? - perguntou Lloyd, agitando um palito no ar como se fosse uma de suas baquetas e pegando-o com os dentes. - São italianos e supercrocantes.

- Não, obrigada - respondeu Serena em voz baixa às duas ofertas. Aqui estava ela, uma baladeira notória no que estava prestes a se tornar uma festa notória, e no entanto ela se sentia sem inspiração nenhuma. Talvez o fato de que todos pensassem que ela e Damian já estivessem juntos tenha estragado tudo para ela. Ou talvez ver Jenny, a imagem de si mesma dois ou três anos antes, fizesse com que ela percebesse que estava pronta para experimentar alguma coisa nova. Ou talvez fosse porque estas seriam as últimas semanas do terceiro ano, antes do verão e antes de Yale. Ela não ligava tanto para conhecer astros do rock; ela só queria sair com os amigos.

Blair agora estava no apartamento de Vanessa em Williamsburgh - devia estar colocando papel de parede no banheiro com botõezinhos de rosa ou coisa assim - e não havia outro lugar para Serena ir.

- Se importa se eu usar o banheiro? - perguntou ela.

Damian a orientou por um grupo de cortinas de veludo branco, depois descendo por um longo corredor branco até um banheiro de ladrilhos brancos, espelho no teto e uma banheira

de mármore. Serena fechou a porta, pegou o tubo de brilho labial MAC Cherry Ice do bolso de trás e passou um pouco. No corredor, do outro lado das cortinas de veludo branco, vinha o som da campainha tocando e a Kelly and Ping entregando seus petiscos asiáticos. Ela abriu a porta do banheiro novamente e se apressou pelo corredor, passando pelo monte de comida que chegava e indo mais uma vez para a calçada cheia de vapor. Isso de uma garota famosa por dançar em mesas de bar em toda a França? Isso da garota que teve uma parte indizível do corpo fotografada e colada nas laterais de ônibus e metrô

em toda a cidade? Escapulindo de uma festa antes mesmo que começasse?

Mas não importava realmente se ela ia ficar na festa ou não. O que quer que Serena fizesse, ia ganhar as manchetes.

o estranho casal

- Então, é nessa gaveta aqui que a gente guarda os cremes de limpeza, hidratantes, tonificantes, esfoliantes, maquiagem e removedores de maquiagem. Todo o gel de banho fica na gaveta de baixo, mais perto da banheira. E tá vendo? Esse é um tapete de algodão egípcio de banheiro para cobrir aquele ladrilho cinza nojento. - Blair apontou para o novo tapete cor de pêssego que ela acabara de colocar no banheiro de Vanessa.

Vanessa abriu as gavetas no armário rachado de cor creme embaixo da pia do banheiro. Tudo tinha sido colocado em ordem alfabética e por código de cores, de acordo com as especificações de piração de controle da Blair. Não que Vanessa tivesse seus próprios produtos de beleza. De qualquer modo, era tudo coisa de Blair.

- Pode pegar emprestado o que quiser - ofereceu Blair generosamente. Ela pegou um pequeno frasco de porcelana de creme para os olhos La Mer e começou a passar um pouco embaixo dos olhos. - Esse troço é maravilhoso - declarou ela. - Eu só não queria ficar com cheiro de hidratante. - Ela estendeu a mão e passou um pouco nos olhos de Vanessa. Uma

aplicação não adiantaria muito, mas, se ela conseguisse que Vanessa usasse uma vez por dia, em uma semana aquelas bolsas do tamanho de uma berinjela desapareceriam totalmente. Talvez Vanessa até a deixasse fazer uma maquiagem completa nela. Elas iriam comprar jeans juntas na Bloomingdale's SoHo e Vanessa podia até comprar uma peruca legal!

Boa tentativa.

- Onde está meu barbeador? - grunhiu Vanessa, girando o rosto para afastá-lo de Blair como uma criança que odeia que limpem a sua cara. -Tenho que raspar minha cabeça tipo uma vez por semana, sabe como é.

- Barbeador? - repetiu Blair sem ter a menor idéia. Ela apontou para um saco de lixo largado na porta do lado de fora do banheiro. - Acho que pode estar ali. - Ela pegou uma escova de sobrancelha da gaveta recém-organizada e passou no restolho da cabeça de Vanessa. - Já pensou em deixar crescer...?

- *Não!* - disse Vanessa a ela, implacável, afastando a escova de sobrancelha. Ela colocou o saco de lixo no tapete cor de pêssego e resgatou o barbeador elétrico, colocando-o na gaveta de cima, ao lado dos curvadores de cílios de Blair.

- Desculpe - concedeu Blair. - Eu devia ter perguntado primeiro.

- Está tudo bem. -Vanessa remexeu nos curvadores de cílios com curiosidade. - Que porra é essa, aliás?

Blair os pegou ansiosamente e colocou Vanessa sentada na tampa da privada.

- Não feche os olhos. E não se preocupe, isso não dói. - Ela segurou os curvadores a uns 3 centímetros de distância dos cílios de Vanessa, semicerrando os olhos. Depois os baixou novamente. - Sabe de uma coisa? - disse ela à nova colega de apartamento. -Você não precisa disso. Seus cílios são grossos e curvos. -Ela semicerrou os olhos novamente, como se não conseguisse acreditar nisso. - Na verdade, eles são totalmente *perfeitos*.

Vanessa se levantou e examinou os cílios no espelho do banheiro, sentindo-se extremamente lisonjeada, embora nunca fosse admitir isso.

- Podemos ver alguma coisa para comer agora, droga? Ficamos redecorando essa porcaria o dia todo.

Pela primeira vez Blair ficou tão ocupada que nem pensou em comida. Esta noite seria a primeira no apartamento, e ela passou toda a tarde desfazendo as malas e organizando. O que Vanessa costumava fazer para o jantar?, perguntou-se ela.

Cozinhar?

As duas meninas saíram do banheiro e entraram na cozinha aberta, olhando o apartamento com as mãos nos quadris. O decorador do quarto de bebê da casa da mãe de Blair tinha

mandado sua equipe de pintores na quarta e na quinta-feira, enquanto Vanessa estava na escola, e todo o apartamento fora refeito em tons de verde-aipo e cinza claro – nada mulherzinha demais, para não ofender Vanessa. Depois da aula na quinta, Vanessa descobriu um conjunto de cortinas usadas na Domsey's que podia realmente suportar, só porque eram pretas e brancas, embora estivessem cobertas de *toite* com estampa de pássaros-exóticos-e-palmeiras. E esta manhã o decorador havia agendado a entrega de seis cadeiras de madeira modernas do século XX, uma pequena mesa oval de jantar, uma mesa

de centro legal de vidro Nogushi em forma de rim e dois pufes de camurça cinza, que Blair e Vanessa ficavam passando de um lado para outro da sala só porque era divertido.

- Nem acredito que estou dizendo isso, mas gostei admitiu Vanessa.

- Mesmo? - perguntou Blair com cautela. Era meio uma grande transformação, e ela não teria se surpreendido se Vanessa a tivesse expulsado antes mesmo de ela desfazer as malas Louis Vuitton.

- A gente pode ter uma festinha no jantar - disse Vanessa. Ela foi até a mesa de jantar oval de bétula e rearrumou as seis cadeiras modernas de bétula em volta. - Só que não tenho

ninguém para convidar.

Ninguém faz uma festa melhor do que Blair Waldorf. Mesmo que seja só um jantarzinho chique no Brooklyn boêmio.

Blair sacou o celular do bolso dos jeans James e discou o número de Serena.

- A não, ser que você e aquele astro do rock já estejam, tipo assim, na cama, quer vir jantar na minha nova casa?

- Já estou indo praí - disse Serena a ela. - Desculpe te decepcionar, mas... Eu vou sozinha. Depois Blair ligou para Stan 5.

- Por que demorou tanto? - ele quis saber.

E ela ligou para o meio-irmão, Aaron.

- O que vai cozinhar? - perguntou ele, desconfiado. Devo levar um pouco de tempeh?

Blair não tinha pensado exatamente na parte da comida.

- A gente pode pedir do Nobu. - Ela pôs a mão no bocal. - Tem algum Nobu no Brooklyn?

Vanessa acenou um cardápio de pizzaria na cara dela e Blair viu que havia uma coisa chamada Cheeseless Paradise Pie entre os pratos vegetarianos.

- Não se preocupe - disse ela ao meio-irmão. - Já pensei em tudo.

- E aí, como é a Vanessa exatamente? - perguntou Aaron com curiosidade.

Blair deu um sorriso diabólico.

- Isso é coisa que eu sei e você vai descobrir.

até as francesas ficam contrariadas

- Allo? - o inglês com o distinto sotaque francês de Lexie soou no interfone de Nate. - Posso subir?

Trancado em seu quarto a semana toda com um cachimbo de haxixe, jogando Grand Theft Auto San Andreas no Xbox, Nate não recebia nenhuma visita a não ser de Jeremy, Anthony

e Charlie, que paravam de vez em quando para refazer o estoque de bagulho e informá-lo do que acontecia na escola. Sua ala da casa cheirava a burritos meio comidos, água que vazou do cachimbo de haxixe e Pepperidge Farm sabor pizza – mas não havia ninguém ali para sentir o cheiro. Depois de colocá-lo de castigo, os pais dele tiraram o *Charlotte* do Hudson para visitar amigos em Kingston e garantir que Nate não roubaria o barco de novo antes de seu cruzeiro beneficente. Se ele não tivesse estragado tudo com Blair, os dois teriam toda a casa só para eles e podiam transar em cima do piano na sala de estar, se quisessem.

Ah, sim.

- Estou doente - mentiu ele pelo interfone. –É muito contagioso. Perdi toda a semana de aula.

- Tudo bem, eu também estou doente! – respondeu Lexie animadamente. Ela tossiu para demonstrar o quanto estava doente. - Podemos dividir nossos germes!

Mas que divertido!

Nate tinha acabado de roubar um Hummer, mas, quando Lexie tocou, ele se distraiu e os policiais chegaram na cola dele. Ele chutou os controles do Xbox pelo quarto e lambeu os lábios rachados pelo cachimbo. A boca parecia estar coberta de asfalto sabor maconha. E ele não trocava a camisa, pelo que constava, há dias.

- Estou fedendo - confidenciou ele ao interfone. – É sério. Está péssimo.

- Vamos tomar um banho - disse Lexie a ele, alegre. - Me deixa entrar. Vou te fazer uma *massagem*, gato – acrescentou ela, parecendo ainda mais francesa do que há apenas um segundo.

Nate sabia que ela não ia desistir, e não era como se Blair também não o estivesse traindo. Além disso, Lexie era gostosa, era óbvio que estava desesperada e ele estava seriamente entediado.

- Tá legal- respondeu ele devagar, prestes a apertar o botão para abrir a porta para ela.

- Ah, eu te amo! - gritou Lexie pelo interfone.

Nate piscou lentamente. Ela disse *ama*? Ele tombou a mão. Meninas - só o que elas pareciam fazer era se apaixonar por ele e metê-lo em problemas. Blair, Serena, Jennifer, Georgie, e agora essa francesa hippie, gostosa e com sotaque falso, a Lexie.

Peraí, isto é, tipo assim, *outra* revelação divina?

O caso era que ele estava prestes a se formar e ir para Yale. Ele queria sair com as garotas com quem fora criado e sempre conheceu e amou. E não com uma garota nova.

Em especial não uma garota que nem falava a mesma língua dele.

- Olha, eu estou de castigo - disse ele com firmeza. - Vai para casa.

- *Mais non!* - gemeu Lexie, começando a chorar.
Mais oui.

será que s cresceu ou se acovardou?

A porta para o apartamento de Blair e Vanessa estava aberta. Serena entrou, a boca com o brilho labial recente escancarada ao ver como a casa tinha mudado desde a festa de aniversário de Vanessa. Apenas algumas semanas antes, havia lençóis pretos pendurados nas janelas e reboco esfarelado no chão pouco mobiliado. Agora estava recém-pintada e cheia de móveis legais e modernos. Velas com aroma de capim-limão queimavam na mesa de centro, e cortinas de *toile* brancas e pretas bacanas se agitavam nas janelas abertas da sala de estar.

- Caraca - ela arfou.

- Eu sei - disse Vanessa da cozinha aberta onde estava ocupada enchendo tigelinhas de cerâmica com azeitonas gregas, cenouras *baby* e amêndoas torradas para que os convidados

tivessem alguma coisa para mastigar antes que a pizza chegasse. - Dá pra acreditar? - Ela levantou a perna branca no ar e agitou o pé para que Serena pudesse ver que tinha pego as Mary Janes Singerson Morrison de couro preto e solado em cunha de Blair. - Gosta dos meus sapatos?

Blair saiu descalça do quarto com um copo com gelo na mão, parecendo muito Williamsburgh com uma camiseta preta apertada, uma saia de jeans preta e curta Seven e batom rosa-prateado. Ela deu um beijo no rosto de Serena.

- Não é ótimo? - perguntou ela, parecendo genuinamente emocionada.

Enquanto o táxi ia devagar pelo trânsito da Williamsburgh Bridge a caminho de lá, Serena se preparara para dizer a Blair que ia para Yale no ano seguinte. Mas, agora que elas estavam cara a cara, só o que conseguiu fazer foi se acovardar.

Ela enfiou a mão no copo de Blair e roubou um cubo de gelo da vodka.

- Espero que tenha tirado fotos de antes e depois.

- Não se preocupe - Vanessa irrompeu da cozinha nos sapatos de Blair e passou uma vodka com tônica para Serena. - Eu até peguei a racha da bunda dos pintores.

É claro que ela fez isso.

As três meninas se sentaram no velho futon de Ruby, que tinha sido reformado com uma nova estrutura de bétula e uma nova capa cinza de camurça falsa.

- E aí, o que aconteceu com o Damian? - Blair quis saber. - Pensei que íamos ler sobre vocês no jornal amanhã.

Serena enrolou as pernas dos jeans até os joelhos ossudos.

- Bom, ele é bonito e tudo, mas... - Ela hesitou e rolou as pernas das calças de volta para baixo. Depois tomou um gole da bebida e rapidamente mudou de assunto. - Quem mais vem aqui hoje à noite?

Blair mordeu o lábio. Não lhe ocorrera realmente que Serena podia ficar sobrando ali.

- Você não vai gostar, mas eu meio que convidei Stanford Parris neto da festa de Yale. E Aaron... Sabe quem é, meu meio-irmão? Acho que ele e Vanessa são, tipo *assim,jeitos* um para o outro.

Vanessa tomou um enorme gole de rum com Coca-Cola.

- Veremos - ela arrotou alto.

Os enormes olhos azul-escuros de Serena brilharam enquanto ela digeriu esta informação. Ela foi mesmo apaixonada por Aaron por uma ou duas semanas no inverno, mas tinha se passado tempo suficiente para que agora pudesse lidar com o fato de vê-la apenas como amigo. E Blair estava certa Vanessa e Aaron *eram mesmo* perfeitos um para o outro.

- Legal - disse ela à amiga graciosamente, embora na verdade achasse que Stan 5 era um babaca rematado.

O interfone tocou e Blair e Vanessa saltaram do lugar e correram à janela para ver a rua. Aaron Rose e Stanford Parris V estavam parados na calçada, cada um deles olhando dubiamente para o apartamento do segundo andar.

- Ai, meu Deus, ele está aqui! - as duas insólitas companheiras de apartamento gritaram em uníssono.

De repente Serena se sentiu a babá de uma festinha de dormir do primário. Ela revirou os olhos.

- Vocês querem que eu atenda à porta para que possam ajeitar o cabelo ou coisa assim? - ofereceu-se, de brincadeira.

- Quero, por favor! - gritou Blair. Ela pegou o braço de Vanessa e a arrastou para o banheiro.

Serena mastigou um pedaço de gelo e apertou play no aparelho de CD de Vanessa enquanto esperava que os meninos subissem a escada. Começou a música "Sorvete", dos Raves, e ela rapidamente escolheu o disco seguinte - um dos discos alemães esquisitos de Ruby.

Alguém bateu na porta e ela correu para atender. Agora, se eles pudessem evitar o tema da universidade pelo resto da noite...

Não era provável.

como isolar sua irmã e perder seu emprego

Dan ficaria perfeitamente feliz comendo sushi com Monique e vendo um filme francês antigo no cinema cult na rua 12. Mas Monique insistiu que eles podiam entrar na festa de Damian sem serem percebidos, roubar uma garrafa de champanhe e alguns charutos e depois escapular por uma das saídas de incêndio e fazer a festa deles.

A Bedford Street era exatamente o tipo de bairro do West Village übercool e exclusivo em que Dan se imaginava morando quando se tornasse um astro do rock absurdamente famoso, e era extremamente legal andar pela rua de braços dados com a linda Monique. Ela usava um vestido de verão de seda branca na altura do tornozelo totalmente transparente e sandálias brancas. E ele estava com as calças de veludo cotelê preferidas cor de ferrugem e uma camiseta preta macia. Ele achou que os dois ficavam muito bem juntos.

Imagino que ninguém tenha dito a ele sobre a parada do branco.

A porta para a casa de Damian estava aberta, e o cheiro de camarão tailandês vagava para fora. Antes que chegassem ao alto da escada branca de mármore, Dan ouviu distintamente

a voz da irmã, Jenny. E ela não estava falando - estava *cantando*.

Parabéns para mim, parabéns para mim!

Dan soltou a mão de Monique e pestanejou na brancura reluzente. Seus dedos tremeram e as palmas começaram a transpirar. Toda a casa de Damian era branca, branca, branca.

Até os outros convidados da festa estavam de branco. Certamente, era bacana. Ele só queria que alguém tivesse contado a ele.

A voz de Jenny continuou a berrar do sistema de som.

Parabéns para mim, parabéns para mim!

- Oi - disse Dan inquieto. Ele foi até onde Jenny estava sentada no sofá branco, a bunda no colo de Lloyd e a barriga da perna apoiada nos joelhos de Damian. - O que tá rolando? Papai me disse que você ia passar o fim de semana na casa de campo de Elise.

Jenny riu, obviamente enfeitada com sua própria esperteza.

- A Elise *está mesmo* na casa de campo. - Ela riu e se encostou no peito de Lloyd. - Mas eu estou *aqui*. O papai é totalmente crédulo.

Dan não gostava da idéia de Jenny mentir para o pai. É claro que ele tinha sua parcela de inverdades inofensivas, mas as irmãs mais novas deviam ser puras, inocentes e sinceras, e não mentirosas que se sentavam no colo de caras mais velhos, dando mole para eles, vestidas de camisetas brancas e transparentes e a cueca samba-canção de um homem qualquer. Ele teria escrito um poema sobre como a irmã o lembrava de Ofélia, só que ele estava puto demais.

- Com eses peitos, você deve se livrrar até de homicídio! - Monique apontou para os peitões mal cobertos de Jenny.

As mãos de Dan agora tremiam incontrolavelmente. Ele pegou um maço de Camels no bolso traseiro da calça e enfiou um na boca.

- Eu nem sei o que você está fazendo aqui – grasnou ele para a irmã com o cigarro apagado entre os dentes. – Esta é a *minha* banda - acrescentou ele, demonstrando uma completa imaturidade.

Damian ergueu as sobrancelhas louro-arruivadas perfeitamente arqueadas.

- Na verdade, agora a Jenny está cantando com a gente.

Dan esperou que Damian explodisse numa gargalhada e dissesse que estava brincando, mas Damian continuava com a cara séria.

- O papai sempre disse que eu precisava de um emprego para sustentar meus hábitos consumistas – disse Jenny animada, a cara reluzindo de empolgação e cheia de covinhas adoráveis.

- E nós concluímos que precisamos de um som mais suave - acrescentou Lloyd, afagando o cabelo crespo de Jenny. - É claro que ainda vamos usar suas músicas. Só que na voz de Jenny.

Excusez-moi?

Dan acendeu o cigarro com o Bic verde neón e atirou o isqueiro no sofá branco por pura rebeldia. O modo como Damian estava segurando os pés descalços de Jenny enquanto não usava uma camisa no peito másculo bem desenvolvido o enfurecia totalmente.

Damian olhou para Monique.

- Pensei que fosse voltar para St. Barts, benzinho.

Monique sorriu.

- Bom, eu andei tentando convencer Dan a ir comigo, mas ele diz que tem que terminar a escola primeiro. – Ela revirou os olhos. - Que *chato*.

- Serena van der Woodsen esteve aqui – disse Jenny ao irmão. - Mas foi embora. Não que você ligue para isso.

- E ela é mais bonita do que você, Monique – acrescentou Lloyd de uma forma cretina. Ele apertou a cintura de Jenny. - Mas não tão linda quanto você, meu bolinho.

Dan tragou furiosamente o cigarro, tentando desesperadamente não perder a cabeça. Teria sido legal ver Serena, mas ele meio que tinha outras coisas em mente.

- Er, Damian, posso falar com você um minuto? – perguntou ele entre dentes trincados.

- Oi, oi, querrido! - gritou Monique para alguém do outro lado da sala e se afastou de Dan para asfixiar um careca de macacão branco parecido com Moby com seus beijos molhados com cheiro de pinho.

Dan esperou que Damian tirasse as mãos dos pés de Jenny, se levantasse, vestisse uma camisa e falasse com ele em particular, como um homem.

Então tá.

Mas Damian ficou onde estava.

- Qualquer coisa que precisar dizer pode ser dita na frente de Lloyd e de sua irmã mais velha. Somos todos uma família, né?

Irmã mais velha?

A mão livre de Dan se fechou em um punho suarento.

- A Jenny não é minha irmã mais velha - sibilo ele. - Vou fazer 18 daqui a duas semanas. Ela vai fazer 15 em julho.

- Muito obrigada! - reclamou Jenny.

Os olhos de Damian e Lloyd saltaram um pouco, mas eles não disseram nada. Depois Lloyd abriu um sorriso.

- Bom, pelo menos ela não é casada.

Damian deu uma cotovelada nas costelas dele.

- Vou cuidar disso. - Ele pegou uma garrafinha de Stolli do bolso de trás e tomou um gole. O cabelo louro-arruivado estava mais curto do que apenas há uma semana, e cortado com mais estilo.

Talvez porque tivesse sido cortado por Sally Hershberger ontem?

- Dan - continuou Damian. - Você foi um vocalista de merda no sábado passado. E você vomitou praticamente no palco. Depois ficou com a minha mulher.

Mulher?

O estômago de Dan desabou. Monique nunca disse nada sobre ser *mulher* de alguém. Ele teve um impulso repentino de tomar um banho frio muito longo.

- Estamos meio separados - esclareceu Damian.

Ah, bom, isso é um alívio.

- Eu respeito suas letras, tá? - disse Damian solenemente. - Mas não estou sentindo o amor.

Dan desviou os olhos para os outros convidados da festa - visões de frieza e sofisticação, usando roupas de grife, bebendo satisfeitos seus martinis com ovo e comendo *shu mai* de camarão e macarrão de arroz, o cabelo tão brilhante e cortado por Sally Hershberger quanto o de Damian. Dan usava veludo cotelê da Old Navy e cortou o cabelo no Supercuts há um ano. Ele gostava de café instantâneo e cachorro-quente comprado na rua. Ele gostava de ir para casa à tarde e rir do noticiário local com o pai. O quarto dele tinha carpete marrom de uma parede à outra, que ele na verdade meio que gostava. Ele só tinha dois pares de sapatos. Ele nunca quis ser um astro do rock.

- Vem, Jenny, vamos para casa. - Ele estendeu a mão sinistra para a irmã mais nova.

Jenny olhou para ele. Será que ele estava maluco? Os caras dos Raves nem ligavam que ela só tivesse 14 anos. Ela definitivamente ia ficar.

- Você vai para casa - desafiou ela.

Dan acenou a mão suada para ela.

- Podemos pegar um táxi. Eu pago.

Jenny se encolheu, afastando-se dele, as costas apertadas no peito de Lloyd.

- Por favor, não seja idiota, Dan - pediu ela, dispensando-o. - E não diga nada ao papai. Cuido dele sozinha.

- Legal. - Dan enfiou as mãos nos bolsos. Ele tinha a sensação de que Jenny meio que queria ter problemas com o pai deles, mas ele não ia dizer a ela. Ela estava se saindo bem sozinha no departamento de encrencas. - Se acha que vou te dar qualquer um dos meus poemas, pode esquecer.

Damian ergueu as sobranceiras, Lloyd revirou os olhos, e Jenny chutou o sofá branco com os pés descalços - como se todos estivessem totalmente entediados com a pequena tirada de Dan. Do outro lado da sala, Monique estava comendo macarrão direto da travessa com dois hashis laqueados de marfim. Uma garota de jaqueta bolero branca bordada, que parecia um pouco com a Chloe Sevigny, trançava os cabelos longos e cor de mel de Monique enquanto ela comia.

- Diga a sua mulher que eu disse adeus - grunhiu Dan para Damian. Ele hesitou, dando a Jenny a última chance de sair com ele, mas ela se virou no colo de Lloyd de forma a dar as costas para ele.

- Tchau, Dan - disse ela, parecendo que estava louca para que ele fosse embora.

Dan desceu a escada de mármore e foi para a Bedford Street, sem saber se ria ou chorava. Era meio um alívio saber que nunca teria que cantar num palco de novo. Ele podia ir para a faculdade, ser um cara normal, ter uma namorada normal e uma vida normal. O que quer que isso significasse.

verdade ou consequência

Blair continuava no banheiro, preparando-se para fazer sua entrada, deixando Vanessa para trás, perto da cozinha, como uma garotinha tímida de 13 anos enquanto Serena atendia à porta. Vanessa se sentia uma pateta completa com o brilho labial superbrilhante de Blair e uma calça Levis preta stretch que ela parara de usar há um ano porque concluíra que era

apertada demais. Na verdade, ela se sentia uma pateta total e ponto final. Aaron provavelmente seria um esnobe completo que a acharia uma careca gorda e esquisita, assim como Blair sempre achou antes de perder ojuízo e decidir se mudar para a casa dela.

- Oi. - Aaron entrou no apartamento e deu um beijo no rosto de Serena. - Você também mora aqui? - Ele vestia uma camiseta laranja de cânhamo, as calças militares de sempre e chinelos de borracha pretos ecologicamente corretos. Tinha prendido as trancinhas para trás com dois grampos turquesa em forma de coração que roubara do banheiro de Blair, obviamente tentando medir a tolerância de Vanessa com pirados por vegetarianismo dando a impressão de ser o maior de todos eles.

Serena ficou aliviada em descobrir que ela realmente o havia superado.

- Ah, não. Só estou aqui para abrir a porta.

Stan 5 assomou todo louro no corredor, portando duas caixas grandes de pizza nos braços, parecendo um modelo de escola preparatória com um terno cáqui Hugo Boss, uma camisa

rosa Brooks Brothers e gravata Turnbull & Asser listrada de verde e rosa.

- O entregador estava lá embaixo - disse ele, parecendo confuso. - Sem dúvida aqui é diferente – acrescentou ele, deixando bem claro que nunca esteve no Brooklyn a vida toda.

- Oi de novo - disse Serena. - Acho que os dois já se conhecem. - Ela pegou as pizzas e as levou para a cozinha. Stan 5 adejou ao lado de Aaron, os olhos varrendo o pequeno apartamento em busca da garota que o havia convidado.

Estimulada pela visão do ridículo cabelo de Aaron, Vanessa se aventurou a dar alguns passos.

- Oi! - Ela os cumprimentou, querendo não parecer tão animadinha e imbecil. - Meu nome é Vanessa.

Aaron sorriu e ela imediatamente gostou dos lábios vermelhos dele e do modo como os olhos escuros e quase pretos brilhavam como velas. Ele se aproximou e apertou a mão dela.

Ele era magro e um pouco mais alto do que ela. Talvez 1,72m - a mesma altura de Dan -, mas Aaron parecia maior, mais atlético. Ele apontou para os pés dela.

- Ei, esses são os sapatos da Blair, não são? Uma vez meu cachorro tentou comer esses sapatos no café-da-manhã.

- Ela não deve ter percebido. Ela tem uns 800 pares observou Vanessa.

Eles deram uma gargalhada e sorriram um para o outro. Uma sociedade de admiração mútua.

Serena estava prestes a sair e arrastar Blair para fora do banheiro quando ela reapareceu em uma nuvem de perfume Carolina Herrera, os cílios recém-curvados, o cabelo repartido e a cara empoada de bronzeador faiscante num tom rosado. Ela ainda estava com a mesma camiseta preta, mas tinha vestido um sutiã diferente e agora o peito mais parecia tamanho

M do que P.

- Quem quer beber alguma coisa? - perguntou ela, sorrindo timidamente para Stan 5.

- Eu adoraria - respondeu Stan 5. Ele se aproximou e deu um beijo no rosto dela. Ele era mais alto do que ela se lembrava, e mais formal. Mas ele tinha cheiro de Polo for Men, um dos favoritos de Blair.

Blair bateu as pestanas curvadas para ele. *Eu vou seduzir você esta noite*, disse-lhe em silêncio.

Serena não conseguia entender como todo mundo ficou tão estranho. Além disso, eram quase dez da noite - já passara muito da hora de seu jantar. Ela abriu a tampa de uma das caixas de pizza.

- Se importam se a gente comer agora? Estou faminta.

Vanessa e Aaron pegaram uma fatia da pizza vegetariana e um rum com Coca e se sentaram à mesa. Blair repôs seu drinque e deslizou uma fatia de pepperoni para o prato, pensando que ia precisar de energia. Stan 5 pegou duas fatias de pepperoni - obviamente ele também achava que ia precisar dessa energia. E Serena pegou uma de cada, porque sempre foi comilona.

- Por que não fazemos um jogo ou coisa assim? – sugeriu ela depois que eles se sentaram em volta da mesa. Normalmente ela não teria ligado, mas agora ela faria qualquer coisa para evitar que eles ficassem sorrindo um para o outro daquele jeito tão... mongol.

Blair deu uma dentada enorme na pizza e a engoliu com um gole de vodca com tônica.

- *É!* - concordou ela, praticamente gritando. – Verdade ou consequência!

Serena futucou a pizza. Desde que ela ficasse com as consequências do jogo, tudo bem.

Aaron dobrou sua fatia de pizza na metade e deu duas dentadas enormes. Vanessa gostou do modo como as orelhas lindinhas dele se mexiam quando ele mastigava.

- Vou começar - apresentou-se ela, limpando a boca num guardanapo de papel. -

Consequência.

Blair apontou a pizza para ele. Rodelas grandes de pepperoni se assentavam por cima do queijo gorduroso.

- Essa é fácil. Eu te desafio a comer isso.

Aaron revirou os olhos.

- De jeito nenhum. Verdade, então.

Blair tentou pensar em uma boa pergunta para fazer a ele, mas Vanessa foi mais rápida.

- Você acredita em amor à primeira vista? - Ela mantinha os olhos na pizza, escolhendo as florezinhas verdes de um pedaço de brócolis para não corar de vergonha por fazer uma pergunta tão totalmente brega como essa.

A perna de Aaron pareceu vagar um pouco na direção dela até que o joelho de sua calça militar roçou muito levemente os jeans de Vanessa. Ele levantou o resto da pizza e a baixou

novamente sem dar uma mordida.

- Mas é claro que sim - declarou ele, os lábios vermelhos e finos se abrindo num sorriso largo com seus dentes brancos e retos. - E exatamente neste momento.

Blair cutucou o pé de Vanessa por baixo da mesa e toda a cabeça de Vanessa ficou da cor do uniforme marrom de lã da Constance Billard.

- Eu te disse - falou Blair, fez com a boca num deleite silencioso. Ela pegou um pedaço de pepperoni de sua fatia e o colocou na boca.

- Agora sou eu. Consequência.

Todo mundo tentou pensar em uma das boas. O problema das consequências era que elas sempre eram uma coisa boba. As verdades eram sempre mais interessantes.

Não necessariamente.

- Eu te desafio a me beijar - disse Stan 5 em voz baixa, empurrando a cadeira para dar acesso a Blair. - Por cinco minutos.

Mas que coisa mais de oitava série.

- Tudo bem. - Blair se levantou e empurrou o cabelo para trás das orelhas. Será que ele pensava que ela não ia beijá-lo a não ser que ele a desafiasse? Bom, mais tarde ela pretendia fazer muito mais do que isso. Ela se empoleirou no joelho dele e passou os braços pelo pescoço de Stan 5. Uma gota de molho de pizza tinha ficado no canto da boca dele, e porque Blair havia bebido meio demais e comido a pizza meio rápido demais, a visão da gota a fez recuar. Ela fechou os olhos e sentiu o cheiro de Polo for Men.

- Alguém comece a cronometrar - orientou ela.

Ela colocou a boca na dele, tentando relaxar e entrar na onda, mas era difícil, em especial diante de uma platéia. A boca de Stan 5 era salgada, desconhecida e estranhamente molhada. Ela estava prestes a se afastar, só para tomar fôlego, quando se lembrou da vez

em que ela e Nate estavam em uma competição de beijo em uma festa na casa de Serena no final da oitava série. Eles foram para o closet de Serena, e Serena ficou do lado de fora e cronometrou enquanto eles se agarravam. Durou 47 minutos, mas a verdade era que eles não estavam realmente se beijando o tempo todo. Eles estavam sussurrando com tanta suavidade com os lábios unidos que era quase como se estivessem se beijando enquanto conversavam, e vice-versa. O que era verdadeiramente mais romântico.

- Tempo esgotado - disse Aaron.

Blair se afastou de Stan 5. Pensar em Nate enquanto o estava beijando fez com que os lábios dele tivessem um gosto muito melhor.

- Eu podia ter ficado mais tempo - declarou ela, escorregando do colo dele. Ela se sentou em sua cadeira e secou o copo de bebida. - Você é o próximo - disse ela a Stan 5.

Verdade
ou conseqüência.

- Verdade.

Blair tentou pensar em alguma coisa picante para perguntar a ele, mas só o conhecia no contexto de Yale.

- Se seu avô não fosse do conselho de Yale, você teria ido para outra universidade?

Stan 5 deu um pigarro e afrouxou a gravata de listras verdes e rosa. O pescoço dele ficou vermelho.

- A verdade? - perguntou ele. Ele olhou para Blair e passou a mão no rosto. - Não vou para Yale - disse ele em voz baixa. - Eu não entrei.

Ninguém disse nada. Blair sentiu a bile subir pela garganta. Ela empurrou a cadeira para trás e se lançou pela sala a caminho do banheiro.

Serena deu o sorriso frio de foda-se de sua mãe para Stanford Parris V.

- Eu te desafio a ir embora agora - disse ela com simpatia.

Stan 5 deu de ombros, como se não achasse aquilo grande coisa.

- Ela vai ficar bem?

Até parece que ele realmente ligava.

- Ela vai ficar ótima - garantiu-lhe Serena.

- Tem um ponto de táxi ali na esquina - informou-o Vanessa, tonta demais para entender o que estava rolando.

Stan 5 se levantou e apertou a gravata. Serena o acompanhou até a porta.

- Obrigada pela pizza - disse ela de forma pouco convincente antes de se afastar.

Os dedos de Vanessa e Aaron se tocaram embaixo da mesa.

- Verdade ou conseqüência? - sussurrou ela.

- Verdade - respondeu Aaron.

- Acha que devo deixar meu cabelo crescer?

Aaron se curvou e deu um beijo rápido na boca de Vanessa.

- De jeito nenhum.

Serena foi ver como estava Blair, esperando encontrá-la de joelhos diante da privada, onde a encontrou inúmeras vezes. Em vez disso, Blair estava esparramada nua na banheira,

coberta de bolhas verdes Vitabath, uma toalha molhada dobrada sobre os olhos, parecendo uma rainha do teatro esgotada.

- Não sei no que eu estava pensando - gemeu Blair, virando a cabeça para Serena. Ela estava tão irritada com Nate e queria tanto ir para Yale, e Stan 5 dera a impressão de que ela não teria com que se preocupar...

Serena tirou os sapatos e enrolou os jeans. Depois sentou-se na beira da banheira e mergulhou os pés na água.

- Nem eu. - Ela passou as unhas com esmalte rosa por baixo, das bolhas, desafiando a si mesma a contar a Blair sobre o ingresso em Yale no ano seguinte.

Blair estendeu a mão cegamente e estourou uma bolha grande no rosto de Serena.

- Eu te desafio a entrar aqui comigo.

Serena riu e começou a desabotoar os jeans. Elas podiam conversar sobre Yale em outra hora.

Na sala, as coisas estavam igualmente quentes.

- É isso o que a gente deve fazer quando está prestes a se formar no ensino médio? - perguntou Vanessa, ajudando Aaron a tirar a camiseta laranja e fina. Ela o beijou do pescoço até os lábios finos que ela amou no momento em que viu.

- Quer dizer fazer amizade com a garota mais cretina e mais consumista da turma e depois se agarrar com o meio-irmão dela? - respondeu ele com franqueza, depois riu. Não sei bem. - Ele passou o dedo pelo restolho de cabelo no alto da cabeça de Vanessa. - Acho que a essa altura estamos todos prontos para experimentar coisas novas. Imagino que sim!

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

NASCE UMA ESTRELA E ELA NÃO DÁ A MÍNIMA

Lembra de alguns meses atrás, quando uma certa cineasta gênio de cabeça raspada do Brooklyn ganhou o concurso de cinema da escola dela? O prêmio era uma viagem ao Festival de Cinema de Cannes para competir pelo prêmio de Cineasta Revelação. Qualquer garota normal teria saído pra comprar o vestido certo, os sapatos certos, fazer o corte de cabelo certo, conseguir o acompanhante certo, assim que descobrisse que tinha vencido. Ela estaria contando os dias que faltavam para ir. Ganhar o prêmio seria como ser rainha por um dia. Mas a nossa amiga cineasta-gênio nem liga. Ela deixou toda a coisa para lá, e o mestre de cerimônias do festival e cineasta independente Ken Mogul teve que receber o prêmio em nome dela, chamando-a de "a voz mais original no cinema desde Charlie Chaplin". Não era necessariamente um elogio, uma vez que Charlie Chaplin fez filmes *mudos*. Ainda assim, não é todo dia que milhares de celebridades com roupas fabulosas ficam de pé para te aplaudir. A maioria de nós queria estar lá. Uma coisa é certa, ela não está nem aí para as roupas e a fama - uma coisa impossível de entender!

AGORA, SOBRE O FILME DELA...

Lembra do mês passado, quando a mesma cineasta de cabeça raspada andou pelo parque, entrevistando qualquer um do terceiro ano que estivesse disposto a falar sobre para quais universidades tinha entrado ou não e como a vida deles era um saco ou não era um saco? Bom, adivinha que filme ganhou o prêmio de Revelação em Cannes? Algum de nós se atreveria a mostrar a cara na França de novo?

Seu e-mail

P: Cara GG,

Eu estava na lista de espera de Yale e recebi uma carta deles hoje de manhã. Uma carta de rejeição. Soube que ninguém saiu da lista de espera porque todo mundo que se candidatou acabou se matriculando. Que péssimo para mim.

- dum-dum

R: Cara dum-dum,

Você não é uma dum-dum por não ter entrado. Sua conselheira acadêmica não teria deixado você se candidatar se não achasse que você tinha uma chance. Conheço um monte de gente loucamente inteligente que não conseguiu, e alguns dum-duns que entraram. De qualquer forma, isso significa que todo mundo que estava na lista de espera terá uma resposta esta semana? Imagino que vamos descobrir logo...

-GG

P: Querida GG,

Por favor, me diga como conquistar o coração do cara que eu amo. Ele está deprimido porque o pai dele não o deixa sair de casa, porque ele está sendo castigado por um crime. Mas eu o amo e preciso vê-lo, ou vou morrer.

- triste

R: Cara triste,

Pelo que soube, seu primeiro idioma não é o meu. Me deixa colocar em termos simples: talvez o cara em questão não esteja na sua como você está na dele, *n'est ce pas?*

-GG

Flagras

B e **S** no **Five and Dime** em **Williamsburgh** em uma noite de cinema, bebendo cosmos e dublando **Audrey Hepburn** em *Charada*. **V** e **A** no salão **Mousy Brown** em **Williamsburgh**. Não me diga que ele vai raspar a cabeça para combinar com a dela! **K** e **I** fazendo placas laminadas de PROIBIDA A ENTRADA DE MENINOS em um **Kinko's** do Upper East Side. Que tolinhas, elas não sabem que estão *procurando* encrenca? Uma francesa de cabelo escuro num poncho **Prada** de franjas e mocassins **Fendi** subindo pelas paredes da casa de **N** no East Side. Ele sem dúvida tem uma tendência a atrair malucas. **J** e o resto dos **Raves**, no teto da casado vocalista, cantando aos berros no meio da noite- da

noite de *sábado*, quer dizer. Adivinha quem passou o fim de semana todo numa festa na casa de um certo astro do rock? Agora aí está uma garota que nasceu para a fama. Será que ela está mesmo *tentando* colocar a cara nos jornais, ou isso é natural nela?

Agora temos assunto para conversar na escola na segunda-feira - como se nos faltasse alguma coisa para falar!

P.S.: Na noite de quinta-feira acontecerá o há muito aguardado Cruzeiro Beneficente dos Archibald para os Hamptons. Não se esqueça de levar seu colete salva-vidas com o monograma da LouisVuitton!

Pra você que me ama,
gossip girl

um cérebro é uma coisa terrível

Na terça de manhã, enquanto Jenny estava passando delineador preto Chanel nas sobrancelhas para dar um efeito esfumado de quem não dormiu que combinava perfeitamente com os novos e enormes óculos de sol Gucci cor-de-rosa que daria inveja a todo o primeiro ano da Constance Billard, seu pai bateu na porta e anunciou:

- Hoje você não vai à escola, menina.

Jenny baixou o delineador e abriu a porta.

- Como assim? Por que não?

Rufus usava um boné dos Mets tamanho infantil que comprou para Dan quando o filho tinha 8 anos. Parecia um solidéu em cima de um ninho de cabelo grisalho rebelde. Ele também estava usando calças de algodão listradas de azul e branco com elástico na cintura que pareciam exatamente calças de pijama.

- A Sra. M e eu tivemos uma conversinha ontem à noite - disse Rufus a ela.

Epa.

Jenny puxou o uniforme listrado supercurto da escola.

- Como assim? - perguntou ela inocentemente, embora soubesse muito bem o que viria pela frente.

Rufus ignorou a cena de Srta. Eu-não-fiz-nada de Jenny.

- Ela praticamente fez uma ameaça. Ou você repete o primeiro ano, ou no ano que vem vai ter que ir para outra escola.

Jenny resistiu ao impulso de se atirar ao pai e sufocá-lo num abraço de urso. Ela ia para um colégio interno! Estava mesmo acontecendo!

Não tão rápido, mocinha.

- Eu *não* venho para cá - insistiu Jenny antes que o táxi sequer parasse.

- Isso é o que você pensa - grunhiu o pai dela. Ele pagou a corrida e abriu a porta. - Vinde, Vossa Azedumeza. Vamos dar uma olhada.

Eles encostaram diante do Sloan Center for Bright Minds, uma escola hippie experimental em um prédio largo de três andares que parecia um tédio em Flushing, no Queens. Ficava a quilômetros de distância de Manhattan e não era nada parecido com os prédios de tijolos aparentes do internato dos sonhos de Jenny. No caminho, Rufus passou

um folheto do Sloan Center para ela, que deu uma olhada. Não havia código de vestimenta, o almoço era orgânico e vegetariano, todos os alunos tinham cabelos sebosos e acne e nenhuma das professoras usava terninho Chanel. Em outras palavras, Jenny já odiava.

Uma placa gigantesca de paz os recebeu enquanto eles passavam pelas portas de carvalho natural cultivado biodinamicamente da escola. A placa de paz estava pendurada no teto da entrada, girando sem parar na brisa criada pela roda d'água construída por um aluno ao pé da escada. Água pura de primavera caía em cascata de um canal de bambu no meio da escada, alimentando a roda.

- Nosso alunos mais velhos construíram a roda d'água no inverno passado – explicou Calliope Trask, a diretora da escola, no início da visita dos dois. - Em janeiro de todo ano, temos o que chamamos de Trabalho de Inverno. Não é nada acadêmico e os alunos se concentram em construir alguma coisa funcional com as próprias mãos. No ano anterior, fizemos um viveiro de galinhas com vinte animais, bem aqui na nossa academia de ginástica. Tivemos tantos ovos que fizemos uma liquidação de ovos e levantamos o dinheiro para comprar tapetes de cânhamo para a soneca de nossos pré-escolares!

Que máááximo!

O cabelo de Calliope Trask caía numa trança grisalha até o traseiro e ela usava um vestido de linho amarelo-mostarda Eileen Fisher que fazia maravilhas por seus pêlos pretos nos sovacos. As pernas também não estavam raspadas, e pêlos pretos e eriçados da perna se prendiam entre as tiras no tornozelo dos sapatos Earth de lona bege.

- Esses óculos de sol são maravilhosos. - Ela apontou para os enormes óculos Gucci cor-de-rosa que escondiam os olhos castanhos de Jenny. - Mas na Bright Minds não permitimos etiquetas de grife, nem logotipos em roupas, nem qualquer tipo de acessório. Antes que Jenny pudesse sequer dizer, "Que porra é essa?", Rufus tinha tirado os óculos da cara dela e os enfiado no bolso do casaco cinza de moletom.

- Assim está melhor.-Agora podemos ver seu lindo rosto - exclamou Calliope, enquanto Jenny a encarava com ódio.

Ela seguiu Calliope e o pai pela escada, tentada a dizer aos dois para pegar os tapetes de cânhamo do Sloan Center for Bright Minds e fumá-los enquanto ela fugia para a República Tcheca para morar com a mãe maluca, egoísta e negligente. Os Raves podiam fazer uma turnê pela Europa Oriental e ela podia comprar todos os Gucci que quisesse por metade do preço no mercado negro.

Eles chegaram ao segundo andar e Calliope abriu a porta para uma das salas de aula.

- Nossas turmas têm alunos de idades variadas e são divididas em "pacotes" com o nome de espécies ameaçadas das Galápagos. Jennifer, você está em um dos pacotes de 13 a 15 anos. Vou levá-la à área onde o pacote da Tartaruga-gigante está reunido para o trabalho desta manhã e depois deixar que sua monitora assumo.

O chão da sala de aula era coberto de areia, as paredes eram revestidas de varas de bambu e o teto tinha folhas de palmeira. NÃO FUME estava escrito em uma placa enorme pintada à mão, no alto.

Jenny nunca foi muito de fumar, mas estava morrendo de vontade de acender um cigarro. Ela puxou o cardigã branco Miss Sixty e revelou um lindo crocodilo Lacoste marchando pelo peito esquerdo da nova blusa rosa, dada a ela por Lloyd Collins, dos Raves. Qualquer coisa para evitar se tomar uma Tartaruga-gigante.

- Hakuna matata, Srta. Calliope - uma menina gorducha que vestia o que parecia um biquíni de pele de cabra os recebeu.

- Hakuna matata, Cherisse - respondeu Calliope com um sorriso. - O pacote da Tartaruga-gigante está explorando a Namíbia, na África, esta semana - disse ela a Jenny e Rufus, como se isso explicasse tudo. Jenny olhou o resto das Tartarugas-gigantes – cinco meninas gorduchas de cabelo seboso e dentes tortos e três meninos magrelos cheios de espinhas e de óculos - todos vestidos numa roupa de pele de cabra que podia ter estilo se tivesse sido desenhada por Stella McCartney em vez da Hippies R Us. Estavam de pé numa roda, de mãos dadas, enquanto entoavam um canto ritual da Namíbia.

Até Rufus ficou meio assustado.

- Vocês têm alguma informação sobre para que universidade vão os alunos formados aqui? - perguntou ele, parecendo muito os pais das colegas de turma de Jenny na Constance Billard. Embora nunca admitisse isso, Rufus era mortalmente sério com relação a toda a história de admissão na universidade e quase tinha aberto todas as cartas de aceitação de Dan antes que ele sequer chegasse da escola. Ele podia ser um anarquista, mas acreditava fortemente na educação formal.

Calliope franziu a testa.

- Procuramos ao máximo manter nossa escola não-competitiva. Nossos alunos são estimulados a tirar um tempo livre e explorar o mundo. Sair da grade. Depois que concluem o chamado deles, podem ou não procurar por treinamento adicional.

Sei lá que diabos isso significa.

- Eu soube que você é artista. - Cherisse sorriu para Jenny com os dentes amarelos e tortos. -Vem, vou te mostrar nosso mural. É feito inteiramente de esterco de corça. Rufus segurou a mão de Jenny de forma protetora enquanto Cherisse os levava para um mural bizarro de elefantes e zebras pinoteando na relva. Cherisse mergulhou a mão em uma tigela de argila no chão e passou uma coisa marrom no dorso de um dos elefantes. Rufus balançou a cabeça, cansado, e puxou Jenny para uma mesa no canto da sala, onde se sentou. Ele adorava a *idéia* de uma escola alternativa, mas no fundo queria que a filha se formasse em Berkeley ou Columbia, e não vagasse pelo mundo pintando murais com cocô de alce.

Jenny se sentou de frente para ele e pegou um vidro de esmalte de unhas Chanel Vamp da bolsa DKNY rosa.

- E aí, por que estamos aqui mesmo? - perguntou ela. Ela abriu o vidro e começou a pintar as unhas.

Rufus ajeitou o boné de beisebol e esfregou os olhos turvos, parecendo precisar de mais seis horas de sono e mais três xícaras de café.

- Olha, Jen - disse ele com sinceridade. - Você não pode ficar transando com astros do rock em hotéis e mentir para seu pai o tempo todo. Mas quero que você seja feliz. O que *you* quer fazer?

Jenny recolocou a tampa no vidro de esmalte e o devolveu para a bolsa. Ela sabia que o pai não ia gostar do que ela estava prestes a dizer, porque ele no fundo adorava ter uma casa cheia de crianças malucas para constrangê-lo e enfurecê-lo. Mas a única forma de ela desistir da carreira de tiete dos Raves era ir para uma escola fora da cidade, onde as oportunidades de aventura eram ilimitadas. Olha só, ele mesmo disse isso: ele quer que ela seja feliz.

Do outro lado da sala, Calliope Trask ajudava os Tartarugas-gigantes a passar esterco de corça no mural, no estilo Jackson Pollock.

Jenny olhou para o querido pai com os olhos castanhos esperançosos, a boca vermelha formando um coração ao murmurar nove palavras melódicas:

- *Pai, posso ir para um colégio interno, por favor?*

um pequeno lembrete

Caras Veteranas da Constance Billard,

Vocês não precisam ser lembradas, mas o Fim de Semana de Spa das Veteranas começa amanhã! Queríamos que soubessem como estamos animadas! E para garantir que estejam vestidas adequadamente para a viagem de barco, temos essas incríveis camisetas de manga comprida Fim de Semana de Spa das Veteranas só para vocês na Three Dots.

Agora, lembrem-se, somos convidadas dos Archibald. Vamos tentar nos comportar como damas. Mas assim que chegarmos à casa dos Coates - vale tudo!

Mal podemos esperar - veremos vocês amanhã!

Com amor,

Suas colegas de turma, Isabel e Kati

vista aérea

Estava uma tarde perfeita para velejar. O sol estava quente e a brisa era fria. O céu era azul profundo, e a água estava tranqüila. Mesinhas redondas com toalhas de seda nas cores do *Charlotte* - ouro e azul - se espalhavam pelo convés, com um vaso de mármore pesado cheio de velas flutuantes no meio de cada uma delas. Na proa do iate, um homem de smoking branco tocava contrabaixo, enquanto uma mulher gorda em um mumu vermelho cantava impecavelmente músicas de Nina Simone. Os moradores dos endereços mais elegantes do Upper East Side apertavam seus coquetéis e conversavam, vestidos na mais recente moda para férias de alta costura comprada em Cannes e St. Barts. Atrás deles, a silhueta da cidade ficava cada vez menor à medida que seguiam para Long Island Sound e Sag Harbor.

- E como está *mesmo* o seu filho? - perguntou a Sra. Bass à Sra. Archibald, as sobrancelhas pretas finas como lâminas reunidas de preocupação. Um colar de diamantes pendia pesado do pescoço bronzeado de Cap d'Antibes enquanto o *Charlotte* subia e descia nas ondas, as velas brancas ondulando.

- Eu soube que ele se meteu em problemas novamente. Não são... *drogas*, não é? - arriscou-se ela, ansiosa para saber da última fofoca.

- Nate está ótimo. - A mãe de Nate se eriçou, os cantos dos lábios pintados de vermelho virando desafiadoramente para baixo. - Está em casa, estudando - mentiu ela, recusando-se a admitir que Nate estava de castigo por ter roubado o barco da família. - Chuck está animado com a academia militar?

Misty Bass virou o resto do uísque goela abaixo. Chuck tinha o próprio apartamento e ela viajava muito ultimamente, então a verdade era que ela não o via há algum tempo.

- Ah, sim - respondeu ela vagamente. Ela olhou em volta, procurando pelo garçom de coquetel. - Gostaria que esses copos não fossem tão pequenos.

- Ah, Misty! - disse Eleanor, atirando os braços no pescoço da velha amiga. - Você devia ver a villa na Toscana que comprei para Cyrus. Tem um web site e tudo!

A estibordo, as filhas mais velhas dos convidados se apertavam em grupos fechados, usando a camiseta de mangas compridas do Fim de Semana do Spa das Veteranas, escondendo-se dos pais e fingindo que suas cocas não estavam malhadas com rum.

- Nem acredito que Nate Archibald não veio à própria festa - reclamou Isabel Coates.

- Isso porque nós dissemos que era proibida a entrada de meninos, sua idiota - respondeu Kati Farkas, pensando que pela primeira vez ela parecia mais inteligente do que a melhor amiga.

- Não seja ridícula - zombou Isabel. - Os meninos podem entrar no barco, só não podem entrar na minha casa para o Fim de Semana de Spa.

Dãããã.

- Ah - respondeu Kati, como se só agora tivesse entendido.

- Mas onde ele está?

As duas meninas encararam Lexie. Ela ia à L'École, não à Constance Billard, O que significava que ela *não* foi convidada para o Fim de Semana de Spa das Veteranas. Além disso, todo mundo sabia que a mãe dela e a mãe de Nate foram colegas no internato católico na França e se odiavam totalmente. Então o que é que Lexie estava fazendo a bordo do *Charlotte*, vestida numa túnica Missoni de gola baixa que as duas desejavam mas nunca encontraram, nem online, o cabelo comprido e preto em tranças feito uma espécie de Heidi hippie francesa?

- O Nate está de castigo - Blair as informou, embora não tivesse falado com Nate desde o encontro no Plaza. Ele não está aqui. - O Sr. Archibald era tão durão, é claro que Nate estava de castigo. Ela balançou as sandálias Prada bege de salto 9 e chupou a cereja de seu copo vazio de coca, sentindo-se extremamente orgulhosa de si mesma por não arrancar os olhos de Lexie, porque a verdade era que ela podia falar de Nate sem sentir falta dele.

Ah, é, então fica combinado assim.

Serena passou outra coca batizada para Blair.

- Não tenho tanta certeza disso. - Ela era de opinião de que Nate nunca perderia o cruzeiro dos pais aos Hampton mesmo que *estivesse* de castigo, e que ele estava escondido em algum lugar no barco.

- O Nate não tem criatividade - contra-atacou Blair, lendo os pensamentos de Serena. - Se estivesse aqui, nós saberíamos.

- O Nate é perfeito - grunhiu Lexie, dando um tapa no baseado. Nenhum dos adultos a bordo pareceu perceber que ela estava ficando chapada no convés, talvez porque ela fosse francesa e vestisse Missoni.

Blair revirou os olhos e deu as costas para a idiota francesa. Ele podia ter sido o único cara que ela amou na vida, mas qualquer uma que achasse Nate Archibald perfeito era uma completa imbecil. Ela observou o meio-irmão Aaron correr pelo convés para levar mais rum com Coca Light para Vanessa, a cabeça recém-raspada para combinar com a dela. Aaron mal conhecia Nate e definitivamente não fora convidado, mas, hoje em dia, onde quer que Vanessa fosse, ele ia também. Se os dois não fossem tão *nada* lindinhos, seriam quase o casal mais lindinho do mundo.

De repente Serena sentiu alguém puxando sua camiseta rosa do Fim de Semana de Spa.

- Oi – disse Jenny, parada na ponta dos pés para dar um beijo no rosto dela. Elise estava ao lado e as duas usavam as camisetas do Fim de Semana de Spa das Veteranas e óculos de sol rosa Gucci combinando. - Você não vai entregar a gente, vai?

Serena tinha de admirar a audácia de Jenny. Ela parecia especialista em ser inoportuna. Ela pôs os dedos nos lábios.

- Eu não vou entregar - prometeu ela, embora houvesse apenas quarenta meninas em toda a turma do terceiro ano, então é claro que alguém ia perceber as duas calouras que não foram convidadas.

Jenny sorriu e depois arrastou Elise convés abaixo para pegar uma garrafa de champanhe e Deus sabe o que mais. Sem dúvida as duas meninas iam ficar muito mais inoportunas à medida que a noite progredisse.

- Sinceramente, eu desisto - Dan suspirou enquanto via a irmã e a amiga desaparecerem em uma agitação de rosa-chiclete. Ele também não tinha sido convidado, mas grudou em Jenny para ter certeza de que ela não ia fazer nada de ilegal. Ele se apoiou na amurada e acendeu um Camel, esperando pacientemente que Vanessa notasse a presença dele. O cheiro familiar de fumaça de Camel vagou pelas narinas dela e Vanessa girou e viu Dan sorrindo timidamente para ela, o cabelo desgrenhado e solto, a calça de veludo cotelê ferrugem ondulando ao vento. Era tão improvável que um deles estivesse no iate para os Hamptons, ou que ela realmente estivesse usando a camiseta cor-de-rosa, que ela explodiu numa gargalhada.

- O que é tão engraçado? - perguntou Dan. Vanessa agora parecia tão feliz que ele ficou meio triste por saber que nada tinha a ver com ele.

Aaron voltou com a bebida de Vanessa e uma cerveja para ele. Quando viu Dan e Vanessa conversando, de imediato passou a cerveja a Dan.

- Vou pegar outra - disse aos dois, adaptando-se.

Dan não acreditou - os dois estavam com a *cabeça* igual.

Vanessa só ficou parada ali com um sorriso bobo na cara, esperando que Aaron voltasse. Sua felicidade era enfurecedora, até para ela.

- Desculpe - disse ela a Dan. - Não sei o que está havendo comigo.

Dan tomou um gole da cerveja e apontou para a boca de Vanessa.

- Isso aí é *brilho labial*? - perguntou ele, num misto de surpresa e diversão. Vanessa riu.

- Nars Sticky Toffee Pudding, para ser exata. Peguei emprestado da Blair.

Eles se encararam, cada um deles esperando que o outro lançasse uma crítica sobre como a festa era uma exibição revoltante de riqueza e futilidade. Mas a verdade era que os dois estavam ali pelo mesmo motivo. Apesar do fato de terem passado anos tentando se destacar, essas pessoas eram colegas deles, e apesar de todo o desprezo e desdém, eles na verdade gostavam de estar incluídos na diversão.

A bola laranja que era o sol desceu para trás de um trecho horizontal de nuvem. A água estava verde-brilhante e lisa como vidro. Aaron voltou com sua cerveja e deu um beijo distraído no rosto de Vanessa.

- Você está linda - disse ele a ela em voz baixa.

Dan se perguntou se ele um dia chegou a dizer a Vanessa que ela estava linda, mas era meio tarde demais para arrependimentos.

- Fez um bom trabalho sendo tocado para fora da banda - zombou uma irritante voz conhecida. Chuck Bass andava na direção de Dan vindo da proa do barco, parecendo

bêbado e meio marejado num estranho traje de marinheiro azul-bebê de linho com as pernas das calças enroladas até os joelhos, a macaca branca pendurada no ombro, obviamente com pavor de cair na água.

Chuck era tão desagradável que não tinha sentido ficar irritado com ele. Além disso, Dan estava *superfeliz* em ser um cara normal de novo em vez de um astro do rock. Ele ofereceu a mão ao colega de turma que paparicava macacas e deu um sorriso sincero.

- Obrigado, cara.

- Os Raves já eram, cara. - assinalou Aaron. - Eu dou um disco para eles e depois eles acabam.

- É isso aí. - Chuck apertou a mão de Dan, como se eles fossem eternos amigos. - E aí, para onde vai no ano que vem afinal, filho?

Filho?

Os Raves eram uma banda de Nova York, e Dan soube que Chuck ia para a academia militar em algum lugar ao norte de Nova Jersey. Seria bom ficar o mais distante possível dos dois.

- Evergreen - anunciou ele, como se sempre soubesse disso. - Fica no oeste, no estado de Washington.

- Legal. - Chuck bocejou, já entediado com a conversa. - Alguém aí viu a Serena? Soube que ela estava namorando um patrocinador de Yale de 85 anos. Que piranha.

Vanessa bufou de desgosto e deixou os meninos com seus assuntos enquanto ia procurar Blair e Serena. Ela precisava de um tempo de mulherzinha para combinar com a camiseta cor-de-rosa.

O resto das colegas de turma estavam espremidas perto da proa, meio ouvindo a música enquanto seguravam a amurada e tentavam não vomitar nas ondas espumantes de Long Island Sound. O sol estava menos intenso agora e a brisa havia se adensado. Algumas meninas cobriam os braços com moletons cinza azul-royal e ouro pegos emprestados com a tripulação do *Charlotte*, mas a maioria dos passageiros estava alegrinha demais para sentir frio. Atrás delas, a silhueta de Manhattan subia, descia e brilhava como um paraíso de prata em miniatura dentro de um globo de cristal Tiffany.

Serena e Blair estavam apertadas em um almofadão azul e dourado na base de um dos mastros, dividindo uma garrafa de Heineken.

- Nem acredito que estou prestes a me formar. - Serena suspirou e baixou a cabeça no ombro de Blair.

- Graças a Deus - respondeu Blair sem ser sentimental. - Eu só queria saber para que porra eu vou no ano que vem.

Serena se sentou, perguntando-se se devia aproveitar a oportunidade para confessar a Blair que tinha decidido ir para Yale. Mas, vendo que estavam num barco, ela não queria ser atirada no mar.

Vanessa apareceu e baixou a cabeça no colo de Blair.

- Parem de falar mal das pessoas, suas cretinas - disse ela, fechando preguiçosamente os olhos.

- Você precisa de mais brilho labial - observou Blair. Ela pegou um Juicy Tube Lancôme do bolso da saia jeans Earl e pintou cuidadosamente toda a boca de Vanessa.

- Obrigada, mamãe - murmurou Vanessa, ainda de olhos fechados.

Serena riu e encostou a cabeça no mastro. Que engraçado que essa proximidade da formatura de repente tenha conseguido encaixar peças irregulares que nunca ficavam bem

juntas. Talvez ela e Blair fossem para Yale e dividissem um quarto. Elas iam ser damas de honra do casamento de Vanessa e Aaron; elas iam conhecer uns rapazes de fraternidade e se casariam com eles, morariam na mesma quadra na Quinta Avenida, mandariam os filhos para a mesma escola - amigas para sempre.

Mas estava faltando uma coisa. Alguém que sempre foi uma peça importante do quebra-cabeças de seu jeito adoravelmente ferrado e traidor.

- Eu queria que o Nate estivesse aqui - disse Serena.

Blair fechou o tubo de brilho labial e começou a massagear distraidamente a testa branca de Vanessa.

- Às vezes eu me pergunto se ficamos melhor sem ele - confessou ela. Afinal, não foi o Nate a causa de quase todas as brigas que as duas tiveram na vida?

Serena semicerrou os olhos e varreu o convés mais uma vez. Ela procurava por ele em toda parte.

Mas ela nunca pensou em olhar *para cima*.

No alto, bem no alto, acima da cabeça das duas, no topo do mastro, Nate estava espremido no cesto de gávea, observando-as. Era solitário e meio frio ali, mas ele levou seis cervejas e alguns baseados para fazer companhia e, assim que aportassem em Sag Harbor e os pais e os amigos dos pais tivessem debandado para suas mansões nos Hamptons, ele desceria como o Homem-Aranha e surpreenderia a todos.

Dali de cima, as camisetas cor-de-rosa das meninas pareciam quase intercambiáveis. Até a garota careca podia ficar uma gata com algum cabelo. Ele acendeu um baseado novo, de repente sobrepujado pela saudade que sentia delas, porque ele as amava - ele amava a todas elas.

as meninas ficam doidas com uma festinha do pijama só para mulheres

No clima quente, os Hamptons tinham seu próprio cheiro de sal, couro novo, protetor solar e dinheiro. Enormes casas modernas ocupavam grandes terrenos perto de praias de areias brancas, flanqueadas por piscinas e Mercedes 4X4. Meninhas com biquínis Petit Bateau seguiam de *scooter* para tomar sorvete na cidade. Reluzentes cavalos de exposição galopavam elegantemente junto a cercas brancas ao longo da estrada. Como um country clube gigantesco, os Hamptons eram o tipo de lugar onde só quem pertencia ao local realmente *pertencia*.

Mas é claro que todas as nossas meninas pertenciam àquele lugar.

- Contagem de cabeças! - berraram Isabel Coates e Kati Farkas enquanto as meninas do terceiro ano da Constance Billard saíam da frota de carros prateados em frente à casa de veraneio dos pais de Isabel em Southhampton e enchiam o jardim. A casa era uma estrutura moderna de vidro, com um andar em L, projetada por Philippe Starck, com uma praia particular e um heliponto no teto. Na dobra do L havia um jardim contendo uma piscina de lajotas cor-de-rosa muito iluminada e uma casa de jogos em estuque. Em torno da piscina, quarenta espreguiçadeiras de plástico branco, com uma toalha cor-de-rosa do Fim de Semana de Spa das Veteranas no encosto de cada uma delas. Ao lado da piscina, uma tenda branca fora armada, com uma mesa de bufê coberta por uma toalha cor-de-rosa e um bar repleto de guardanapos rosa do Fim de Semana de Spa das Veteranas. Era quase um casamento, só que sem o casamento.

Jenny Humphrey e Elise Wells saíram da fila para evitar a contagem e correram pelo jardim até a casa de jogos.

- Ei - cochichou Rain Hoffstetter de forma estridente para Laura Salmon. Rain e Laura estavam usando chapéus de sol gigantes Kate Spade cor-de-rosa e as abas dos chapéus as faziam esbarrar uma na outra. - O que *elas* estão fazendo aqui?

- Quem? - perguntou Laura Salmon, semicerrando os olhos por baixo do chapéu.

- Sirvam-se de coquetéis e canapés! - gritou Isabel por um megafone, adorando cada minuto de seu papel de chefe. Embora não fosse uma universidade tão boa quanto Princeton, Isabel decidira ir para a Rollins no ano seguinte com Kati para grande consternação dos pais dela - porque a Rollins lhe oferecera o cargo de conselheira em um dos alojamentos das calouras, e seria tarefa dela chefiar todo mundo por ali, inclusive Kati, por todo um ano.

- Tem uma sauna na sala de jogos. Só seis de cada vez, por favor - continuou ela, a boca larga apertada no megafone. - Tem filmes na sala de cinema e a piscina está aquecida, então vocês podem nadar a noite toda se quiserem. Nosso café-da-manhã rico em proteína e energia será às sete horas, e a primeira massagem facial Origins às oito, então vamos precisar de nosso sono de beleza. Tem colchões *queen size* em todos os quartos. Três por cama, meninas - vai ser aconchegante!

O ar zumbia do som de meninas se reunindo no bar ou entrando na casa para fazer guerra de travesseiros nas camas com lençóis de seda ou explorar as bolsas de brinde Origins que só deveriam ser abertas no dia seguinte. Algumas meninas corajosas tiraram a roupa de baixo ou colocaram trajes de banho e dispararam da plataforma de mergulho para a piscina, enquanto as preguiçosas se reuniram na sala de cinema do Sr. Coates e se esparramaram nas poltronas de couro marrom enquanto os créditos de abertura de *O grande Gatsby*, com Robert Redford e Mia Farrow, rolavam na tela enorme.

Blair, Serena e Vanessa sentaram-se na beira da piscina com as pernas balançando na água.

- Isso é divertido - disse Vanessa numa tentativa de ser animada. Ela se perguntou como Serena e Blair mantinham as pernas tão bronzeadas. As dela eram positivamente de cadáver, em comparação.

- Ei, vocês! - Jenny abriu a porta de vidro da casa de jogos e acenou para que elas entrassem. Tinha tirado a roupa e vestia uma toalha, e na cabeça havia um turbante de banho branco com diamantes, uma relíquia estilo Hollywood que a Sra. Coates usava na piscina para evitar que o cabelo molhasse. - Vocês precisam ver a sauna!

Blair não estava exatamente com vontade de ficar com as duas calouras metidas a veteranas, mas não queria desperdiçar a chance de perder uns quilinhos na sauna.

- Tudo bem, mas eu uso o turbante - anunciou ela, liderando o caminho até a casa de jogos. Ela pegou o turbante na cabeça de Jenny e o colocou. Em Jenny, ele parecia ridículo, mas em Blair era meio régio.

Só as verdadeiras divas podiam se safar com turbantes na cabeça.

Jenny passou a cada uma delas uma enorme toalha branca de algodão egípcio e as meninas se despiram completamente, todas fingindo não invejar o corpo pra lá de perfeito de Serena, mas invejando-o mesmo assim. No fundo, cada uma delas esperava descobrir uma celulite secreta que estava escondida por baixo do uniforme em todos esses anos, mas ela era tão magra e perfeita quanto todas temiam.

- O Sr. Coates deve ser um maconheiro daqueles - disse-lhes Serena enquanto tirava a camiseta cor-de-rosa, distraída dos olhares de todas. – É por isso que agora ele só faz dublagem para comerciais em vez de filmes. Ele fumou tanto que nem consegue se lembrar das falas.

- Eu sei - concordou Jenny. - Olha. - Ela abriu a cabeça de um inocente busto de Apolo em mármore e pegou um saco gigante de maconha de dentro dele.

As três veteranas a encararam. O que aquela garotinha Jenny Humphrey estava fazendo desatarraxando cabeças de bustos?

- Não que eu queira - disse Jenny a elas com inocência. - A Elise achou por acidente. De repente a cabeça careca de Aaron passou pela janela e as meninas gritaram, escondendo o corpo nu nas toalhas. Ele parecia ter chegado ali a nado. As roupas estava molhadas e havia sal incrustado no rosto.

Vanessa decidiu se esconder dele por um tempo, só para se divertir.

- Rápido, para a sauna! Agora!

Jenny abriu a porta e elas entraram. A sauna era quase do tamanho do closet de Serena, revestida inteiramente de ladrilhos brancos, com dois degraus para que as pessoas se sentassem. Através do vapor elas podiam distinguir Elise, aninhada em um degrau branco no canto, o corpo enrolado em uma enorme toalha branca e uma longa piteira de prata com um baseado pendurada na boca.

- Elise está ficando chapada - Jenny disse a elas. Ela se içou para o degrau inferior e passou uma garrafa de Poland Spring para Elise. - Ela só fala que ainda está apaixonada por meu irmão.

- Não estou não. - Elise abriu a garrafa e bebeu a água. - Na verdade, estou sim.

- Bom, ele é uma gracinha mesmo - disse Serena, com sinceridade. Ela subiu no degrau de cima e se sentou, cruzando as pernas ridiculamente longas e perfeitas. Se Dan não levasse tudo tão a sério, ela ficaria com ele novamente, sem dúvida. Pelo menos por um dia.

- É mesmo - concordou Vanessa, tomando um lugar no degrau abaixo de Serena. Ela ainda se sentia meio possessiva com relação a Dan, apesar de eles terem terminado. Se alguém podia julgar o fator gracinha em Dan, era ela.

- Eu acho - concordou Blair, esparramando-se languidamente no degrau de baixo. Ela mal conseguia se lembrar da cara de Dan.

Jenny subiu e se sentou ao lado de Serena, abraçando os joelhos.

- É mesmo? - perguntou ela, aturdida.

De repente a porta se abriu e o próprio Dan enfiou a cabeça para dentro. Levou algum tempo até que seus olhos se acostumassem com a escuridão vaporosa. Surpresa, surpresa – o ambiente estava cheio de meninas.

- Venha, entre - resmungou Vanessa na melhor voz de filme de terror. – Estávamos esperando por você.

Dan sorriu timidamente e mordeu o lábio inferior. Ele estava de sunga vermelha e mais nada, e o cabelo estava molhado. Os braços brancos estavam totalmente arrepiados.

- Minha irmã está aqui?

- Estou, mané, e a Elise também está - respondeu Jenny pelo vapor. - Ela ainda é apaixonada por você.

- *Todas* somos apaixonadas por você - proclamou Serena.

Dan se sentou no degrau de ladrilhos brancos ao lado de uma garota deitada de bruços com um turbante branco na cabeça.

- Eu não estou apaixonada por você - disse-lhe a garota. - Eu nem te conheço.

Bom, que alívio.

A porta se abriu de novo e Aaron enfiou a cabeça para dentro.

- Nêssa? - disse ele com doçura, o rosto rosado todo salpicado de areia.

- Aqui - respondeu Vanessa através de uma nuvem de vapor. - Entre e junte-se a nossa festinha. Mas não olhe para todas as outras meninas nuas.

Aaron andou na ponta dos pés pelos ladrilhos com a camiseta marrom de Harvard e o short militar verde cheio de areia e se sentou no colo de Vanessa. Jenny estendeu a mão e virou o botão para aumentar a temperatura do vapor.

Como se fosse preciso.

- Caraca. Isso é divertido mesmo - observou Serena. Ela limpou o suor do lábio superior e se colocou de pé. - Tenho que fazer xixi. Alguém quer alguma coisa?

- Quero, mas não tem nada que *você* possa fazer - respondeu Blair com presunção.

Ela estava tentando se convencer de que a coisa só para mulheres era ótima para ela, mas agora que havia todos esses homens por perto, seus verdadeiros sentimentos tinham vindo à tona. Ela queria que o namorado *dela* aparecesse no vapor e a surpreendesse. Ele ia colocar um anel de diamante no dedo dela, cobrir os ombros dela com um manto de cashmere macio e a levar para seu Jaguar conversível cinza pérola para uma praia particular à luz da lua, onde pediria perdão a ela aos beijos. No amanhecer, o veleiro dele flutuaria pela neblina para levá-los para terras distantes, e eles passariam o resto da vida tendo aventuras e transando. Ela queria o verdadeiro final hollywoodiano.

Daí o turbante.

Serena abriu a porta da sauna. O ar frio banhou seu rosto.

- Ih, Blair, que merda - ela ouviu Aaron dizer atrás dela. - Nem acredito que esqueci.

Tenho uma coisa para você.

E o que pode ser?

se você estiver chapado demais para encontrar sua amada, ame aquela que estiver com você

A porta da sauna se fechou às suas costas, e Serena andou pela casa de jogos em busca de um banheiro. Para uma casa de jogos, essa era bem grande. Continha uma mesa de pingue-pongue, dois sofás de couro marfim e um aquário com uma barracuda viva. Para não falar da sauna e do banheiro que estava por ali em algum lugar.

Alguém claramente tinha entrado na maconha do Sr. Coates, porque a cabeça de Apolo estava de lado na mesa de pingue-pongue, como uma bola de pingue-pongue gigante.

Ao lado do aquário, havia uma porta branca com uma foto de um menino azul e uma menina rosa de mãos dadas em decupagem. Serena a abriu.

Dentro, o banheiro era decorado em ouro e tinha uma daquelas estranhas pias baixas que sempre se viam nos hotéis europeus, mas que ninguém nunca usava.

Porque eram para lavar a bunda, isso não é tão vulgar?

A cortina do boxe era feita de plástico claro decorado com estrelas douradas. Atrás dela, sentado na banheira com o saco de maconha do Sr. Coates aninhado no colo, as roupas molhadas de água do mar e os olhos totalmente vermelhos e sonolentos, estava Nate

Archibald - o notoriamente desaparecido Nate. Serena puxou a cortina do boxe e entrou na banheira, apertando a toalha no corpo.

- Natie? O que está fazendo aqui? Por que não estava no barco?

Nate sorriu como um bobo. Serena estava nua, a não ser por uma toalha branca enrolada no torso. Era impossível não sorrir para ela; ela parecia uma deusa grega. A testa dela estava molhada, e o cabelo louro colado de suor, mas ela ainda era linda. Muito mais do que linda.

Ela puxou o cabelo para o alto da cabeça e abanou o rosto.

- Meu Deus, como estou quente.

É claro que Nate estava pensando a mesma coisa.

- Eu não devia estar aqui - confidenciou Nate como um idiota. - A placa diz, "É PROIBIDA A ENTRADA DE MENINOS".

Serena pegou um frasco de vidro de gel de banho Clarins da beira da banheira e o examinou. O primeiro ingrediente era água. Isso não significava água?, perguntou-se ela. Por que eles não diziam logo? Ela baixou o frasco novamente.

- Está tudo bem. O meio-irmão da Blair está aqui. E Dan Humphrey. Não acho que a política de não ter meninos vá dar certo.

Os olhos de Nate não desgrudavam da cara dela. Pequenas gotas de água estavam presas nos cílios louros. Meu Deus, ela era linda. Ele veio aqui para procurar a Blair, mas Serena estava bem aqui diante dele, usando só uma *toalha*.

- Decidi ir para Yale no ano que vem - irrompeu Serena, tirando as mechas molhadas de cabelo louro da cara. - Não contei a Blair ainda porque não quero que ela fique chateada caso não tenha conseguido entrar. Mas foi para onde eu decidi ir.

Nate assentiu. Era engraçado como o rosto de Serena e até a voz dela eram meio delicados, mas o corpo não era nada delicado. Era longo, sinuoso e forte, como uma corredora de maratona.

- Também vou para lá - disse ele meio tonto, a voz falhando. - Já mandei meu depósito. Serena sorriu.

- Vamos os dois para Yale!

Nate se curvou para ela e pegou a parte de cima de seus braços nus. Ele apertou o nariz no cabelo longo e liso de Serena. Tinha um cheiro doce e quente, como de verão.

- Hmmm - murmurou ele, e beijou o pescoço macio e quente, sentindo a mistura de óleo essencial de patchouli exclusiva que ela sempre usava.

Ei! Alerta de mulher errada!

Serena sorriu enquanto a boca de Nate viajava do pescoço dela aos lábios.

- O que está fazendo? - murmurou ela, sem afastá-lo. Já se passara algum tempo desde que eles se beijaram, e parecia legal. E claro que era meio errado, mas não era como se ela e Nate não tivessem se beijado antes, e de certa forma saber que iam ficar juntos no ano seguinte fazia com que tudo parecesse bem.

Ela fechou os olhos e se deixou beijar. A toalha caiu, e de certa forma a camiseta molhada de Nate pareceu ter caído também.

Era o final do ano, a formatura estava se aproximando rápido - não havia nada de errado em uns amassos comemorativos entre dois grandes amigos.

É, mas e aquela *outra* grande amiga?

ninguém faz melhor

Blair gotejava de suor e precisava desesperadamente de uma vodca com tônica. Ela agarrou a toalha.

- O que é? - perguntou a Aaron com impaciência.

Aaron se levantou e tateou os bolsos do short militar.

- Eu peguei - explicou ele. - Pelo menos espero que ainda esteja aqui. - Ele remexeu por um momento e depois sacou o que parecia um envelope branco molhado.

Blair fechou os olhos com força e depois os abriu. Tinha certeza absoluta de que sabia o que continha o envelope.

- E exatamente há quanto tempo está com ele? - perguntou ela, furiosamente, antes de pegá-lo da mão de Aaron.

Aaron deu de ombros, inocente.

- Chegou só hoje de manhã.

Mesmo através do vapor, Blair podia ver a conhecida insígnia azul-real de Yale impressa no canto superior esquerdo do envelope. A umidade fez com que o envelope se desintegrasse enquanto ela tentava abri-lo com as mãos trêmulas e impacientes.

- Mas que merda - disse ela, e o rasgou com os dentes.

Uma única folha de papel fina e mordida estava dobrada dentro dele. A vida dela estava na corda-bamba há meses. Era difícil acreditar que tudo dependia *disso*.

Os outros esperavam em um silêncio respeitoso.

Prezada Blair Waldorf,

Depois de muita reflexão, temos o prazer de lhe oferecer uma vaga na Universidade de Yale no próximo outono...

Blair agarrou a folha de papel no peito e disparou para fora da sauna.

- Serena! - guinchou ela, disparando pela casa de jogos e indo direto para o banheiro. Ela abriu a porta num átimo, esperando ver a amiga empoleirada inocentemente na privada.

No banheiro, um enroscar de pernas lindas, conhecidas e nuas a recebeu da banheira.

Nate e Serena pestanejaram como imbecis para ela, as cabeças douradas a centímetros de distância.

- Estávamos comemorando - gaguejou Serena. Ela saiu da banheira, a toalha mal colocada em volta do corpo nu, e apontou a folha de papel molhado na mão de Blair. - O que é? - perguntou, numa tentativa desesperada de mudar de assunto.

Blair teve vontade de lavar a boca perfeitamente angelical de Serena no bidê idiota dos Coates.

- Yale me aceitou. Até que enfim. - Ela semicerrou os olhos. - Como se você ligasse.

Nate se colocou de pé, cambaleando, derramando todo o saco de maconha na banheira e arrancando a cortina do trilho enquanto tentava se equilibrar. Apesar de enfurecedor, ele estava ainda mais lindo do que nunca. O cabelo castanho dourado estava ondulado do vento e do ar marinho, e o rosto estava corado do sol, da maconha e de beijar Serena. E aquele peito nu - fazia com que Blair se sentisse doente só de olhar.

- Ei, sabe de uma coisa, era disso que estávamos falando - murmurou ele, a língua pesada da mistura de maconha, confusão e culpa. - Eu e Serena, e agora você também. Todos vamos para Yale... Nós três!

Iuuuupiiiiii!

- Obrigada por me contar - rebateu Blair. Ela imaginara dividir uma garrafa de champanhe comemorativa com Serena na praia particular dos Coates. Depois ela cederia e ligaria para o celular de Nate e ele a raptaria da festa e faria um sexo louco com ela em outra praia.

Mas que imaginação a dela.

Nate ainda estava de pé na banheira, os pés descalços salpicados de maconha. Ela estendeu a mão e abriu a torneira do chuveiro ao máximo, numa chuveirada de água fria por toda a cabeça de Nate. Depois arrancou a toalha de Serena e a enfiou debaixo do braço, batendo a porta na cara mentirosa e traidora dos dois enquanto deixava o banheiro. Lexique ou sei lá que porra era o nome vagava pela casa de jogos naquela irritante túnica Missoni, as tranças quicando nos peitos sem sutiã, assim que Blair saiu pela porta.

- Ele está aí, né? Meu amor, meu Nate?

Blair arreganhou os dentes com uma satisfação maligna.

- Ah, sim. Está esperando por você no banheiro – disse ela à putinha francesa idiota, batendo a porta da casa de jogos às costas e seguindo direto para o bar da piscina.

Parecia haver mais homens do que mulheres debaixo da tenda. Damian, Lloyd e Marc, dos Raves, misturavam-se com as veteranas da Constance Billard, estendendo cigarros e cópias de seu novo single, "Irmãzinha desvirtuada", com ninguém menos do que Jenny Humphrey nos vocais. As meninas tinham tirado as camisetas e estavam todas de biquíni de cor pastel, parecendo figurantes num daqueles filmes de praia de Elvis.

Chuck Bass tentava convencer Rain Hoffstetter, Laura Salmon, Kati Farkas e Isabel Coates a se unirem a ele na academia militar.

- Não importa realmente para que universidade vocês vão. O que importa é a diversão que vão ter - Blair o ouviu dizer. - Só pense em como seria incrível se todos nós ficássemos juntos!

Blair foi até o bar, pegou uma garrafa pela metade de Absolut e a levou para a piscina.

- Ei, nada de vidro na piscina! - gritou Isabel pelo megafone.

Blair a ignorou e subiu a escada para a plataforma de mergulho. Deixou a toalha cair e andou até a ponta.

Uma diva nua de turbante com diamantes, agitando sua bebida preferida.

Ignorando os murmúrios de choque das colegas de turma e os gritos de prazer dos homens na tenda, Blair parou um momento para pensar. Ela e Nate obviamente tinham terminado - de novo -, e também ela e Serena - de novo. Ela estava morando justamente no Brooklyn, com Vanessa, uma careca com quem ela nem falava até uma semana atrás. E ela, finalmente, estava em Yale.

A maior parte de sua vida tinha sido um ciclo interminável de repetições, cheios das mesmas pessoas, as mesmas festas e previsibilidade. Até seus sonhos foram previsíveis, e ela preferia assim. Agora ela não tinha certeza do que esperar.

Ela levou a garrafa à boca e tomou um gole enorme antes de baixar a garrafa cuidadosamente na plataforma. Depois levantou os braços como flechas, ficou na ponta dos pés e mergulhou. Prendendo a respiração, ela imergiu na água azul-esverdeada, deliciando-se em silêncio. Atrás dela, o turbante com diamantes boiava na superfície. Pensando bem no assunto, todo este ano tinha sido uma série de altos e baixos, com mais baixos do que altos. Mas e daí que a vida dela não se transformasse no que ela imaginava nos filmes de sua mente, e todo o elenco de apoio tenha se transformado num bando de babacas? Ela estava prestes a mudar a filmagem para uma locação totalmente nova e

podia contratar todo um novo elenco. E ninguém sabia roubar o show melhor do que Blair.

A cabeça escura surgiu na superfície com um espadanar barulhento e dramático. Os outros encaravam, rindo embaixo da tenda, mas Blair não lhes deu atenção. Boiando de costas, ela entoou um versinho bobo para se animar.

- *Quatro, três, dois, um, só nove dias para eu me formar!*

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

FIM DE SEMANA DE SPA DAS VETERANAS = FIM DE SEMANA DE DOENÇA DAS VETERANAS

Acontece que quase todo mundo que usou a sauna, ou a piscina dos Coates ou pegou uma toalha emprestada de alguém que usou a sauna ou a piscina acordou com uma brotoeja revoltante na cara, que coçava e purgava. O pessoal do spa Origins foi mandado imediatamente para casa, e um dermatologista sério foi chamado para controlar os danos. Curiosamente, nossa bela banhista **B** não tinha uma marca no rosto. O dermatologista explicou que ela provavelmente estava imune, mas podia ser portadora. Ainda mais curioso, a brotoeja parecia exatamente a de um certo bebê a que **B** havia se exposto, apesar dos esforços da família para manter o bebê de quarentena. Bom, pelo menos todo mundo teve uma boa desculpa para faltar à escola na sexta-feira! E com 90% da turma de veteranas em quarentena, a Constance Billard não teve alternativa a não ser dar toda a semana de folga a elas.

B aproveitou a oportunidade e foi a Paris ver o pai e esbarrar na mãe vestida de Chanel na Margem Esquerda. Ao que parece, a mãe dela estava tentando comprar toda a empresa como um presente para **B** por finalmente conseguir entrar para Yale. Como a empresa não estava à venda, **B** se contentou com quatro saias, seis calças e três vestidos de noite como é sensata! **V** teria ido com ela, mas estava de quarentena, coitadinha. Não que ela não tenha se divertido brincando de médico com o namorado novo. E **S** e **N**? Ele foi visto a caminho da cobertura dela na Quinta Avenida com a desculpa de pegar emprestado o creme para assaduras, mas pode muito bem ter curtido uma brincadeira de médico também.

O QUE TODO MUNDO PODE DESEJAR ASSIM QUE A PELE FICAR LIMPA

Festas de formatura loucas em terraços.

Comprar vestidos de formatura que passem na regra de não ter decote mas não nos faça parecer empregadinhas.

Arrumar acompanhantes para as festas de formatura que não fiquem bêbados demais e vomitem em nosso vestido novo.

Comprar o par perfeito de saltos altos brancos para usar com nossos vestido de formatura. Não altos demais - temos que marchar para a formatura por ordem de altura, e ninguém quer ser a última.

Fazer uma lista de desejos de presentes de formatura. Alguém sabe soletrar *C-A-R-R-O*?

Ganhar tudo de nossa lista de desejos. Vroom, vroom, vroom!

Formatura!!!

ALGUNS NEGÓCIOS INACABADOS

Será que **S** e **N** são namorados? Se não, o que exatamente eles são?

B vai voltar a falar com eles? Ela vai se vingar?

B e **V** vão continuar a morar juntas, agora que **A** está sempre por ali?

Será que **D** vai continuar a ser um cara normal - mais ou menos? Ele vai conhecer uma garota normal?

J vai para um *colégio interno*? Será que vai ficar longe de problemas até chegar lá?

Será que vamos mesmo nos formar?!

Adivinha quem vai ter todas as respostas?

Pra você que me ama,
gossip girl

FIM

Créditos: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34725232>